

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

Janaína Cardoso da Silva

UM OUTRO BRASIL PARA OS FRANCESES:
narrativas e percepções sobre o país em festival de cinema documentário

Juiz de Fora
Agosto de 2018

Janaína Cardoso da Silva

**UM OUTRO BRASIL PARA OS FRANCESES:
narrativas e percepções sobre o país em festival de cinema documentário**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial a obtenção do grau de Mestre em Comunicação Social. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Orientadora: Prof.Dra. Christina Ferraz Musse.

Juiz de Fora
Agosto de 2018

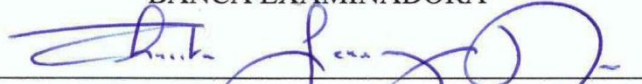
Janaína Cardoso da Silva

UM OUTRO BRASIL PARA OS FRANCESES: narrativas e percepções sobre o país em festival de cinema documentário

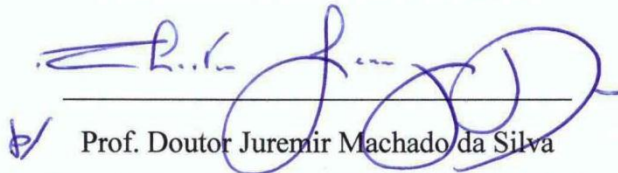
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Sociedade.

Aprovada em 28 de agosto de 2018

BANCA EXAMINADORA



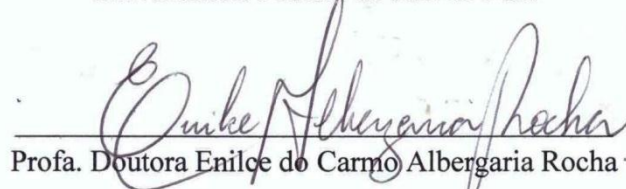
Profa. Doutora Christina Ferraz Musse – Orientador (a)
Universidade Federal de Juiz de Fora



✓ Prof. Doutor Juremir Machado da Silva
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



Profa. Doutora Teresa Cristina da Costa Neves
Universidade Federal de Juiz de Fora



Profa. Doutora Enilce do Carmo Albergaria Rocha
Universidade Federal de Juiz de Fora

Aos meus filhos Henrique e Giovana, que, inclusive,
nasceu junto com esta pesquisa, meu amor infinito.

Ao meu marido Marcelo e aos meus pais Lêda e Márcio, também
companheiros nessa jornada, meu eterno agradecimento, pois,
sem o seu apoio, amor e compreensão eu não teria conseguido.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à minha orientadora, a Profa. Dra. Christina Ferraz Musse, que acolheu com entusiasmo o projeto que propus como pesquisa de mestrado. O carinho, o incentivo e a amizade da Christina foram fundamentais para que eu persistisse mergulhando nesse trabalho.

Agradeço às professoras que integram esta banca e que aceitaram o convite de participar desta importante etapa de construção da minha dissertação de mestrado, desde a qualificação até a defesa: Teresa Neves e Enilce Albergaria. Muito obrigada também aos professores Juremir Machado, Cláudia Thomé e Anderson Luiz da Silva por aceitarem integrar a banca e contribuírem a pesquisa. Agradeço à secretária do PPGCOM, Aline Nycolette Pyrâmides Domingos, pela presteza com que sempre me atendeu nas solicitações sobre o mestrado ajudando muito em várias situações.

Agradeço a amiga Érika Campelo que iniciou comigo há 20 anos, uma grande amizade e o amor pela França e se disponibilizou a abrir as portas da ONG “*Autres Brésils*” para minha pesquisa. Aos estagiários da ONG fica também meu muito obrigado por tantos e-mails trocados e dados enviados. Agradeço aos entrevistados Jorge da Costa, Ivan du Roy e Anne Marie Autissier que aceitaram contribuir com suas opiniões para o enriquecimento da pesquisa. Ao escritor e amigo Eduardo Bueno, meu muito obrigada pelo ponta pé inicial.

Aos amigos da PPGCOM, meu carinho por tanta atenção dispensada quando precisei. Aos integrantes do grupo de pesquisa Comcime, agradeço as oportunidades de leitura, pesquisa, trabalho, trocas e amizades. E um enorme muito obrigado para a amiga Rosali Henriques pela grande ajuda no último semestre desta dissertação.

E, por fim, eu agradeço aos meus filhos Henrique e Giovana pela paciência e pelo tempo que não pude me dedicar a eles neste processo de dois anos e meio de construção do trabalho, ao meu marido Marcelo por estar sempre disposto a me apoiar e pela enorme paciência. Acredito que os frutos dessa conquista irão compensar todo o esforço que tiveram que empenhar por mim nesse processo. Aos meus pais Lêda e Márcio que muito me ajudaram ficando com as crianças inúmeras vezes, enquanto eu escrevia as páginas deste trabalho. Pai e mãe, o amor e o incentivo de vocês foram essenciais. A todos os outros familiares e, sobretudo, a minha irmã Iara eu agradeço o apoio incondicional.

RESUMO

Em tempos de globalização em que culturas distantes se encontram em novas experiências de vivência do espaço-tempo, o despontar de novos narradores, fruto do desenvolvimento tecnológico e da multiculturalidade, é discutido através de um festival de documentário brasileiro, *Brésil en Mouvements*, realizado há 13 anos, na França. A iniciativa pretende melhorar a compreensão sobre várias questões cruciais à sociedade brasileira divulgando um outro olhar sobre a realidade do país, sobretudo, em assuntos sociais, políticos e ambientais superando clichês e preconceitos. A pesquisa aborda, através de revisão bibliográfica histórica, a construção e a consolidação de uma percepção estereotipada e simplista dos franceses acerca do Brasil no tempo, através de levantamento de dados e relatos que revisitam a relação entre os dois países.

Palavras-chave: França. Cinema. Imaginário. *Autres Brésils*. Festival documentário.

ABSTRACT

In times of globalization in which distant cultures find themselves in new experiences of space-time experience, the dawning of new narrators, the fruit of technological development and multiculturalism, is discussed through a Brazilian documentary festival, *Brésil en Mouvements*, held there 13 years in France. The initiative intends to improve understanding about several issues that are crucial to Brazilian society by giving another look at the reality of the country, especially in social, political and environmental issues, overcoming clichés and prejudices. The research approaches through a historical bibliographical review, the construction and consolidation of a stereotyped and simplistic perception of the French about Brazil in time, through data collection and reports that deal with the relationship between the two countries.

Keywords: France. Imaginary. Cinema. *Autres Brésils*. Documentary festival.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Página principal do site	61
Figura 2 – Seções mais consultadas no site	63
Figura 3 – Gráficos de visitas por dia e por mês	63
Figura 4 – Cartaz do 1º Festival BEM.....	65
Figura 5 - Cartaz do 4º Festival BEM	67
Figura 6 - Cartaz do 11º Festival BEM.....	69
Gráfico 1 – Quantidade de filmes exibidos	72
Gráfico 2 – Número de filmes exibidos no festival.....	73
Gráfico 3 – Total de público	75
Gráfico 4 – País de produção dos filmes	76
Gráfico 5 – tipo de filme exibido.....	77
Gráfico 6 – Duração dos filmes.....	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela de temas dos filmes apresentados nos festivais.....	80
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A CONSTRUÇÃO DE IMAGINÁRIOS	19
2.1 AS RELAÇÕES INTERCULTURAIS.....	19
2.2 AS QUESTÕES IDENTITÁRIAS E O IMAGINÁRIO	22
2.3 ESTEREÓTIPO, CLICHÊ E EXÓTICO	26
3 A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOBRE O BRASIL NA FRANÇA	30
3.1 DO SÉCULO XVI AO XIX: PRIMEIROS CONTATOS, RELATOS E IMPRESSÕES ..	30
3.2 SÉCULOS XX E XXI: ABORDANDO O IMAGINÁRIO PLURIDISCIPLINAR.....	45
3.3 2005: O ANO DO BRASIL NA FRANÇA	51
4 UM OUTRO BRASIL PARA OS FRANCESES: A ONG <i>AUTRES BRÉSILS</i>.....	57
4.1 A HISTÓRIA DA ONG E SUA PROPOSTA.....	57
4.2 A PRESENÇA DA <i>AUTRES BRÉSILS</i> NA INTERNET	60
4.3 A CRIAÇÃO E CONFIGURAÇÃO DO FESTIVAL “ <i>BRÉSIL EN MOUVEMENTS</i> ”	64
5 O FESTIVAL DE CINEMA <i>BRÉSIL EN MOUVEMENTS</i> (BEM).....	70
5.1 O FESTIVAL BEM: ANÁLISE QUANTITATIVA	70
5.2 O BEM E A VISÃO DO BRASIL PARA O PÚBLICO FRANCÊS.....	78
5.2.1 Amazônia.....	81
5.2.2 Índios	84
5.2.3 Meio Ambiente	87
5.2.4 Acesso à terra e movimentos sociais	92
5.2.5 Economia solidária	95
5.2.6 Cidades	96
5.2.7 Favelas	100
5.2.8 Exclusão social	102
5.2.9 Mulher brasileira	103
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS	112
ANEXOS	117

1 INTRODUÇÃO

A França exerceu seu fascínio em minha vida, desde quando me aventurei em 1994 na prazerosa descoberta de sua língua, cultura, história e peculiaridades. A porta de entrada, o aprendizado da língua francesa se revelou, depois, uma ponte eterna que atravesso desde então, simbolicamente, todos os dias. Ainda em 1997, ano em que me graduei em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, a França já estava lá. Em meu trabalho de conclusão de curso, monografia, refleti fazendo uma comparação com a forma de fazer jornalismo entre a França e o Brasil no contexto dos anos 90. Juntamente com a colega Érika Campelo, pesquisei as diferenças na abordagem das notícias veiculadas em jornais impressos entre os dois países. Enquanto a imprensa brasileira se vangloriava de sua opção pela imparcialidade, a imprensa francesa já havia adotado abertamente a parcialidade nas páginas de seus jornais. O trabalho “Parcialidade x imparcialidade: a face francesa e a máscara brasileira” se propôs a desconstruir essa vertente que se pretende objetiva, apontando a parcialidade escondida nas entrelinhas da imprensa brasileira e parcialidade saudável da imprensa francesa que possui veículos com linhas editoriais declaradas. A professora Teresa Neves foi a orientadora deste trabalho que conteve também um levantamento histórico sobre a criação e evolução da imprensa de cada um dos dois países.

Passados quase 20 anos, depois de longo percurso profissional na área de comunicação interna empresarial, *endomarketing*, *marketing*, organização de eventos corporativos em multinacionais e também como gestora de empresa, uma pós-graduação em *Marketing*, um *Master Business Administration* em *Marketing* e diversos cursos de gestão, decidi voltar à universidade. E a França voltou comigo. Após contato profissional e incentivo da professora Christina Musse, decidi então aceitar o desafio. Iniciei cursando duas disciplinas isoladas onde pude ter contato novamente com a literatura acadêmica e prestei a seleção de mestrado em 2015.

Decidi continuar minha parceria dos anos de Faculdade e trabalhar um conteúdo inédito: dois festivais de cinema documentário organizados pela ONG *Autres Brésils*, criada em Paris, pela amiga e parceira Érika Campelo. O “*Brésil en Mouvements*” (BEM) acontece todos os anos na França desde 2005, e exhibe filmes sobre um Brasil profundo, complexo e bem longe dos clichês usuais e históricos sobre o país difundidos há séculos na França; e o “Social em Movimentos” (SEM), festival de cinema francês, que a ONG organiza do Brasil desde 2009, exhibe também filmes brasileiros com objetivo de retratar experiências e testemunhos e estabelecer particularidades comuns e divergentes entre as duas realidades,

cruzando os pontos de vista franceses e brasileiros sobre determinado tema social. A ONG aposta nas imagens como instrumento para destacar paralelos, diferenças e convergências entre ambas as sociedades. No entanto, durante o processo da pesquisa, conjuntamente com minha orientadora, decidi focar a análise apenas no BEM, uma vez que o material já era suficiente para corroborar com a minha hipótese de pesquisa.

Essa dissertação pretende abordar a construção histórica e a consolidação da visão dos franceses sobre o Brasil, desde que os primeiros aventureiros se lançaram no Atlântico em busca da madeira do “pau-brasil”, ainda em 1503, e começaram a levar índios, espécimes da flora e fauna nacionais para serem exibidos aos reis e à corte francesa, passando pela frustrada tentativa de consolidação de uma França Antártica no Rio de Janeiro, e de uma França Equinocial, no Maranhão, além de duas invasões à Baía de Guanabara, entre outros fatos da história que foram estabelecendo laços e aguçando a curiosidade entre os dois países, solidificando imaginários que um festival de cinema documentário, realizado há 13 anos na França, propõe questionar. O festival de cinema documentário social “*Brésil en Mouvements*” (BEM), objeto de estudo desta dissertação, que é organizado pela ONG franco-brasileira “*Autres Brésils*”, incentiva o público francês a compreender o Brasil sob novos ângulos, enxergando em grande angular questões socioculturais, políticas, históricas e ambientais brasileiras através da descoberta, do aprofundamento e também da aproximação e distanciamento entre as realidades dos dois países.

Algumas questões instigaram esta pesquisa, desenvolvida durante dois anos de mestrado: quais as opiniões sobre a narrativa veiculada na França sobre o Brasil? Quais suas impressões sobre o nível de informações do francês sobre o Brasil? Há um imaginário clichê que perdura? Estas e outras questões foram formuladas no intuito de pesquisar as origens ideológicas da fundação da ONG.

A pesquisa tem como hipótese a afirmação de que o festival de cinema documentário e suas narrativas se distanciam dos clichês consolidados no imaginário francês sobre o Brasil, desconstruindo a ideia do país de natureza exuberante, de cultura exótica, pobre, que samba, joga futebol e tem muito destaque na mídia francesa em tragédias ou factuais, em sua maioria, negativos. Nesse sentido, é lícito perguntar se o BEM vem conseguindo, através das temáticas das produções cinematográficas escolhidas para serem exibidas na tela do cinema e debatidas com intelectuais após as sessões, atingir sua missão de desconstruir uma imagem estereotipada, fragmentada e desenhada historicamente, que é mantida pelas produções culturais hegemônicas e pela mídia.

O projeto de pesquisa que desenvolvemos nos dois anos de mestrado pretende

relatar a experiência da ONG, *Autres Brésils*, criada em Paris, em 2002, organizadora do festival de cinema, que desponta como um novo narrador num mundo globalizado, onde as contradições entre a mensagem homogeneizada e hegemônica e a preservação, redescobertas e reafirmações de identidades nacionais estão em pauta. A ONG promove, através do seu *site* de notícias sobre o Brasil na *internet* e do BEM, um questionamento da percepção francesa acerca da identidade e da realidade brasileiras solidificadas através de narrativas hegemônicas, lançando conteúdos que ensaiam despertar um novo olhar sobre o Brasil.

A pesquisa pretendeu abordar conceitos e reflexões acerca da consolidação de imaginários em relação ao “outro”. Nossa intenção foi mapear e descortinar a consolidação de uma visão estereotipada do Brasil na França baseada em revisão bibliográfica histórica, depoimentos de franceses e na descrição de pesquisa aplicada ao público francês no evento “Ano do Brasil na França”, realizado em 2005. E, através da análise das 13 edições do festival de cinema documentário social “*Brésil en Mouvements*”, de sua programação, temas privilegiados e suas abordagens, apontar e legitimar o objetivo do festival em sua tentativa de desconstruir essa visão clichê do francês sobre o Brasil.

Em relação à parte histórica, a dissertação destaca momentos importantes e personagens brasileiros que contribuíram para a formação de um imaginário do francês sobre o Brasil. No livro “Brasil-França ao Longo de Cinco Séculos” (1979), redigido pelo membro da Academia Brasileira de Letras e ex-embaixador do Brasil, em Paris, Aurélio de Lyra Tavares, o autor busca cronologicamente rasgar horizontes, lembrando episódios que marcaram a relação entre os dois países, desde que os primeiros franceses se aventuraram pelas terras tropicais da América do Sul, ainda no século XVI. O autor rememora fatos que marcaram essa relação. Nessa mesma angulação, segue o livro do jornalista Maurício Assumpção, “A História do Brasil nas Ruas de Paris” (2014). Através de um extenso trabalho investigativo, Assumpção utiliza mais de 170 monumentos, placas e ruas da capital francesa para refazer a trajetória de célebres personagens da história brasileira que deixaram seu legado na França como D. Pedro I, D. Pedro II, Alberto Santos Dumont, Heitor Villa-Lobos, Oscar Niemeyer, Lúcio Costa, entre outros. Brasileiros que, com suas atitudes intelectuais e inventivas, aguçavam a curiosidade dos franceses a respeito do Brasil, contribuindo de alguma forma, para a construção da imagem que o francês possui do país. Há destaques inclusive, sobre a cobertura jornalística francesa a estas celebridades e histórias de como os franceses enxergavam a burguesia brasileira no despertar do século XIX, que desfilava, rústicamente e endinheirada, pelas ruas de Paris. Trabalhos como o das historiadoras Lília Moritz Schwarcz e Isabel Lustosa foram também consultados acerca de suas pesquisas sobre

as passagens de Dom Pedro I e D Pedro II, na capital francesa. A partir de Wilson Veado, pretendemos enriquecer o trabalho adicionando outras peculiaridades sobre os inventos de Santos Dumont e sua vida de fama em Paris. No livro “O índio brasileiro e a Revolução Francesa”, concebido pelo professor de história e político, Afonso Arinos de Melo Franco, pesquisamos informações sobre a criação do mito do “Bom Selvagem” que tanto marcou a literatura de relatos sobre o Brasil, transformando o índio brasileiro em ideal de vida mais feliz, em contraponto com mazelas impregnadas na sociedade europeia da época. Personagem que invadiu os imaginários franceses por séculos. A “Missão Artística Francesa”, que trouxe, no início do século XIX, diversos intelectuais de vários setores culturais para atuar e fomentar o estudo das artes no Brasil, entre eles o pintor Debret, foi analisada para esta pesquisa no livro original produzido pelo autor: “Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil”, de 1818, em edição de 1985. O mesmo será realizado com “Viagem à terra do Brasil”, do viajante Jean de Lery, e seu relato detalhado sobre a vida dos índios Tupinambás redigido em 1557, na Baía de Guanabara, grande sucesso editorial da época, em Paris. Contudo, um dos autores mais citados na pesquisa será o sociólogo franco-brasileiro Mário Carelli, autor das obras, “Brasil-França, cinco séculos de sedução” e “Culturas cruzadas. Intercâmbio culturais entre França e Brasil” que esboçam o cruzamento de duas naturezas imaginárias, destacando cada fator histórico, cada autor, cada intelectual, movimentos artísticos, filosóficos, enfim, ideais que influenciaram a construção de olhares entre os dois países através de “fluxos e refluxos pacíficos de duas culturas orgulhosamente autônomas e jamais submissas uma à outra pelos acasos da história” (CARELLI, 1993, p.15).

Para a realização desta análise sistêmica de conteúdo, a pesquisa utilizou a metodologia desenvolvida pela professora de psicologia, a francesa Laurence Bardin, cujo método foi originário tradicionalmente na hermenêutica, na retórica e na lógica e pode ser aplicado em diversas áreas de estudo. O objetivo inicial foi aplicar a metodologia de Bardin para categorizar os 225 filmes escolhidos pelos organizadores para integrarem a programação das 13 edições do festival “*Brésil en Mouvements*”, BEM, desde sua primeira edição, realizada em 2005. Era necessário organizar os filmes e seus dados para que a pesquisa temática pudesse ser iniciada. A metodologia de investigação de Bardin se encaixa com os objetivos pretendentes do estudo já que “através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações” (BARDIN, 2016, p.42). Bardin afirma que seu trabalho visa determinar a influência cultural das comunicações de massa em nossa sociedade. Seguindo a metodologia da autora, o trabalho de análise foi dividido em três fases distintas: 1. organização

da informação a ser pesquisada; 2. exploração, tratamento e organização anual e categorial do material; 3. inferências e a interpretação.

Primeiramente, optamos por organizar o material por ano de realização, em categorias que incluem a data da exibição do filme, o título, o tema do filme baseado nas temáticas que nomeiam as sessões, nome do diretor, duração do filme, tipo de filme (curta, média, longa-metragem), ano de produção e sinopse. Em um segundo momento, traduzimos as 225 sinopses dos filmes para o português com a finalidade de melhorar a compreensão da narrativa de cada filme no momento da interpretação da análise de conteúdo. Nossa intenção foi produzir, nestas primeira e segunda fases, através da organização deste material, uma análise quantitativa dos festivais como o número de filmes e debates totais realizados, a porcentagem de curtas, médias e longas, número de diretores brasileiros e estrangeiros, temáticas mais relevantes e com maior concentração de filmes exibidos e etc. Utilizando-se dos dados gerais obtidos com a ONG, avaliamos, neste capítulo, ainda, a evolução do público em 13 anos de evento. Na terceira fase, aprofundamos o estudo criando temáticas gerais e específicas inspirados nas temáticas definidas pelos organizadores do festival para intitular as sessões cinematográficas.

Em uma análise de conteúdo qualitativa das temáticas exibidas, levando em consideração as sinopses das narrativas dos filmes, a dissertação estabeleceu, neste momento, uma classificação categorial temática com temas gerais e sub temáticas avaliando a abordagem das narrativas dos filmes descritas pelas sinopses criando inferências (indução a partir dos fatos) relativas à parte teórica. A categorização elaborada pela pesquisa estabeleceu 23 temas gerais onde foram alocados os 225 filmes exibidos nos 13 anos, de acordo com a sinopse, em subcategorias temáticas. A classificação deste material em unidades de significação com codificação previamente determinada foi a base para a etapa de análise. A construção da análise de conteúdo partiu da escolha de temas que pudessem dialogar com o capítulo de revisão bibliográfica histórica, com as entrevistas de franceses que trabalharam, vivem ou se relacionam com o país, com os dados sobre pesquisas realizadas com o público francês no evento “Ano do Brasil na França” e, ainda, com as entrevistas realizadas com os fundadores da ONG. A interpretação resultante desta última etapa de categorização temática, visou a atingir o objetivo proposto pela dissertação ou destacar novas descobertas que pudessem emergir durante o estudo. Através, sobretudo, de técnicas sistemáticas e descrições do conteúdo das mensagens, Bardin cria um método para analisar as comunicações. “Fazer uma análise temática consiste em descobrir núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo

analítico escolhido” (BARDIN, 2016, p.135). A base de sua técnica de análise são os testes de associação de palavras (estereótipos e conotações) e a categorização que prevê a classificação de elementos constitutivos através de agrupamento segundo critérios previamente definidos que podem ser semânticos, léxicos, sintáticos e expressivos. Para esta pesquisa, foi utilizado o critério de classificação temático semântico onde o conteúdo foi agrupado de acordo com o tema para que a análise pudesse se relacionar à parte teórica com objetivo de verificação da hipótese.

O livro “A voz do passado” (1992), de Paul Thompson, e as técnicas criadas por ele para coleta de relatos orais foi a base para a realização do trabalho de gravação de entrevistas em profundidade com franceses que possuem relações com o Brasil e com brasileiros que vivem ou viveram na França por um longo período. Durante o processo de pesquisa entrevistamos os criadores da ONG “*Autres Brésils*”, Érika Campelo e Jorge da Costa, com o objetivo de pontuar as motivações que os levaram a fundar a ONG e lançar o festival de cinema documentário brasileiro em Paris, além de suas impressões sobre a cobertura da mídia francesa a respeito da realidade brasileira na atualidade, suas percepções sobre o imaginário dos franceses acerca do país e a decisão de exibir apenas filmes não ficcionais nas mostras cinematográficas. A pesquisadora francesa, Ane-Marie Autissier, especialista em cultura brasileira, também foi entrevistada com o objetivo de apurar seus conhecimentos, interesses, suas primeiras percepções sobre o Brasil e suas constatações acerca do nível de informação dos franceses em relação ao país. O jornalista político Ivan du Roy, casado com uma brasileira há mais de dez anos, foi também inserido no estudo, a fim de somar suas impressões do Brasil antes e depois de passar a frequentar regularmente cidades do país como turista e jornalista.

Para uma melhor organização do conteúdo, dividimos a dissertação em cinco capítulos principais. Cada capítulo será subdividido em três subcapítulos, sendo que no capítulo de análise, por questões metodológicas, optamos por apresentar apenas dois subcapítulos. No primeiro capítulo, que é a introdução, apresentamos o porquê da escolha do tema, a delimitação do mesmo, os métodos e técnicas empregados na pesquisa e a estrutura final da dissertação.

O segundo capítulo é o capítulo teórico da dissertação. Nele, abordamos os autores que trabalham com conceitos que nos ajudam a entender o objeto pesquisado a partir da ótica da construção do imaginário. Optamos por estudar o Festival “*Brésil en Mouvements*” a partir das relações interculturais e sob a ótica das questões identitárias e do imaginário. Além disso, abordamos três aspectos que nos ajudam a entender a percepção dos

franceses sobre o Brasil: o estereótipo, o clichê e o exótico.

No terceiro capítulo, abordamos a construção do imaginário sobre o Brasil na França. Com base em autores franceses que publicaram textos sobre o Brasil e sobre brasileiros famosos de diversas áreas culturais e profissionais que viveram e foram destaque em Paris, no século XIX e XX, vamos entender como os franceses percebiam o Brasil desde o século XVI, até o ano de 2005, “Ano do Brasil na França” e marco no lançamento do festival de cinema documentário “*Brésil en Mouvements*”. Optamos por não realizar um estudo sobre as narrativas midiáticas hegemônicas contemporâneas sobre o Brasil na França para que o estudo não se alongasse e não perdesse o seu foco. Os caminhos escolhidos para retratar a construção desse imaginário não se pretendeu ser, obviamente, um estudo exaustivo, mas objetivou traçar um percurso de consolidação da visão dos franceses sobre o Brasil, a fim de criar subsídios para a análise do objeto, explicitada no quinto capítulo.

O quarto capítulo apresenta um histórico sobre a ONG “*Autres Brésils*”: sua fundação, concepção e dinâmica de trabalho. Também nos interessa entender como funciona o *site*, principal veículo de comunicação desta associação. Apresentaremos ainda, um histórico da criação do festival de cinema documentário. No entanto, a análise detalhada do mesmo será objeto do capítulo a seguir.

No quinto capítulo, através de entrevistas com os fundadores da ONG, pesquisamos as motivações para a criação do festival, os objetivos com a opção de exibição exclusiva de filmes documentários, os parâmetros para escolha das temáticas escolhidas para cada ano, a metodologia de análise para escolha dos filmes que serão exibidos, a construção das temáticas e dinâmicas dos debates, a escolha dos convidados, as ferramentas utilizadas para divulgação do evento na França e no Brasil, além das matérias geradas na imprensa acerca dos dois festivais. Utilizando-se dos números qualitativos apurados em pesquisas realizadas pela própria ONG com o público durante os dias de festival e disponíveis nos relatórios de cada ano, este capítulo traz ainda informações acerca da participação e perfil do público e sua evolução durante os anos de realização do evento. Logo após essa apresentação, elaboramos uma descrição geral das 13 edições dos festivais, a fim de destacar as características mais relevantes como temas com maior incidência de filmes exibidos, porcentagem de cada tipo de filme, número de diretores brasileiros e estrangeiros com documentários na programação, número de debates e encontros realizados e a apresentação de alguns eventos culturais paralelos organizados durante o festival. Em um terceiro momento, uma análise de conteúdo foi efetuada sobre os temas trabalhados pelo festival, objeto deste estudo, interpretando algumas das temáticas abordadas na tela. Dados qualitativos acerca das

temáticas recortadas pela pesquisa e privilegiadas nos filmes foram analisados através das suas sinopses em relação à quebra ou reforço de clichês brasileiros impregnados no imaginário francês e ainda acerca da proposta da ONG organizadora em superá-los. Para isso a análise utilizou por base os capítulos teóricos.

2 A CONSTRUÇÃO DE IMAGINÁRIOS

2.1 AS RELAÇÕES INTERCULTURAIS

Néstor García Canclini, em “Consumidores e Cidadãos” (CANCLINI, 2001), discute a crise atual no sentimento de pertencimento da sociedade pós-moderna, constantemente bombardeada por narrativas hegemônicas focadas no consumo global de produtos padronizados, hábitos lançados pelas estratégias de *marketing* mundiais e comportamentos ditados por marcas. Sob a ótica neoliberal, o autor analisa o agravamento da desigualdade criada pela globalização e sua relação com as multiculturalidades. A reflexão sobre identidades na contemporaneidade também é analisada por Stuart Hall em “A Identidade Cultural na Pós Modernidade” (2001), livro que reflete as mudanças estruturais de classe, etnia, raça e nacionalidades ocasionadas pela globalização e a quebra virtuais de fronteiras. Hall discute as três concepções de identidades na história mundial e sua evolução na modernidade tardia, quando as culturas nacionais são cada vez mais comunidades imaginadas e fragmentadas pela mundialização. Assunto abordado também por Canclini em “A Globalização Imaginada” (2007), obra que discute a variedade de intercâmbios, desencontros e desigualdades na modernidade.

Canclini (2007) assegura que cada profissional, classe social ou habitante de países centrais ou periféricos pensam e vivem a globalização de formas variadas. Para ele, a homogeneidade está em constante luta com as diferenças culturais espalhadas pelo globo. Aprofunda ainda seus estudos ao mostrar como se globalizam as artes visuais, a cidadania, as editoras e etc. Sob essa mesma perspectiva, Andreas Huyssen (2014), em “Culturas do Passado e Presente”, vai ainda mais longe ao propor que a própria modernidade pode ser apenas uma ideologia criada para sustentar o símbolo de um neoliberalismo econômico global, que promove distorções e consequências na política da memória, esquecimento e direitos humanos de povos pelo mundo.

As culturas nacionais são formadas por tradições, mitos fundacionais, eventos históricos, além do sentimento de pertencimento e de origem, do desejo de viver em conjunto e da perpetuação hereditária de costumes, consolidando nas pessoas uma ideia de identidade cultural única. O sociólogo Stuart Hall (2001) esclarece que, ao considerar ideias de passado e presente, os elementos que se constituem o entendimento de nação habitam o imaginário de cada povo salientando que, a unificação de culturas, antes separadas, se deu, em sua grande maioria, através de invasões, guerras e conquistas violentas. Considera, ainda, o fato de as

nações serem compostas por diferentes classes sociais, grupos étnicos diversos e multiplicidade de gêneros. Adicione-se a isso o fato das nações ocidentais modernas terem tido grande influência no período colonialista, exercendo hegemonia cultural sobre os povos colonizados. Ao incluir a diferença na unidade, Hall (2001) descortina dentro de cada cultura, o mito do intocável, abrindo o pensamento para uma possível flexibilidade de encontros e influências constantes de umas sobre as outras. E foi exatamente na modernidade tardia, que essa avalanche de influências foi potencializada pela globalização, movimento econômico-social que aproximou pessoas de diferentes culturas, abrindo possibilidades de intercâmbios culturais, de experimentação, de contato com novas narrativas comunicacionais, o que nem sempre se traduz por processos de simbioses pacíficas. Para Nestor García Canclini (2007), é impossível entender a globalização se não compreendermos os “dramas da interculturalidade e da exclusão, as agressões e autodefesas cruéis do racismo e as disputas, amplificadas em escala mundial, para marcar a diferença entre o outro que escolhemos e o vizinho compulsório” (CANCLINI, 2007, p.46). Ao avaliar processos globalizadores, devem-se levar em consideração que a mudança do espaço-tempo ocasionado, sobretudo, pelos avanços tecnológicos e o afrouxamento de fronteiras, facilitou e incentivou o tráfego ainda maior de pessoas e informações ao redor do globo. De acordo com García Canclini (2007), é necessário considerar essa troca cultural constante de pessoas que migram, viajam, que não vivem onde nasceram, que compram mercadorias, conversam com pessoas distantes e que assistem cinema e televisão de outros países. “A globalização sem a interculturalidade é um *OCNI*, um Objeto Cultural Não Identificado” (CANCLINI, 2007, p.46). Contudo, o autor não menospreza a força da globalização em criar oportunidades de transmissão de mensagens com amplitude global. Até mesmo o capitalismo, que planta um mundo homogeneizado, precisa da multiplicidade para sobreviver. “Há em nosso futuro muitas mais oportunidades do que a opção entre o *Macdonald’s* e Macondo” (CANCLINI, 2007, p.46).

A definição de cultura, até os anos 1990, como “processo de produção, circulação e consumo da significação na vida social” (CANCLINI, 2007, p.57) foi aprimorada por teóricos como Appadurai, citado por Canclini (2007), que optou por defini-la como “diferenças, contrastes e comparações” (APPADURAI, 1997 apud CANCLINI, 2007). Para Frederic Jameson, “a cultura, portanto, deve ser apreciada como um veículo ou meio pelo qual a relação entre os grupos se efetua” (JAMESON, 1993 apud GARCIA CANCLINI, 2007). E é da indústria cultural a missão de desconstruir o endógeno, homogeneizando estilos, mensagens e narrativas. Neste novo projeto, fruto da globalização, as culturas nacionais e suas regionalidades só são difundidas por meio de empresas transnacionais. Canclini (2007)

ênfatiza que, em termos culturais é, sobretudo, na música, no cinema, na televisão e na informática que a globalização exerce reordenações que geram tensões entre a homogeneização e as diferenças culturais entre países e regiões. Ampliou-se, na modernidade tardia, o olhar de uns sobre os outros.

As iniciativas de integração entre culturas e a construção de imaginários supranacionais formatados pela globalização para Canclini (2007), não são suficientes para que os cidadãos sintam essa identificação compartilhada e interiorizem essa nova escala do social. A tensão da oposição entre local e global nasce dessa dicotomia entre aceitar o mundial e conviver com o regional, o identitário, o nacional. Para o autor, se faz necessário elaborar conceitos novos que analisem a redistribuição do que é próprio e do que é alheio, da maneira de se comunicar com o diferente e as mudanças na forma de se fazer cultura no mundo moderno.

Não penso que, hoje, a opção central seja entre defender a identidade ou nos globalizar. Os estudos mais esclarecedores do processo globalizador não são os que apontam para uma revisão de questões identitárias isoladas, mas os que propiciam a compreensão do que podemos fazer e ser com os outros, de como encarar a heterogeneidade, a diferença e a desigualdade (CANCLINI, 2007, p.28).

Ao não se acomodarem no discurso homogeneizador da globalização e se aventurarem a atravessar fronteiras, se despindo de lentes que só enxergam o estereótipo, alguns atores sociais começam a reescrever a multiculturalidade no século XXI. “Há que elaborar construções logicamente consistentes que possam ser contrastadas com as maneiras como o global estaciona em cada cultura e com os modos como o local se reestrutura para sobreviver e, talvez tirar algum proveito das trocas que se globalizam”. (CANCLINI, 2007, p.33).

A visão de um narrador externo sobre uma determinada cultura da qual não é originário, nem sempre vai refletir a diversidade particular e especificidades históricas, culturais e sociais do país narrado em um mundo em que o próprio objeto narrado vivencia o conflito entre o local e o global. O olhar em grande angular sobre o outro, a compreensão de uma essência identitária pelo estrangeiro será sempre uma complexa interpretação. Contudo, há iniciativas que visam quebrar esse ciclo hegemônico e reducionista da narrativa sobre si mesmo e sobre o outro, aproveitando justamente os benefícios tecnológicos da globalização, que permite difusões amplificadas das comunicações e possibilidades várias de deslocamento de pessoas entre países.

2.2 AS QUESTÕES IDENTITÁRIAS E O IMAGINÁRIO

Na mídia, no cinema, na arte e na literatura, o mundo é representado segundo a visão de autores de livros, jornalistas, filósofos, pintores, escultores, fotógrafos, cineastas e através de uma pluralidade de formas de expressões artísticas e acadêmicas, que comunicam realidades, narrativas históricas, ideologias, sentimentos e ideias muito antes da globalização como conceito difundido nos dias de hoje.

A negociação de diversidades é uma opção que vem sendo testada por circuitos internacionais de agências de notícias, governos, galerias de arte, museus, eventos culturais, editoras com atuação simultânea em vários continentes. Ao invés de contraporem o local e o global, ensaiam novos caminhos, criando oportunidades de integração cultural inaugurando inusitadas angulações de visões sobre o “outro”¹.

No momento em que a TV e a *internet* facilitam, aceleram o fluxo de informação e fundamentam a visão pessoal acerca da alteridade no mundo globalizado, evoluem não apenas as narrativas, mas também o narrador. Escolas, filmes, cinema, livros, eventos, a facilidade de deslocamento, *sites*, *blogs*, redes sociais e a mídia continuam construindo diariamente olhares sobre o “outro”, o diferente, o distante. No processo de globalização, comunidades longínquas vão especialmente sendo integradas e conectadas em novas combinações de tempo e espaço, como relata Hall (2001). “Essas novas características temporais e espaciais [...] estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeito sobre as identidades culturais” (HALL, 2001, p. 68). Basta um clique para que se consiga ultrapassar fronteiras viajando virtualmente para qualquer lugar do planeta. Há uma sensação de que o mundo encolheu. A comunicação eletrônica e audiovisual abriu novas possibilidades de representações de povos, culturas, identidades, acontecimentos e histórias, consolidando-se como uma possibilidade de pluralidade de pontos de vista.

As narrativas ocupam espaço importante nas disputas de poder há séculos. Contudo, sobretudo no século XXI, foram potencializadas por processos tecnológicos e ideológicos globalizantes se configurando, frequentemente, nas principais porta vozes de identidades pelo mundo. Porém, as identidades, que se constituem de sistemas simbólicos compreendidos através da linguagem, estão em meio a uma crise, segundo Bauman (2004). De acordo com o autor, na sociedade capitalista tardia, as identidades sociais, culturais e sexuais tornaram-se líquidas. As comunidades, hoje, marcadas por novos laços sociais que

¹ O termo “outro” será utilizado para definir o diferente, o altero.

ultrapassam a noção original de vida e destino, passam a figurar a união de ideias semelhantes e são experienciadas de múltiplas formas, inclusive em configurações virtuais.

Na visão de Bauman (2004), as identidades no mundo globalizado são tão plurais e fluidas quanto o mundo é “policultural”. “As identidades flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta” (BAUMAN, 2004, p.19). As identidades nacionais que tradicionalmente eram constituídas por vivências culturais comuns, tradições e histórias compartilhadas por um mesmo povo sob a força representativa do mito fundador², segundo Hall (2001), foram sendo abarcadas e fortalecidas pelo “teto político” dos Estados Nação e, hoje, estão se desintegrando ameaçadas pela homogeneização cultural do “pós-moderno global” ou se auto preservando através de um paradoxal reforço do local. Contudo, Bauman (2004) salienta que a sociedade deve manter-se sempre em estado de alerta a respeito da imposição de noções identitárias. “A ideia de identidade e, particularmente, de identidade nacional, não foi naturalmente gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência empírica [...] chegou como uma ficção” (BAUMAN, 2004, p.26). A representação³ ideológica da realidade estrategicamente relatada pelos meios de comunicação que visam a preservar a memória ou construir a noção de pertença de um povo, cria noções compartilhadas e características distintas e marcantes facilmente identificáveis pelo “outro”.

O poder da mídia em consolidar identidades é destacada por João Pissarra Esteves (1999) tradicionalmente consignadas ao mito – a reprodução cultural, a socialização e a integração social dos indivíduos. A mídia produz identidades através de narrativas ficcionais, publicidade e consumo; o cinema cria identidades encenando visões pessoais de mundo, ativando desejos e identificações que afetam a relação dos indivíduos consigo mesmos e com os “campos sociais” conceituados por Pierre Bourdieu (1989) (famílias, instituições de ensino, partidos políticos, trabalho, etc...). Juremir Machado da Silva (2003) ressalta que, no século XX, questões como ideologia e cultura foram ganhando uma espécie etiqueta de imaginário, “uma rede etérea e movediça de valores e sensações partilhadas concreta ou virtualmente” (SILVA, 2003, p.9). Em sintonia com o pensamento de Bauman, Kathryn Woodward (2000) aponta as diversas opções disponíveis de identificações ideológicas

² A origem da palavra mito fundador está na mitologia grega, (*aition* em grego) e explica a origem de um determinado rito ou cidade, um grupo, uma crença, uma filosofia, etc.

³ Vamos trabalhar com o conceito de Serge Moscovi: “A representação é um *corpus* organizado de conhecimentos e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens fazem inteligível a realidade física e social, integram-se em um grupo ou em uma relação cotidiana de intercâmbios, liberam os poderes de sua imaginação” (MOSCOVI, 1979, p. 18).

facilmente acessíveis como um dos pilares da crise de identidade vivida na modernidade tardia. A etnia, a raça, o gênero, a sexualidade, a incapacidade física, a idade, a justiça social e as preocupações ecológicas levam pessoas a assumirem diferentes identidades ao mesmo tempo, como reflexo da complexidade da vida moderna. Para Woodward (2000), a identidade nacional depende agora do que fazemos dela. Pissarra (1999) completa:

Entre os fatores sociais que mais têm contribuído para esta tendência destacam-se o atual sistema de consumo e, em particular, os modernos dispositivos tecnológicos de mediação simbólica: ambos, ao longo deste último meio século, têm enfatizado até a exaustão certa ideia de identidade indissociável de marcas ostensivas de estilo, imagem e forma de apresentação do indivíduo – *style and look* (PISSARRA, 1999).

No entanto, mesmo que a identidade seja o sentimento gerador da noção de pertencimento a uma ou mais comunidades – seja presencial, virtual, ideológica, territorial, tradicional – ou mesmo uma concepção pessoal de definição de sujeito, segundo Hall (2001), elas são sempre imaginadas. “O imaginário agrega imagens, sentimentos, lembranças, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida, e através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar estar no mundo” (SILVA, 2003, p.12).

As narrativas estão no centro das disputas no século XXI. “Se a nação é uma comunidade imaginada, o que será uma nação ensinada à outra?” (DE LA CAMPA, 1995 apud CANCLINI, 2007). Primeiramente, faz-se necessário esclarecer os referenciais da identidade. Woodward (2000) sublinha a noção de diferença implícita na identidade para esclarecer que “a produção da identidade do forasteiro tem como referência a identidade local” (WOODWARD, 2000, p.46). Para Juremir da Silva, o imaginário é responsável por distanciar culturas à medida que ele imagina e sedimenta a ideia que cada cultura cria de si mesma. O olhar para o outro é o que me define.

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e sobre quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora (SILVA, T., 2000, p.83).

Tomaz Tadeu da Silva (2000) frisa o fato da diferença e da identidade serem criações sociais discursivas e narrativas produzidas pelos sistemas simbólicos formadores da cultura e do social, o que as torna, portanto, sujeitas a relações de poder. “Elas não são simplesmente definidas, elas são impostas [...] disputadas” (SILVA, T., 2000, p.81). O referencial de uma identidade, logo, está ligado a outros referenciais de identidades diferentes, o que torna os dois sistemas (identidade e diferença), dessa maneira, dependentes dos sistemas

de representação, de atribuição de sentido. “O outro é o outro gênero, o outro é a cor diferente, o outro é a outra sexualidade, o outro é a outra raça, o outro é a outra nacionalidade, o outro é o corpo diferente” (SILVA, T., 2000, p.97).

O “diferente”, quando analisado sob a perspectiva de um conjunto de significações que produzem sentidos, além de definir, demarcar e reforçar a identidade de uma pessoa ou de uma nação pode, perfeitamente, excluir, negar ou atrair o interesse exatamente por possuir características diversas, singulares, por ser o distante, uma fonte de fascinação, algo exótico. E, como discute Pissarra (1999), a mídia tem papel fundamental na difusão de uma imagem deste “outro” formada sob demandas ideológicas com funções de utilidade, de manutenção de poder, através da disseminação de narrativas estereotipadas, reducionistas e clichês potencializadas pelo ambiente tecnológico virtual de mediação simbólica na contemporaneidade.

Os media são hoje um palco principal onde tem lugar estes tipos de conflitos simbólicos: a luta pelo reconhecimento, que assim se projeta em larga escala e serve às identidades como meio excepcional para a sua afirmação em termos muito amplos - para além de todos os limites imagináveis que o círculo dos contatos sociais convencionais poderia proporcionar (PISSARRA, 1999).

As iniciativas de integração entre culturas e construção de imaginários supranacionais formatados pela globalização não são suficientes para que os cidadãos sintam essa identificação compartilhada e interiorizem essa nova escala do social, segundo Canclini (2007). Faz-se necessário, de acordo com o autor, elaborar conceitos novos que analisem a redistribuição do que é próprio e do que é alheio, da maneira de se comunicar com o “diferente”, e as mudanças na forma de se fazer cultura no mundo contemporâneo. A visão de um observador externo sobre uma determinada cultura, da qual não é originário, é facilmente difundida na contemporaneidade, devido aos avanços tecnológicos e à globalização, mas nem sempre vai refletir sua diversidade particular e as especificidades históricas, culturais e sociais do país narrado. Contudo, os clichês e estereótipos também podem conter características e funções positivas.

É possível dialogar com as questões do imaginário a partir de pressupostos levantados por Juremir Machado da Silva quando aponta que: “Todo imaginário é real. Todo real é imaginário. Não há vida simbólica fora do imaginário”. (SILVA, 2003, p.7). Mas o que isso quer dizer exatamente? Segundo Juremir da Silva, embora a palavra imaginário tenha ganhado força na última década do século XX, tanto Michel Maffesoli, quanto Gilbert Duran apontam que não se trata de uma grande novidade. Para Silva (2003), “o imaginário é: a

narrativa mítica da era da mídia, da “sociedade do espetáculo” (Debord), da época dos fenômenos extremos (Baudrillard), da complexidade (Morin), do vínculo social (Maffesoli)” (SILVA, 2003, p.8). O imaginário é, portanto, para o autor, uma narrativa, uma leitura, uma interpretação, um comentário.

Todo imaginário é um desafio, uma narrativa inacabada, um processo, uma teia, um hipertexto, uma construção coletiva, anônima e sem intenção. O imaginário é um rio cujas águas passam muitas vezes no mesmo lugar, sempre iguais, sempre diferentes (SILVA, 2003, p. 8).

Quem narra o mundo, uma cultura, um acontecimento, o outro, tem como objetivo atingir a um determinado público. A interpretação do autor sobre o fato e/ou o local ainda será reinterpretada pelo receptor. Há nesta sobreposição de ideias e noções, ainda, a soma das próprias experiências, os referenciais da vida e da noção de identidade de cada um. O imaginário, portanto, é uma construção que agrega, sobrepõe e liga significantes.

2.3 ESTEREÓTIPO, CLICHÊ E EXÓTICO

O termo estereótipo é introduzido nas ciências sociais pelo jornalista americano Walter Lippmann, em sua obra *Public Opinion*⁴, publicada em 1922, segundo afirma Roman (2007). O conceito foi definido como imagens formadas na mente que nos fazem perceber o mundo como imaginamos, não correspondendo necessariamente com a sua realidade. “Tratam-se de representações pré-construídas, esquemas culturais pré-existentes com a ajuda das quais, filtramos a realidade” (ROMAN, 2007, p.44). Para Amossy e Pierrot (2015), os estereótipos se constituem de imagens de segunda mão que um grupo faz dele mesmo e dos outros. São ideias simples, rígidas e resistentes a mudanças, transmitidas culturalmente, que atuam como mediadores sociais e comunicacionais. “Algo já dito e já pensado através do qual se impõe uma máscara de evidência” (ROMAN, 2007, p.44), contudo, indispensáveis para uma comunidade, à medida que asseguram a coesão de um grupo e a construção de uma identidade social. Nesse caso, estão intrinsecamente ligados ao imaginário social de acordo com Amossy e Pierrot (2015). “*Ces images dans notre tête relèvent de la fiction non parce qu’elles sont mensongères, mais parce qu’elles expriment un imaginaire social*” (AMOSSY ET PIERROT, 2015.p.26). Apesar de possuir aspectos positivos, Roman (2007) ressalta as características negativas nos estereótipos, já que reduzem o conhecimento através de generalizações excessivas que se transformam em pré-julgamentos.

⁴ Opinião Pública.

O estereótipo como um conceito errôneo e fixado, se opõe ao livre desenvolvimento da reflexão e do espírito crítico. Em suas generalizações globais, simplistas e rígidas, impede o movimento de notar a diferença, a nuance, o caso individual. Ele categoriza abusivamente, simplifica escandalosamente e congela tudo num gesto que mumifica mais do que estabiliza (ROMAN, 2007, p.48, tradução nossa).

E é através das narrativas históricas, literárias e midiáticas que os estereótipos vão sendo transmitidos e difundidos no seio das comunidades e entre os grupos, consolidando e inspirando incessantemente um imaginário social de si e dos “outros”. A utilização destes termos reducionistas, sobretudo, pela mídia, se explica pela necessidade dos meios de comunicação de massa em estabelecer uma rápida assimilação de conteúdo por seu público, o que “consiste em transformar lugares comuns em conhecimento sólido e profundo” (PEREIRA, 2010).

No que concerne ao interesse da mídia, o uso de clichês se assemelha em função com a do estereótipo, mas com foco em suscitar atenção, adesão, sedução e interesse. A palavra clichê, como revela Pereira (2010), foi descrita em seu significado crítico pela primeira vez no dicionário *Larousse*, de 1869, designando “uma frase feita que se repete em livros ou em conversas, ou ainda, um pensamento banal” (PEREIRA, 2010). O desenvolvimento da noção do termo clichê inaugura mais uma etapa do pensamento crítico nas ciências humanas em geral. Ainda no final do século XIX, o clichê já se referia à literatura de má qualidade elaborada por imitadores de grandes escritores e jornalistas de folhetim. O vocábulo clichê, como explica Roman (2007), ultrapassa sua fórmula de banalidade, se estabelecendo como uma expressão fixada, incorporada ao patrimônio cultural, repetida diversas vezes da mesma maneira e constantemente fundada na comparação e na metáfora. Contudo, Pereira (2010) evidencia no clichê qualidades positivas, à medida que “se constitui em um caminho aberto que permite o aprofundamento no conhecimento e no contato com um povo, uma cultura, uma nação” (PEREIRA, 2010).

Segundo o jornalista Ivan du Roy⁵, as informações que normalmente são veiculadas nos jornais franceses reforçam os estereótipos brasileiros: futebol, samba, favela, praias. Em sua opinião, embora a cobertura da mídia sobre o Brasil na França seja maior do que sobre outros países, tais como China, Índia ou África do Sul, o tratamento midiático é muito parcial e acaba por reforçar certos clichês sobre a realidade brasileira. A sua própria

⁵ Ivan du Roy é um jornalista francês, criador do site, “Bastamag”, uma mídia independente que publica diariamente, reportagens investigativas, notícias e entrevistas sobre questões sociais, ambientais, econômicas e democráticas (www.bastamag.net).

vivência pessoal traz elementos que reforçam esses clichês, mas que mostram também outras facetas pouco conhecidas do Brasil na França.

Minhas representações do Brasil durante a minha juventude estão principalmente ligadas ao futebol, sobretudo em relação à quarta de final entre a equipe da França e do Brasil na Copa de 1986. Depois sobre a Amazônia com filmes como “Aguirre - a Cólera do Deuses” (Werner Herzog) ou “A Missão” (Roland Joffê), e também pelo destaque em relação às preocupações ecológicas e o papel da Amazônia no equilíbrio do clima mundial. E, claro, sobre as inevitáveis imagens do carnaval do Rio, exibidas na grande mídia francesa a cada ano. Tenho também lembranças da exposição de fotos do Sebastião Salgado sobre os camponeses sem terras⁶.

Em relação aos clichês e estereótipos construídos sobre o Brasil, a socióloga e professora da Universidade de Paris VIII, Anne-Marie Autisser, afirma que eles são reforçados também pela forma como o Brasil exporta sua imagem para fora, para outros países.

É claro que, quando você não se aprofunda, sempre há imagens que se destacam, mas que são também, imagens que o próprio Brasil exporta. Todo nós somos um pouco vítimas da imagem que queremos exportar. A imagem massivamente exportada pela publicidade brasileira e por algumas mídias se refere a sol, sexo, as praias magníficas, a exuberância tropical, uma vida que pode parecer fácil, leve. O que é um grande contraponto já que sei que a vida da maior parte dos brasileiros não é nada fácil, é muito difícil. Então, temos essa ideia de vida tranquila, a ideia da Amazônia de natureza infinita. Há também a questão do esporte, no caso, o futebol, que ajudou a impor e destacar o Brasil no cenário internacional. Há muitos franceses que só conhecem o Brasil devido ao futebol e a música, claro⁷.

Roman (2007) ressalta que a representação social dos grupos nacionais é construída através de um conjunto de opiniões cristalizadas em um processo de estereotipia, sobretudo, através de noções redutoras e generalizantes, que costumam definir de uma mesma forma todos os indivíduos de uma mesma comunidade, grupo, raça ou nacionalidade. Quando essa visão simplista é perfilada no campo étnico, entra em cena o exotismo que, constantemente, seduz pessoas de uma cultura a conhecer culturas diversas. Roman (2007) relembra a definição de “sociedades exóticas”, na visão científica de Claude Lévi-Strauss⁸, que as classifica como sociedades distantes e diferentes. No entanto, a autora ressalta que se trata de um olhar ocidental sobre o “outro”.

A palavra exótica se origina do grego *exóticos* cujo significado é estrangeiro. Roman (2007) relata seu aparecimento em 1548, quando o termo é empregado em obra do

⁶ Entrevista realizada em fevereiro de 2017 com Ivan du Roy. Tradução nossa.

⁷ Entrevista realizada em setembro de 2016 com Anne-Marie Autisser. Tradução nossa.

⁸ Claude Lévi-Strauss - etnólogo francês que viveu no Brasil por quatro anos. Autor do livro “Tristes Trópicos”. (*Tristes tropiques*) publicado em 1955.

autor Rabelais⁹, se referindo a animais, poções, tapetes, pássaros e algumas mercadorias. Sua utilização sempre adjetivou a flora, fauna, paisagens, artefatos que não pertenciam ao clima, nem à civilização ocidental. “O sentimento exótico desperta o desejo de descobrir um novo mundo, de recusa à residência habitual e de conquista de uma terra prometida [...] um anseio de fuga” (ROMAN, 2007, p.61, tradução nossa). A curiosidade pela diferença, característica central imersa e provocada pelo exotismo, acentua traços positivos do “outro”, ao contrário da xenofobia e do racismo, imbuídos de uma percepção negativa e desvalorizada do “diferente”, mas também generalista e essencialista. Ao exagerar na visão otimista do “outro”, o encantamento suscitado pela visão exótica, apesar de estabelecer encontros rasos com a alteridade, como afirma a autora, motiva essas aproximações interculturais. O exótico nada mais é do que o diferente, “a percepção do diverso, o conhecimento de que qualquer coisa não é ela mesma; e o poder do exotismo, que é só o poder de conceber o outro” (CARELLI, 1993, p.252) faz parte de instrumentos da linguagem e da representação que constroem na comparação e analogias, uma retórica da alteridade.

Atraídos pelo exótico, pelo mito, pelo desconhecido e pela exuberância de um Novo Mundo, muitos franceses se lançaram nas imprecisas águas do Atlântico, no século XVI, a fim de estabelecer conquistas territoriais, catequizar, civilizar, explorar, pesquisar, fugir, enriquecer ou simplesmente para recomeçar em um lugar distante. “O Brasil personifica um sonho realizado, [...] o resultado de uma conquista utópica [...]. Por séculos, será o grande personagem dos relatos de viagem [...] que vão contribuir com imagens fortes para a formação de um imaginário ocidental” (PEREIRA, 2010). Uma espécie de Eldorado, onde tudo era permitido.

⁹“*Le Quart Livre*”, obra de François Rabelais publicada integralmente em 1555.

3 A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO SOBRE O BRASIL NA FRANÇA

O contato dos franceses com outros povos sempre marcou a história da França, sobretudo, em sua relação com o Brasil num intercâmbio positivo de ideias, ideais, imaginários e influências culturais recíprocas. “As relações franco-brasileiras sempre funcionaram de modo atípico. Escapa ao binômio habitual metrópole e colônia” (CARELLI, 1993, p.18). O sociólogo franco-brasileiro, Mário Carelli (1993), denomina metaforicamente os pontos de contato entre as culturas francesa e brasileira de “jogo de espelhos deformadores do conhecimento recíproco” (CARELLI, 1993, p.18-19), onde um conjunto de estereótipos derivantes de representações imaginadas e, por vezes, quase míticas de uma cultura em direção a outra marcaram, desde o encontro ainda no século XVI, essa longa história de seduções.

Neste capítulo, pretendemos, através de revisão bibliográfica histórica, relatar fatos, interesses e relatos que marcaram o contato dos franceses com o Brasil ou com os brasileiros e como essa relação foi construindo e consolidando uma ideia dos franceses sobre o país. Desde a exploração da madeira pau-brasil, até o século XXI, utilizando autores contemporâneos como Mário Carelli, Afonso Arinos de Melo Franco, Aurélio de Lyra Tavares, Wilson Veadó, Maurício Assumpção, Isabel Lustosa, Lilian Schwarcz e alguns autores de séculos passados como Jean de Lery, Andre Thevet e Jean Baptiste Debret, este capítulo viaja no tempo e na história, a fim de apontar momentos, episódios e obras que influenciaram na visão que os franceses possuem, hoje, do Brasil.

3.1 DO SÉCULO XVI AO XIX: PRIMEIROS CONTATOS, RELATOS E IMPRESSÕES

A França nunca reconheceu oficialmente o Tratado de Tordesilhas¹⁰, que dividia o novo mundo entre Espanha e Portugal assinado em 1494, como afirma o historiador de engenharia militar, ex-embaixador do Brasil na França, Aurélio Lyra Tavares (1979). O rei francês, Francisco I¹¹ pedia, segundo o sociólogo Mario Carelli (1993) para ver o testamento de Adão e Eva “que teria privado seus vassallos da possessão no novo mundo” (CARELLI, 1993, p.34). A ambição pela exploração do pau-brasil lançou os franceses pelo Atlântico rumo às terras recém descobertas ao sul, ainda em 1503. Partindo do Porto de Honfleur, perto de Le

¹⁰ O Tratado de Tordesilhas assinado em 1494, entre os reis de Portugal, D João II e os espanhóis, D. Fernando e Isabel de Castela, com o aval do Papa Alexandre IV, dividia as terras do novo mundo entre os dois países soberanos nas navegações marítimas (TAVARES, 1979, p.28).

¹¹ Rei da França de 1º de janeiro de 1515 a 31 de março de 1547 (TAVARES, 1979, p.30).

Havre, na Normandia, os franceses começaram uma longa relação histórica com o Brasil.

O Brasil era então, uma terra sem dono. Um mundo que se abria à curiosidade e às ambições comerciais dos armadores franceses. Uma civilização em estado natural que inspirava os louvores dos grandes analistas e críticos da sociedade em que vivia a França, como recurso mais prudente e menos arriscado para atacá-la nas suas frivolidades e no seu convencionalismo autoritário (TAVARES, 1979, p. 28).

A “madeira de brasa” (pau-brasil) encontrada em abundância nas terras oficialmente recém-descobertas pelas grandes navegações portuguesas no Atlântico Sul, que acabou por batizar este imenso novo mundo, desde os primeiros anos do século XVI, motivou armadores, sobretudo da região francesa da Normandia, a traficar esta espécie de árvore que fornecia pigmento vermelho em abundância, cor muito apreciada pela nobreza e pelo clero. O modelo francês de conquista, como assinala Carelli (1993), consistia em deixar porta-vozes no Brasil que aprendiam a língua indígena e estabeleciam boas relações com os índios, sobretudo os tupinambás, que viviam nas costas brasileiras e eram inimigos dos portugueses, *peros*¹², aliados dos tupiniquins, facilitando assim, a extração e carregamento ilegal do pau-brasil. Além da árvore da cobiça, muitos animais silvestres eram também levados e comercializados nos portos da França. “Papagaios, saguis, peles, algodão, sementes” (FRANCO, 1976, p.64) já invadiam as casas e se somaram aos hábitos dos franceses no século XVI. O professor, escritor e político Afonso Arinos de Melo Franco (1976) relata em seu livro “O índio brasileiro e a revolução francesa” que muitas palavras tupi-guarani integraram o vocabulário francês ainda no século XVI, como “tapioca, mandioca, caju, goiaba, capim, jacarandá, piaçaba...ananás” (FRANCO, 1976, p.64).

Contudo, eram os índios, habitantes dessas longínquas terras transatlânticas, que mais fascinavam os franceses. “Essas criaturas “maravilhosamente estranhas e selvagens, sem fé, sem lei, sem religião, sem nenhuma civilidade, mas que vivem como bestas irracionais, tais como a natureza os produziu” (THEVET¹³, 1557, apud CARELLI, 1993, p.38) já haviam se transformado em “atração” no porto de Honfleur, ainda em 1504. De acordo com Tavares (1979), o navio “L’Espoir”, sob o comando de Paulmier de Gronneville, que foi o primeiro a levar franceses ao encontro dos índios brasileiros, de regresso do Brasil após sete meses em contato com tribos Carijós¹⁴, trouxera a bordo, dois jovens índios, um deles, chamado Essomericq, filho do cacique carijó. Segundo afirma Carelli (1993), “Gronneville não se

¹² Palavra tupi-guarani que significava portugueses escuros (CARELLI, 1993, p.34).

¹³ THEVET, André. *Les singularitez de la France Antarctique*. Paris: Héritiers de M de la Porte, 1557.

¹⁴ As tribos carijós a que se referem os autores, de acordo com Tavares (1979), estavam localizadas no que se supõe ser São Francisco do Sul, no litoral de Santa Catarina.

contenta em adotar Essomericq, e transmite-lhe seus títulos de nobreza, fazendo-o casar na aristocracia normanda [...] provavelmente o primeiro brasileiro a se integrar na sociedade francesa” (CARELLI, 1993, p.33). Na segunda metade do século XVI, a imagem do Brasil na França, segundo Carelli (1993), já está bem difundida e totalmente relacionada aos “selvagens”¹⁵.

Em 1550, 50 integrantes de uma tribo indígena brasileira, nus, eram exibidos na festa em homenagem ao rei Henrique II¹⁶ na cidade normanda de Rouen¹⁷, posteriormente em Troyes e em Bordeaux. No espetáculo protagonizado pelos índios brasileiros e mais 250 marinheiros normandos e bretões, fantasiados de índios e também nus, era composto por cenografia da mata tropical com decoração de árvores locais, frutas artificiais, tabas indígenas e animais selvagens trazidos do Brasil como macacos e papagaios. A encenação, como detalha Franco (1976), contou com a simulação de combate entre tribos, apresentações sobre as peculiaridades de extração do pau-brasil, além da reprodução da rotina dos indígenas que se apresentavam em seus afazeres habitais como deitados em redes, caçando bichos com flechas ou transportando a madeira pau-brasil até um grande navio ancorado no rio Sena, próximo ao local. “Fazia-se desse modo, uma reprodução viva do que era o sistema de comércio do pau-brasil [...] em demonstração da frequência e importância das relações existentes no século XVI entre os povos primitivos do Brasil e a França” (FRANCO, 1976, p.48-49).

A França renascentista enxergava nos índios uma civilização compatível com a da filosofia pregada pelo humanismo. “O selvagem com seus defeitos e virtudes, era muito mais livre e, invejavelmente mais feliz” (TAVARES, 1979, p.31). Essa vida sem convenções, liberta do pecado, em harmonia com a natureza fez surgir a “lenda do bom selvagem” (TAVARES, 1979, p.30) que despertava a fascinação de filósofos e intelectuais, de acordo com Tavares (1979), e se traduziu na primeira versão do Brasil difundida no imaginário francês. Michael de Montaigne foi um dos primeiros pensadores a escrever sobre os índios brasileiros. Apesar de nunca ter vindo ao Brasil, “ele abraçou o debate de seu tempo” (CARELLI, 1993, p.44) e, através da leitura de relatos de outros autores, sobretudo de

¹⁵ Termo utilizado nos primeiros relatos de cronistas e religiosos em missão ao Brasil para se referir aos índios.

¹⁶ O rei Henrique II, filho do rei Francisco I assume o trono francês em 1547, com 28 anos. Governa a França até 1559, quando morre durante as comemorações do casamento de sua primeira filha, em um acidente no local onde hoje se situa a Place de Voges em Paris. Com sua morte, quem assume o trono é sua esposa, Catherine de Médicis. Disponível em: <<http://www.conexaoparis.com.br/2012/10/12/diane-de-poitiers-paixao-castelos-e-segredos-de-beleza/>> Acesso em: 1 mar. 2017.

¹⁷ “Os burgueses armadores ruennenses querem convencer seu monarca de voltar atrás em sua interdição de 20 de outubro de 1547, que proíbe seus súditos de irem nas navegações do rei do Portugal, bem como em todas as terras descobertas pelos portugueses” (CARELLI, 1993, p.43). Por isso, Rouen foi a cidade escolhida para sediar a festa que, na verdade, celebrava os triunfos franceses contra os ingleses na Bolonha.

missionários protestantes, com vivência no Brasil, compôs sua obra e argumentos.

Em seus *Essais*¹⁸ ele se refere à nossa grande e poderosa mãe natureza para refletir sobre esses homens vizinhos de sua ingenuidade original. Essas afirmações explicam que a história das ideias tenha retido a temática do bom selvagem, que se tornará, no ocidente, uma referência paradigmática à origem de uma verdadeira revolução moral (CARRELLI, 1993, p.45).

Os primeiros relatos do Novo Mundo já eram repletos de “exageros e excentricidades” (TAVARES, 1979, p.41). Houve grande interesse dos pensadores franceses pela vida dos índios brasileiros utilizado, sobretudo, como contraponto e crítica à civilização convencional europeia em seus valores morais, políticos e religiosos. “O brasileiro estava no coração do debate sobre o Novo Mundo, com todas as suas implicações filosóficas, teológicas, é claro, mas igualmente políticas e econômicas” (CARELLI, 1993, p.46). Franco (1976) ressalta que, apesar das narrativas com relatos de viagem serem sucesso no mercado editorial europeu, apenas a elite possuía instrução para lê-los. Todavia, era na tradição oral que as histórias fantásticas e curiosidades dos hábitos indígenas eram disseminados entre o povo francês. “Era a palavra falada e ouvida diretamente que transmitia ao povo inculto um novo conceito ou uma nova interpretação do mundo [...]. As ideias sobre a bondade natural do homem americano não precisavam dos livros para chegar ao coração do povo” (FRANCO, 1976, p. 71). Na opinião de Tavares (1979), houve uma transferência imaginativa da fantasia que já circulava pela Europa em relação a outros povos distantes e também desconhecidos para o Brasil.

As fábulas e os mitos que, antes do estreitamento do comércio da Europa com a Índia Oriental, haviam surgido e eram alimentados pelos seus mistérios, ganhavam força de credibilidade nas versões que se difundiam sobre povoadores do Brasil, dado o interesse maior que havia em decifrar seus mistérios, à medida que circulavam na Europa versões orais e, até mesmo escritas, sobre o que contavam os navegadores do nosso litoral, com fantasias provocadas pelo impacto dos primeiros e rápidos contatos com a terra ignota e longínqua, nos seus exotismos e nas surpresas que oferecia (TAVARES, 1979, p. 41).

Alguns dos primeiros e mais importantes documentos escritos e iconográficos que descrevem detalhadamente a vida e hábitos dos indígenas e a natureza exuberante dessas terras novas foram redigidos, sem pretensões intelectuais, por calvinistas que vieram em missão para a França Antártica. A tentativa de se fundar uma França nos trópicos, liderada pelo vice-almirante da Bretanha, Nicolas Durand de Villegaignon¹⁹ em 1555, no Rio de

¹⁸ Michel, M. *Essais*, in Ouvres completes, Paris: Gallimard, 1967. O livro foi lançado em 1580 e relata os hábitos canibais de índios brasileiros.

¹⁹ A França Antártica foi uma missão dirigida pelo almirante francês Villegaignon e patrocinada pelo Rei da

Janeiro, como um refúgio para protestantes perseguidos por católicos na Europa, atraiu artesãos e diversas categorias de cidadãos seguidores da doutrina reformista de Calvino e se tornando um mito entre o povo francês.

Desta tentativa frustrada de colonização evangélica francesa surgiram os primeiros cronistas do Brasil. Em dez anos de existência, missionários e centenas de cidadãos huguenotes franceses estiveram vivendo ou passando temporadas na mitológica ilha, em meio à exuberante Baía de Guanabara. Um destes cidadãos, atraído pela aventura e curiosidade a respeito desta civilização tão singular recém-descoberta, foi Jean de Léry. Sapateiro de profissão e missionário protestante na fé, Léry redigiu um dos mais completos relatórios de expedição sobre a civilização indígena brasileira, “Viagem à terra do Brasil²⁰”, com a qual conviveu por quase um ano, entre um período residindo na França Antártica e outro, após expulsão por Villegaignon, junto a tribos Tupinambás, em 1557. Quando edita sua obra, soma de anotações e observações pessoais que não tinham a pretensão se tornarem livro, quase 20 anos depois, “Léry é um homem dividido: sua narrativa conserva o sotaque do jovem aventureiro maravilhado de 1557, mas desviado pelo pessimismo do pastor de 1578” (CARELLI, 1993, p.40), que afirmava lamentar não viver entre os selvagens.

O livro foi um grande sucesso editorial para a época, com seis edições e traduções para o latim (a língua universal), holandês e alemão. Sua narrativa é de frescor e precisão na opinião de Carelli (1993). Suas observações ainda hoje são referências para etnógrafos e historiadores. Dividida em 22 capítulos, Léry (1960) detalha o tipo físico, acessórios, hábitos peculiares na visão europeia como o banho, o aleitamento materno e a nudez; os desejos, prazeres, dores, lutas, lutos, caça, festas, músicas, ritos, cerimônias, índole, humor, convivência com estrangeiros e alimentação dos índios Tupinambás também são relatados em minúcias. A narrativa de olhar positivo, deslumbrado, mas objetiva relativiza alguns

França, Henrique II, cansado das sucessivas e isoladas tentativas de conquista de parte do território brasileiro conduzidas por seu país. A expedição tinha como objetivo não o de fundar uma cidade ou uma praça, mas uma França nos trópicos, como afirma Lyra Tavares (1979). A colônia, instalada em uma ilha da Baía de Guanabara, nas proximidades do que hoje é a cidade do Rio de Janeiro, deveria servir de refúgio para calvinistas perseguidos pela intolerância de católicos europeus, além de estabelecer um marco militar da presença da França no Brasil. Visava ainda, como descreve Tavares (1979), consolidar aliança com indígenas para conquistar novos territórios. A França Antártica se manteve por 10 anos, de 1555 a 1565, quando, enfraquecida por conflitos religiosos internos, foi dominada pelos portugueses que acabaram por expulsar os franceses que, insistentes, tomaram o rumo do Nordeste.

²⁰ O título original do livro publicado por Jean de Léry em 1578, segundo assinala Paul Gaffarel em nota bibliográfica na edição brasileira de 1960, traduzida por Sérgio Milliet, traz o título: “Narrativa de uma viagem feita ao Brasil, também dita América, contendo a navegação e coisas notáveis vistas no mar pelo autor: a conduta de Villegaignon naquele país, os estranhos costumes e modos de vida dos selvagens americanos; com um colóquio em sua língua e mais a descrição de muitos animais, plantas e demais coisas singulares e absolutamente desconhecidas aqui, cujo sumário se verá dos capítulos no princípio do livro. Tudo colhido no próprio lugar por Jean de Léry, natural de La Margelle, Saint-Sene, ducado de Bourgoigne” (LÉRY, 1960, p.25).

comportamentos indígenas polêmicos como a nudez e o canibalismo comparando aos comportamentos doentios da Europa.

[...] quero responder aos que dizem que a convivência com esses selvagens nus, principalmente entre as mulheres, incita à lascívia e à luxúria. Mas direi que, em que pese às opiniões em contrário, acerca da concupiscência provocada pela presença de mulheres nuas, a nudez grosseira das mulheres é muito menos atraente do que comumente imaginam. Os atavios, arrebiques, postiços, cabelos encrespados, golas de rendas, anquinhas, sobre saias e outras bagatelas em que as mulheres de cá se enfeitam e de que jamais se fartam, são causas de males incomparavelmente maiores do que a nudez habitual das índias, as quais, entretanto, nada devem às outras em formosura (LÉRY, 1960, p.111).

Léry (1960) detalha incansavelmente a flora, a fauna, a vegetação tropical nomeando na língua local tupi-guarani cada espécime e também os rios, praias, morros e regiões que compunham os cenários paradisíacos do entorno da Baía de Guanabara. Tudo é registrado em pormenores, inclusive a produção da bebida fermentada indígena, o *cauim*²¹, a técnica de produção da farinha de mandioca e o ritual canibalístico da qual o autor “reconhece a crueldade, mas cujas causas rituais de incorporação da força e coragem do prisioneiro devorado, não ignora” (CARELLI, 1993, p.40).

[...] e por maior que seja o número de convidados nenhum dali sai sem pedaço. Mas não comem a carne, como poderíamos pensar, por simples gulodice, pois embora confessem ser a carne humana saborosíssima, seu principal intuito é causar temor aos vivos. Move-os a vingança [...]. Por isso, para satisfazer o seu sentimento de ódio, devoram tudo do prisioneiro, desde os dedos dos pés até o nariz e cabeça, com exceção porem dos miolos, em que não tocam (LÉRY, 1960, p.180).

E não deixa de comparar tal ato de “barbaridade” com os flagelos comportamentais europeus.

Poderia aduzir outros exemplos da crueldade dos selvagens para com os seus inimigos, mas creio que o que já disse basta para arrepiar os cabelos de horror. É útil, entretanto, que ao ler semelhantes barbaridades, não se esqueçam os leitores do que se pratica entre nós. Em boa e sã consciência tenho que excedem em crueldade aos selvagens os nossos usuários, que, sugando o sangue e o tutano, comem vivos viúvas, órfãos e mais criaturas miseráveis, que prefeririam sem dúvida morrer de uma vez a definhar assim lentamente (LÉRY, 1960, p.183).

Outro grande cronista da época, foi o padre franciscano Andre Thevet, etnólogo e cosmógrafo do rei da França, que passou uma temporada de dez semanas na França Antártica. Seu livro “Singularidades da França Antártica”²² de 1558, segundo Tavares (1979), compila

²¹ Bebida fermentada feita da raiz da mandioca, aipim ou milho, usualmente consumida pelos índios, de acordo com Léry (1960), em noites festivas ou ritualísticas.

²² *Les singularités de la France Antarctique*.

um retrato detalhado da flora, fauna e da vida dos selvagens tendo sido um enorme sucesso editorial. Divergindo de Léry em alguns aspectos, sendo mesmo acusado mais tarde, pelo próprio, de ter criado uma cartografia imaginária do Novo Mundo, o que acabou por incentivar Léry a publicar sua obra em 1578. As observações de Thevet são recheadas de referências bíblicas, descrevendo alguns comportamentos indígenas como fruto da possessão do demônio. “Maravilhosamente estranhas e selvagens, sem fé, sem lei, sem religião, sem nenhuma civilidade, mas que vivem como bestas irracionais, tais como a natureza os produziu” (CARELLI, 1993, p.38). Thevet crê que os índios, com o passar do tempo, se livrariam da brutalidade por acreditarem na imortalidade da alma como assinala Carelli (1993).

No início do século XVII, com o fracasso da missão França Antártica, os franceses, como atesta Carelli, continuaram a olhar para a “terra da América” (CARELLI, 1993, p.47), empreendendo novas expedições de conquista no nordeste do Brasil, onde em 1612, fundaram a cidade de São Luís do Maranhão, na terra que denominaram de França Equinocial²³. Padres capuchinhos catequizadores como Claude d’Abbeville²⁴ e Yves d’Evreux²⁵ descreveram minúcias da nova civilização com olhar católico, desenvolvendo uma “argumentação teológica da conquista” (CARELLI, 1993, p.48). Como descreve o autor, o padre d’ Abbeville afirma ser o Brasil uma França invertida, onde alguns padrões comportamentais se assemelham ao Europeu podendo mesmo, ser exemplo de conduta, como aspectos da educação das crianças índias pelos seus sacerdotes, necessitando apenas de adaptações e conversões.

²³ “[...] o conhecimento mais amplo que os navegadores da Normandia e Bretanha foram adquirindo sobre diversos pontos do País, é que explica a transferência das atividades francesas para o Nordeste, onde o pau-brasil era mais abundante e de melhor qualidade[...]. Apesar de insucessos e da resistência cada vez maior dos portugueses, os armadores dos portos franceses não se desencorajaram nas expedições comerciais que partiam, principalmente, de Honfleur, Rouen, Havre, La Rochelle, Saint-Malo, Nantes e Brest [...]. O capitão Riffault chegou a tentar, em 1594, a conquista do Maranhão, valendo-se da amizade com o índio *Ouyrapixe*, que exercia [...] grande liderança na sua tribo [...]. Com isso, permaneceu no Maranhão uma base francesa [...] em estreita convivência com os Tupinambás [...]. Foi assim, que, no início do século XVII, a bandeira francesa com flores-de-lis foi hasteada no Maranhão [...]. Encontrava-se a França sob a regência de Maria de Médicis” (TAVARES, 1979, p.79-90). “A expedição colonizadora aportou no Maranhão em 1612, trazendo entre os tripulantes, o padre capuchinho Claude d’ Aubbeville. A organização da França Equinocial teve início com a construção de um forte [...] um armazém de subsistência [...] a casa dos missionários capuchinhos. O referido forte, implantado em uma elevação que permitia o comandamento, pela vista direta, de todas as direções, foi batizado de São Luís, em homenagem ao Rei Luís XIII [...]. Essa denominação passou a identificar-se com o nome da cidade, que continua a ser, até os nossos dias, a capital do Maranhão [...]. A Corte de Madri e as autoridades luso-brasileiras não ficariam impassíveis diante da fundação da França Equinocial [...]. Preparou-se assim a reação espanhola para a luta que seria travada em 1614 [...]. A guerra terminou, assim, em caráter definitivo depois do cerco e da rendição do comando francês no dia 3 de novembro de 1615” (TAVARES, 1979, p.92-99).

²⁴ Em sua “*Histoire de la mission de père capucins em île de Maraganan et terres circonvoisines*” o padre Claude d’Abbeville imortaliza a França Equinocial em edição de 1614, segundo Carelli (1993).

²⁵ “*Le voyage au nord du Brésil fait em 1613 et 1614*” foi editado em 1615, como informa Carelli (1993), e contou com grande movimentação editorial.

A partir desse período de efervescência de relatos incríveis, repletos de exageros e da subjetividade de seus autores sobre este “éden tropical”, a imagem do Brasil foi se difundindo e se consolidando na França, como um paraíso, “exemplo de vida mais feliz, mais natural e mais pura, ainda que no primitivismo da sua civilização” (TAVARES, 1979, p.78), contrastando profundamente com os vícios comportamentais arraigados na civilização europeia. O homem primitivo, na visão idealista dos séculos XVI e XVII não havia ainda sido contaminado pelos males consequentes do progresso da sociedade europeia. Entretanto, Carelli (1993) destaca que os fortes traços fixados no imaginário francês desse tempo vão, aos poucos, migrando para a “fantasia de representação” (CARELLI, 1993, p.50) graças ao esvaziamento de informações decorrente do afastamento pela França, dessas terras longínquas, em meados do século XVII, após várias tentativas fracassadas de colonização.

Depois de uma primeira conquista abortada, a memória francesa retém, sobretudo, singularidades da França Antártica (Thevet) e um elogio da civilidade dos selvagens (Léry). Da mesma forma, após o fracasso da França Equinocial, permanecem os testemunhos do padre d’Aubbeville e do padre Yves d’Evreux; impregnados de humanismo e muito curiosos, utilizam meios pré-etnográficos para apreender os costumes e as crenças dos índios. Estes textos e suas imagens formam a base cultural ou, dito de outra forma, o horizonte de espera com um forte substrato mítico sobre o qual se apoiarão os novos dados (CARELLI, 1993, p.51).

A imagem do brasileiro “torna-se esmaecida na consciência francesa” (CARELLI, 1993, p.52) e chega ao século das luzes como figura alegórica, mista, híbrida que reúne em um só personagem caricato todos os índios da América em uma espécie de “entidade global” (CARELLI, 1993, p.52) embrutecida, na visão de alguns intelectuais do século XVIII.

A última grande missão militar francesa no Brasil terminou em novembro de 1711, no amanhecer do século XVIII. Liderada pelo marinheiro e corsário Douguay-Trouin, 3.800 homens atacaram com artilharia pesada e conquistaram a cidade do Rio de Janeiro por cerca de um mês e meio. Entretanto, o objetivo da invasão, conforme Tavares (1979), não foi o de tomar a cidade, mas apenas saquear e destruir, como represália a uma tentativa anterior frustrada de invasão da cidade conduzida pelo capitão de fragata Jean-François Duclerc em 1710, que acabou preso e posteriormente, assassinado na prisão. Trouin só liberou a cidade após pagamento de resgate pelo governo no valor de 600 mil cruzados.

A única fonte francesa confiável sobre o Brasil no século XVIII para Carelli (1993), foi Charles-Marie de La Condamine²⁶, que realiza uma expedição científica de nove

²⁶ A expedição científica de La Condamine segundo Carelli, tinha por objetivo “medir o raio equatorial, a fim de verificar a teoria newtoniana, ainda contestada, da configuração da terra como elipsoide de revolução achatada” (CARELLI, 1993, p.54).

anos no interior da América meridional, descendo o rio Amazonas em 1743, quando, inclusive, descobre a borracha. Sua obra de caráter híbrido, mesclando o relato científico e o diário de viagem, descreve os índios como rudes, preguiçosos, sem preocupações, incapazes de refletir, eternas crianças. “Ante a evocação desses seres limitados para não dizer também estúpidos, estamos longe ao mesmo tempo do mito do bom selvagem e dos primeiros passos da etnografia científica do século XIX” (CARELLI, 1993, p.56). O índio “embrutecido” era o oposto do que deveria ser um fidalgo moralmente superior no século XVIII, época em que o filósofo Jean-Jacques Rousseau provoca abalos na ordem do pensamento estabelecido com a construção de sua teoria acerca das desigualdades entre os homens. Os interesses franceses desse período caminham por outros mares que iriam aportar na Revolução Francesa em 1789. Entretanto, na teoria de Franco (1976), o índio brasileiro e seu ideal de vida estavam entre as inspirações utópicas e reflexões filosóficas que resultaram na queda forçada do poder monárquico na França. Sua tese ganha corpo quando, “ao ler o segundo Discurso de Rousseau, encontrei certas afinidades entre esse texto e o Ensaio de Montaigne sobre os índios do Brasil” (FRANCO, 1976, p.14).

Ao que indicam alguns estudiosos do período, o Brasil não estava na pauta do francês do século XVIII. “Paradoxalmente, enquanto a França abandonava o Brasil, sua influência onipresente na Europa deixava nele suas sementes extremante fecundas” (CARELLI, 1993, p.60). A ideologia libertária vigente na França iria influenciar diversos movimentos de independência no Brasil; em Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro e Pernambuco, sobre os quais pretendemos tratar no próximo subcapítulo desse trabalho. Uma ponte cultural imaginária de horizontes filosóficos e literários iria se erguer no Atlântico, com a importação de ideais que despertariam a consciência nacional brasileira.

[...] começaríamos a receber, então, a grande herança cultural do enciclopedismo, numa espécie de viagem de volta, porque havia, na sua essência, na matéria-prima, trabalhada e burilada pelo esplendor do espírito francês, muito do que ele recolhera, dois séculos antes, no elogio dos seus escritores e nas impressões de seus viajantes, para moldar a sociedade que pretendia libertar-se das servidões injustas que o cidadão sofria dos poderes monárquico e clerical (TAVARES, 1979, p.121-122).

Até a chegada da corte portuguesa no Rio de Janeiro no despertar do século XIX, símbolos, relatos e descobertas incríveis deste enorme território exótico denominado Brasil foram sendo formatados, como vimos, nos imaginários europeus passando, posteriormente, por um período de esmaecimento. Contudo, a relação entre os dois países potencializou-se novamente após o estabelecimento da corte portuguesa no Brasil, em 1808, quando cerca de 20 mil pessoas, incluindo a família real – todos fugindo de uma possível invasão de Napoleão

Bonaparte em Portugal²⁷ – “se mudaram para o Rio de Janeiro transformando, segundo o jornalista e pesquisador Maurício Assumpção, a cidade na única capital de um império europeu fora da Europa” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.18).

Uma das primeiras medidas implementadas por D. João VI, assim que se estabeleceu no Brasil, foi a abertura dos portos, até então, fechados ao comércio com outros países que não fosse Portugal. Profundas transformações arquitetônicas e culturais foram sendo desenvolvidas na nova capital do reino. E, D. João VI fixava na França as suas preferências na escolha de grandes valores a serem importados para a antiga província colonial. Em 1816, convidou para os trópicos um grupo de artistas e intelectuais franceses com a finalidade de fundar no país a Academia de Belas Artes, o que se denominou de “Missão Artística Francesa”. Conduzida por Joachim Lebreton, antigo administrador do Museu do Louvre em Paris, a missão era composta pelos escolhidos de Lebreton, segundo Tavares (1979). Entre eles, os pintores Jean Baptiste Debret e Nicolas-Antoine Taunay, os escultores Auguste Taunay, Marc e Zéphyrin Ferrez, o arquiteto Grandjean de Montigny com os seus colaboradores Levasseur e Meunié, o gravador Pradier, o engenheiro Pierre Dilon, assim como diversos artesãos. A Academia só seria realmente inaugurada dez anos depois, em 1826, como explica Carelli (1993), o que não impediu os integrantes de trabalharem com afínco incessante neste período.

O pintor Debret²⁸ passou 15 anos no Brasil, produzindo um dos relatos escritos e iconográficos mais completos da jovem sociedade brasileira, sobrepunhando e adaptando os mitos à realidade. “Toda a interpretação debretiana do Brasil passa por uma visão ideológica do triunfo progressivo da civilização sobre a barbárie” (CARELLI, 1979, p.60). Em seus três volumes do “Viagem pitoresca e histórica ao Brasil”²⁹ descreve detalhadamente com métodos e imagens (litografias, aquarelas, desenhos, telas) a vida cotidiana das ruas do Rio de Janeiro e arredores, paisagens e espécies da flora brasileira.

²⁷ Bonaparte havia dado um ultimato a Portugal. “Ou aderiria ao bloqueio continental contra a Inglaterra, ou a França invadiria Portugal” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.18). Sem se decidir sobre qual potência apoiar (a França possuía o exército mais preparado do mundo com 750 mil homens, enquanto a Inglaterra era aliada de Portugal a séculos e pressionava o príncipe regente, D. João VI) e fazendo promessas, segundo Assumpção (2014) para os dois lados, o príncipe optou por fugir para a colônia, transferindo todo o aparato da corte para a cidade do Rio de Janeiro, em 1808. “Já em 1815, D. João promoveu a colônia ao status de Reino Unido a Portugal. Estavam dados os primeiros passos para o processo de independência do Brasil.

²⁸ Pintor, desenhista e gravador, Debret nasceu em Paris em 1768 e pertencia à burguesia francesa, segundo o tradutor de sua obra no Brasil, Sérgio Milliet. Em 1785, cursou a Academia de Belas Artes sendo premiado por sua pintura. Tornou-se professor de desenho da Escola Politécnica Francesa. Como pintor da história, trabalhou na propaganda dos feitos napoleônicos. Atou também na decoração cenográfica de teatros e encenações reais.

²⁹ Composta por três volumes publicados entre 1834 e 1839, “*Voyage pittoresque et historique au Brésil*” propõe um traçado evolutivo da barbárie à civilização.

Depois de ter descrito na primeira parte a situação dos índios brasileiros, cujo caráter primitivo já foi tratado com irrepreensível exatidão por sábios viajantes europeus, reuni na segunda parte desta obra, detalhes mais raros e quase ignorados da atividade do povo civilizado do Brasil, sujeito ao jugo português [...]. Finalmente, a terceira parte, de que me ocupo agora, a da história política e religiosa, rico de episódios colhidos *in loco* e cujo encadeamento contribuirá para restabelecer os traços já quase apagados dos primeiros passos que trouxeram à civilização esse povo recém-regenerado. [...]. Tenho, por conseguinte, que descrever, antes de mais nada, o Brasil de 1816, pois neste belo país, como em toda parte aliás, os rápidos progressos de civilização modificam dia a dia o caráter primitivo e os hábitos nacionais; o brasileiro sente-se humilhado hoje por ter sido durante tanto tempo escravo da arbitrariedade e da opressão dos governos portugueses (DEBRET, 1985, p.353)³⁰.

Chamado de “pintor filósofo” por alguns intelectuais, Debret parte de uma realidade múltipla em que “se mesclam atração, repulsão e divertimento” (CARELLI, 1993, p.86), superando o exotismo para narrar uma nação original que emerge com importantes e singulares componentes.

[...] Debret encontrou um equilíbrio eficaz entre o caráter descritivo e pedagógico de suas cenas, impregnando-as de sabor anedótico. Com sua formação ideológica e estética, e apesar das defasagens que esta formação implica em relação a uma movente, conseguiu, como nenhum outro, usar o pitoresco, tentando fazer a comunhão do corpo e da alma do Brasil. Documento figurativo de um espaço e de um povo, *Voyage pittoresque et historique au Brésil* continua a solicitar interpretações, tanto que a missão civilizadora do pintor de história cedeu o passo à espontaneidade do olhar, ao temperamento naturalista e à ternura do coração (CARELLI, 1993, p.88-89).

A abertura dos portos em 1808, por D. João VI liberou ainda a realização de expedições científicas europeias ao interior do país, como relata o jornalista e pesquisador Maurício Assumpção (2014). “O Brasil se tornara uma fonte inesgotável de histórias fantásticas, com sua flora e fauna jamais vistas, que fascinavam leitores de folhetins” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.49) e ainda inspiravam, desde histórias de aventura à venda de elixir milagroso contra a sífilis, por exemplo, preparado com vegetais brasileiros e divulgado amplamente em jornais, segundo afirma Assumpção (2014). O Brasil exótico e peculiar tinha voltado à pauta na França do século XIX.

Entretanto, a visão dos franceses sobre o Brasil foi se reconstruindo à medida que os imperadores D. Pedro I e D. Pedro II passaram a frequentar a Europa e, sobretudo, Paris. Assumpção (2014) afirma que a presença em território francês, dos imperadores, seja na busca por aliados políticos e apoio financeiros para guerras de interesses absolutistas, caso de D. Pedro I³¹, tanto para lazer intelectual, motivação de D. Pedro II, suscitou a disseminação de

³⁰ Texto escrito em 1839 na introdução do volume 3 de sua obra.

³¹ Em busca de apoio moral e financeiro das monarquias constitucionais de França e Inglaterra para derrubar o

notícias periódicas sobre o Brasil na França.

D. Pedro I era “figurinha fácil nas colunas de fofoca” dos jornais franceses desde que abdicara ao trono no Brasil em 1831³² e seguira para a Europa a fim de sensibilizar aliados em sua luta para a reconquista do trono português, usurpado de sua filha, Maria da Glória, por seu irmão, o tirânico D. Miguel que instalara um reino de terror em Portugal, como relata Assumpção (2014). Na França, instalado no castelo de Meudon, situado a treze quilômetros de Paris (vizinho ao Palácio de Versalhes), oferta do rei francês Luís Filipe, o ex monarca brasileiro, agora, Duque de Bragança frequentava assiduamente a vida cultural da cidade, como conta Assumpção (2014) em seu livro “A história do Brasil pelas ruas de Paris”. Ocupava o camarote real na Ópera de Paris, frequentava o Théâtre de l’Odeon, a Salle Richelieu de la Comédie-Française, Salle Favart, museus, exposições, tornando-se objeto de curiosidade. Sua filha, Maria da Glória, era personagem preferida dos cronistas que, ironicamente, criticavam D. Pedro I e seu ideal, para alguns, utópico, de reconquistar o trono de Portugal sem dinheiro e aliados. “Dizem que a pequena Maria da Glória anda muito ocupada fazendo barquinhos de papel em Meudon. Parece que vai dá-los ao pai, para ajudá-lo na sua expedição à Portugal, sugeria a coluna de piadas de um jornal” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.48). Notícias também não faltavam sobre partituras compostas pelo duque de Bragança e interpretadas por gênios da ópera como Rossini. Algumas, bem sarcásticas. “Para meter os soldados de D. Miguel em fuga, basta que D. Pedro faça executar a sua música” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.57). Segundo a historiadora Isabel Lustosa, “ele era visto em toda parte, na ópera, nas corridas, frequentando os melhores cabelereiros, os melhores alfaiates, fazendo-se retratar pelo melhor gravador e, só para não perder o costume, conquistando corações” (LUSTOSA, 2011). Sua presença constante ao lado do rei, era, de acordo com Lustosa (2012), a primeira notícia das colunas que cobriam o dia-a-dia do ilustre visitante. Mas nem tudo era só alegria, o roteiro agitado em Paris do ex-monarca dividia a opinião pública, chamando a atenção da comunidade portuguesa refugiada na França que acompanhava indignada pelos jornas, a vida glamorosa e festiva daquele que deveria

irmão, o absolutista D. Miguel, que havia dado um golpe em Portugal e usurpado a coroa da sobrinha, a rainha Maria II e instaurado um reino de tirania e terror. D Pedro I, segundo relata Assumpção (2014), aproveitou a onda liberal que invadia a França e Inglaterra nesta época para desembarcar em junho de 1831, na França.

³² “A diferença de perspectivas entre portugueses e brasileiros, defensores e detratores de D. Pedro, culminou com o confronto de rua entre os dois grupos rivais em 1831. A Noite das garrafadas como ficaram conhecidos os choques [...] não deixou mortos, mas feriu gravemente o regime” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.30). A crise que fez surgir e sumir três ministérios em apenas 19 dias, levando milhares às ruas, acabou por levar à abdicação de D Pedro I em 7 de abril de 1831, que partiu para a Europa, com sua 2ª esposa, D. Maria Amélia, com a qual não tinha filhos, e sua filha Maria da Glória, a rainha de Portugal. Deixaria no Brasil seus três filhos do 1º casamento com Dona Leopoldina, o pequeno Pedro II de seis anos e as outras três filhas, como atesta Assumpção (2014).

concentrar seus esforços em livrar Portugal do jugo de D. Miguel. Finalmente, em janeiro de 1832, D. Pedro I deixou a França com destino a Portugal, no comando de um exército de apenas 7.000 homens (D. Miguel possuía um exército de cerca de 75 mil homens) composto, segundo Assumpção (2014), de mercenários e refugiados portugueses.

Apenas em maio de 1834, conseguiria a rendição de D. Miguel, em uma campanha considerada heroica, recuperando o trono de sua filha a rainha Maria II. De acordo com Lustosa (2012), muito do sucesso de sua empreitada na França, na conquista de aliados para a recuperar o trono português, se deve ao apoio da imprensa francesa e de periódicos que ele mesmo patrocinava. Nesta época, como afirma Lustosa (2012), vários artigos foram publicados na imprensa liberal francesa sobre a realidade brasileira destacando aspectos da sociedade, da política e da história do país, contribuindo para “desviar o foco do homem-índio, direcionando-o para as formas que a civilização ocidental adquiria no Novo Mundo” (LUSTOSA, 2012), o que contribuía para um conhecimento maior do país pelos franceses e também para a imagem de D. Pedro I.

As décadas do século XIX passavam e o Brasil continuava em destaque na França. Ainda sob regime escravagista, o país aguçava a crítica e motivava a polêmica travando verdadeiras batalhas narrativas entre os intelectuais franceses e brasileiros nacionalistas.

Esse movimento nacionalista não aceita mais os julgamentos peremptórios que os europeus continuavam a tecer sobre sua sociedade. É neste jogo de espelhos deformantes que os brasileiros se viram a encarcerar com um mal-estar crescente. De fato, certos intelectuais terão consciência da defasagem entre a realidade de seu país e as representações europeias, defasagem esta que acentuava necessariamente a visão exótica, dirigida por definição a sublinhar os traços diferenciais, mais sugestivos. Esta busca do pitoresco frequentemente conduz o relato da viagem a tornar-se um texto mais ou menos ficcional. Essas imagens francesas eram frequentemente desvalorizadas em relação aos modelos incontestados de desenvolvimento à europeia. Na oposição clássica entre barbárie e civilização, o francês conhece seu lugar e o brasileiro que pertence à elite de seu país julga-se branco e *afrancesado*, para rivalizar com seu modelo, sacrificando assim sua herança ameríndia e exorcizando a presença africana (CARELLI, 1993, p.105-106).

Época de disseminação de polêmicas, a segunda metade do século XIX gerou múltiplas descrições sobre a sociedade brasileira por intelectuais, jornalistas e diplomatas franceses com muitos julgamentos negativos e críticas ao caráter, inclusive da elite intelectual brasileira definida como negligente. Criticava-se a burocracia, o poderio do interesse privado e pessoal frente aos interesses estatais, o arcaísmo da agricultura, o atraso industrial, a vaidade excessiva das elites, a falta de foco na conclusão de projetos, o fraco conhecimento e interesse pela cultura erudita, a inconsequência e infantilidade do povo e, até mesmo, o casamento e a

relação entre homens e mulheres. “[...] o brasileiro só considera o casamento como uma necessidade social que não o obriga de nenhuma forma aos deveres morais em relação a sua esposa [...]. Tem um ciúme feroz, mais fundado no temor ao ridículo que em um sentimento profundo de afeição” (TERNAUX-COMPANS, 1877, apud CARELLI, 1993) ³³. Diferentemente dos Estados Unidos, segundo Carelli (1993), a América do Sul era vista como “tudo aquilo que não é Europa. Presa no exótico, permanece um lugar de projeção no imaginário europeu” (CARELLI, 1993, p.117). Contudo, as passagens de D. Pedro II ³⁴ pela Europa e, sobretudo, pela França na segunda metade do século XIX iriam amenizar um pouco essa imagem depreciativa do Brasil, consolidada em três séculos de intercâmbios. Em sua primeira visita a Paris, em 1871, D. Pedro II oferecia, todos os dias, das 17h às 18h, nos salões do Le Grand Hôtel, onde se hospedava, audiências a pessoas de diferentes linhas de pensamento e conhecimento. Desde filósofos, artistas e escritores, até pessoas comuns que o abordavam com vários interesses, todos eram atendidos pelo imperador.

De acordo com Assumpção (2014), a imprensa estacionada dia e noite, na porta do hotel ajudou a disseminar uma imagem positiva de Dom Pedro II, como um imperador de atitudes simples, e, ao mesmo tempo, muito erudito. “A imprensa e a população em geral, apesar do fervor republicano (a França estava em sua Terceira República³⁵), viam em Dom Pedro II um monarca esclarecido, intelectualizado, um modelo de rei constitucional para todo o mundo” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.113). Um mandatário simpático à causa abolicionista e republicana. O que ajudou a propagar uma imagem mais favorável do brasileiro que, até então, era o homem que conseguia “comprar duzentos amigos” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.122).

Na segunda metade do século XIX, perdurando até o começo do século XX, a imagem que se fazia do brasileiro em Paris não era das melhores. Em geral, eram vistos como fazendeiros escravagistas, novos ricos, com muito dinheiro e pouca sofisticação [...] eram barões do café, notabilizados pelo próprio D. Pedro II, que, assim, tentava criar uma classe aristocrática que legitimasse sua realeza [...]. A imagem desse novo rico brasileiro, barão provinciano era tão forte na cultura popular francesa que a famosa dupla de autores teatrais, Henri Meilhac e Ludovic Halévy, se baseou nela para criar o personagem cômico *Le Brésilien*, inserido na ópera bufa, *La vie parisienne*, de 1866 (ASSUMPÇÃO, 2014, p. 120).

³³ Segundo Carelli (1993), esta citação foi retirada da reunião de correspondências políticas privadas sob o título de “*Brésil 1876-1877*” e, até então inéditas, que o diplomata francês Maurice Trenaux-Compans escreveu nos anos em que atuou no Rio de Janeiro.

³⁴ Dom Pedro II assumiu o trono brasileiro em 1840, quando sua maioridade foi declarada pela Assembleia Geral, reinando por 49 anos, como relata Tavares (1979).

³⁵ A Terceira República, segundo Assumpção (2014), foi proclamada ainda em 1870, após a derrota da França na guerra Franco-Prussiana (1870-1871), que derrubou o Imperador Napoleão III, sobrinho neto de Napoleão Bonaparte. A Terceira República foi assumida pelo monarquista Adolphe Tiers que, para evitar conflito, se dizia republicano.

O personagem era a síntese de um Brasil escravagista, enormemente desigual, cheio de nobres que a tudo podiam comprar, desde seus títulos de nobreza, a pessoas que favoreciam seus interesses econômicos ou pessoais. Uma imagem que foi sendo transformada após a abolição da escravatura e com a proclamação da República brasileira, como assinala Tavares (1979). Em suas três passagens espontâneas pela França (1871, 1877, 1887) e na última e definitiva (1890), quando partiu do Brasil como exilado, devido à Proclamação da República brasileira³⁶, Pedro II participou de inúmeras reuniões de institutos intelectuais e sociedades científicas francesas se tornando sócio, membro e até mesmo presidente honorário de dezenas de entidades das mais tradicionais a menos conhecidas. Visitou pontos turísticos, museus, exposições e frequentou inúmeros espetáculos de ópera e teatro. Assistia aulas de medicina, história ou física na Universidade da Sorbonne e se aproximou de intelectuais do porte do escritor Victor Hugo, com quem manteve longa relação de amizade, segundo Assumpção (2014), e também de sábios, gênios da arte e da ciência, sempre procurando conhecimento que pudesse beneficiar o Brasil. Exilado em Paris e já com a saúde debilitada, morreu aos 66 anos, sem sofrimento e cercado pela família, na cidade que tão bem lhe acolheu, à meia noite e meia do dia 5 de dezembro de 1891, como relata Assumpção (2014).

Apesar do frio e da chuva, milhares de pessoas se aglomeraram em frente à *Église de la Madeleine* para acompanhar as exéquias [...]. Na igreja luxuosamente decorada [...] todo o alto escalão do governo francês marcou presença [...]. Do *Institut de France*, vieram membros das cinco academias, bem como de todas as sociedades científicas e caridosas das quais D Pedro II era membro [...]. Guardado por 80 mil soldados das guarnições de Paris e arredores, o cortejo passou em frente à Assembleia Nacional da França, onde se ouviram salvas de canhões” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.184)³⁷.

De acordo com Lilian Moritz Schwarcz (2007), os símbolos de sua pátria ganharam destaque no ritual de funeral do ex Imperador do Brasil. A bandeira do país cobriu-lhe as pernas, a areia da terra natal lhe serviu de travesseiro fúnebre, ramos de café e fumo foram colados nos bolsos da casaca e o símbolo da Ordem do Cruzeiro do Sul pendia no colar. “Novamente o ritual e o teatro se confundem com a vida. A imagem do Imperador

³⁶ A República no Brasil não foi proclamada, segundo Schwarcz (2007), mas aclamada sob a liderança do Marechal Deodoro, em 15 de novembro de 1889. “O povo por sua vez, assistia a tudo bestializado, ao lado da família imperial que até o fim não entendeu a atitude de Deodoro [...]. O constrangimento era tal que, no momento da formalização do novo regime, em vez de mandarem uma delegação de altas patentes, ou de políticos tradicionais e diplomatas estrangeiros, foram enviados oficiais subalternos para comunicar, às três horas do dia 16 de novembro, o banimento da família real [...]. No telegrama, o governo provisório comunicava a proclamação da República e dava o prazo de 24 horas para que a família real deixasse o país” (SCHWARCZ, 2007, p.459-460).

³⁷ Do cortejo fúnebre realizado no dia 09 de dezembro, pelas ruas de Paris, que durou cerca de duas horas, o corpo do ex Imperador embarcou diretamente em um vagão de trem com destino a Lisboa, de acordo com Assumpção (2014).

condecorado com elementos nacionais [...] ganha autonomia no imaginário” (SCHWARCZ, 2007, p. 489). O periódico “*Le Petit Journal*”, um dos jornais de maior circulação da época, com mais de 1 milhão de exemplares, destacou em sua primeira página o funeral de D. Pedro II, como afirma Assumpção (2014). “Até então nenhum outro brasileiro havia contribuído tão positivamente para a imagem do Brasil no exterior” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.186). A repercussão de sua morte na imprensa estrangeira teve grande projeção afirmando e exaltando sua intelectualidade, simplicidade, patriotismo. “Morre o homem e nasce o mito” (SCHWARCZ, 2007, p.493).

3.2 SÉCULOS XX E XXI: ABORDANDO O IMAGINÁRIO PLURIDISCIPLINAR

No despertar do século XX, segundo Carelli (1898), uma nova era de interpretações sobre o Brasil é inaugurada na França. E, “Seria o filho de um cafeicultor milionário, um dos maiores do Brasil, quem iria dar continuidade a essa mudança de percepção inaugurada por D. Pedro II” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.186). O nome dele, Alberto Santos Dumont. Com 18 anos, muito dinheiro no bolso e uma ideia fixa na cabeça: voar, voar, voar o jovem mineiro apaixonado por ciência e mecânica chega em Paris em 1891, segundo Wilson Veado (1973). A Paris da “*Belle Époque*”³⁸ atraía brasileiros das classes mais abastadas, intelectuais e artistas que se beneficiam da valorização da moeda brasileira e passavam longas temporadas de compras, prazeres e de cultura na Cidade Luz. “Além das leituras difundidas por Garnier, essa geração sonhava com turnês teatrais francesas, [...] filmes dos irmãos Pathé e da Gaumont” (CARELLI, 1993, p.191). “Em geral, os jovens brasileiros preferiam mais estudar em Paris do que em Coimbra” (CARELLI; LIMA, 1989, p.96).

Entusiasta do balonismo, Santos Dumont desembarcou em Paris determinado a experimentar um voo de balão, já que os franceses dominavam na época a tecnologia dos aerostatos a hidrogênio. Contudo, apenas em outras temporadas na cidade, de 1892 à 1914, é que conseguiu realizar seu desejo e foi além, aprendendo a pilotar e também a construir balões como conta Assumpção (2014). Em 4 de julho de 1898, fez sua estreia nos céus de Paris com o pequeno balão denominado *Brazil*³⁹, “[...] uma verdadeira revolução no sistema

³⁸ “A Belle Époque, nome criado por cronistas para designar um “período de paz e prosperidade, entre o fim da Guerra Franco-Prussiana de 1870 e a eclosão da I Guerra Mundial em 1914” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.210), foi uma época de grande desenvolvimento do conhecimento humano e Paris estava na liderança desse movimento de progresso tecnológico, científico e cultural.

³⁹ “[...] o balãozinho de Alberto, com 6 metros de diâmetro, isto é, um terço do tamanho do menor balão individual, não só ascendeu sem problemas, como viajou 2 mil metros de altitude” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.217).

vigente de confecções de balões esféricos. [...] Graças a seu pouquíssimo peso, podia ser embalado, depois da descida [...]. Chegou até a correr a notícia de que o calouro aeronauta o transportava em uma maleta” (VEADO, 1973, p.83).

O “*Brazil*” já representava os três conceitos principais das invenções que Santos Dumont iria realizar: “pequenez, leveza e simplicidade” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.216) e que conquistaria a mídia e o público da época. Após se envolver no desenvolvimento de dirigíveis⁴⁰ em que assumiria o pioneirismo de pilotar uma máquina voadora a motor que obedecia ao comando de seu piloto, Santos Dumont ou o “Petit Santô” como ficou conhecido, se tornou famoso em Paris. “Muitos franceses consideram o avião Alberto Santos Dumont como patrimônio seu, tal a sua popularidade em Paris entre 1894 e 1910” (CARELLI 1989, p.96). Suas apresentações que reuniam uma multidão no jardins e parques parisienses, como relata Assumpção, e seus acidentes ou sucessos muito comemorados, figuravam nas capas dos principais jornais e revistas da época, sendo alvo até do maior caricaturista da “*Belle Époque*”, Georges Coursat, “uma espécie de autenticação do seu status de celebridade” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.241). Suas invenções eram batizadas por ele com seu nome e um número. Do “Santos Dumont nº1” ao “Santos Dumont nº14” foram inúmeras tentativas, erros, estudos, melhorias, persistência e inovações tecnológicas.

Entre seus protótipos, alguns se tornaram muito populares como o “Número 6”, com o qual conseguiu o triunfo de contornar, em 1901, a Torre Eiffel a uma distância de 50 metros de seu para-raios, conquistando o cobiçado prêmio Deutsch, de 125 mil francos, dos quais distribuiu 75 mil francos para os pobres de Paris. Santos Dumont passava então de “*playboy* do balonismo a grande filantropo do povo parisiense” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.247). Cada vez mais popular, era saudado pelo povo e pela imprensa. Se recusava a patentear qualquer uma de suas invenções, acreditando como revela Assumpção (2014), que o conhecimento deveria ser de domínio público.

[...] seus trabalhos eram reproduzidos em postais, estatuetas, fotografias, etc [...]. Tudo na capital francesa passou a girar em torno de seu nome, que não saía dos jornais e da conversação comum [...]. Todos o convidavam para banquetes, festas, teatros, recepções em casas particulares [...]. Em casa ou na oficina era sempre observado, analisado, pesquisado, fotografado, copiado. Os repórteres não lhe davam trégua [...]. Seu nome, o nome do Brasil, de sua cidade andava de boca em boca. Santos Dumont era, como dizem os franceses o *enfant-gâté* da França (VEADO, 1973, p.103-105).

Chamado também de “homem-pássaro” por jornalistas da época por percorrer os

⁴⁰ Balões em forma de charuto com motor movido a gasolina.

céus de Paris com seu Número 9, conhecido popularmente como “*Baladeuse*”, com o qual aterrissava em cafés, restaurantes e em casa, em plena Avenida Champs-Élysées, Santos Dumont continuava causando *frisson* entre a população e a mídia parisiense. Contudo, o grande feito ainda estava por vir e seria com o aeroplano denominado “Número 14-Bis”⁴¹. No dia 23 de outubro de 1906, no campo Bagatelle em Paris, “o 14-Bis correu umas centenas de metros, o pato ergueu a cabeça e o corpo levantou voo, atingindo uma altura de três metros. Aterrissou do outro lado do campo, para o delírio do público” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.269), ganhando a Copa Ernest Archdeacon e entrando para a história mundial da aviação com o primeiro voo de um aparelho mais pesado que o ar.

Santos Dumont fez pela imagem do Brasil no mundo o que até então, nenhum outro brasileiro jamais sonhara: associou o nome Brasil à engenhosidade, à audácia e à perseverança. [...]. Um ano após a sua morte, virou nome de rua no 15º *arrondissement* de Paris [...]. Dando continuidade ao seu legado, as máquinas voadoras não param de nos surpreender, levando sondas a Marte e o homem à lua, onde uma cratera porta hoje o nome Alberto Santos Dumont (ASSUMPÇÃO, 2014, p.287).

Outros brasileiros também contribuíram para uma mudança de abordagem no imaginário francês a respeito do Brasil, até então construído em séculos de consumo de narrativas de exploração científicas e viagens, além de críticas à composição política e social da jovem nação brasileira, relativizada constantemente com o modelo implantado e consolidado de sociedade Europeia. No século XX, a criatividade e originalidade de alguns brasileiros atraem a atenção e reconhecimento do público francês como o caso do músico Heitor Villa-Lobos e dos arquitetos Oscar Niemayer e Lúcio Costa.

Os artistas modernistas⁴² como Anita Mafalhti, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral, além dos cantores da Bossa Nova, Tropicalismo e MPB (Música Popular Brasileira), assim como os cineastas Glauber Rocha, Nelson Pereira dos Santos, Cacá Diegues, todos deixaram na França marcas de sua genialidade artística na música, na arquitetura, na poesia, na pintura e no cinema. Alguns deles, ainda, incentivados por intelectuais franceses tomariam consciência na França, de sua identidade brasileira que iria ser veemente incorporada em suas produções artísticas, como no caso dos Modernistas e também de Villa Lobos, segundo Carelli (1993).

⁴¹ O nome “Bis” foi anexado ao nome original e tradicional, devido ao fato do aeroplano ter sido apresentado pela primeira vez, acoplado ao balão denominado “Número 14”. A experiência não deu certo e, retirado o balão para uma segunda apresentação, Santos Dumont acabou por batizar então o aeroplano de “14-Bis”, como relata Assumpção (2014).

⁴² “O modernismo brasileiro, movimento capital de ruptura com a dependência cultural tradicional e de criação resolutamente brasileira, nasceu na Paris da boemia e dos vanguardistas” (CARELLI, 1979, p.200).

Heitor Villa-Lobos chegou a Paris em junho de 1923 e já afirmava segundo Carelli (1993), que não estava ali para aprender, mas para mostrar o que fazia. Sua música erudita brasileira fez sucesso nas salas de concerto da cidade berço da *Belle Époque* inaugurando um estilo singular. “Seu temperamento exuberante faz dele uma das figuras marcantes da cena musical parisiense” (CARELLI, 1993, p.207). No entanto, ainda em Paris, foi fortemente incentivado pelo compositor francês, Darius Millhaud, a buscar inspiração em casa, já que “os franceses desejavam o diferente, exótico, autêntico, o outro”, Villa-Lobos passa então, a se inspirar em danças, cantos do folclore nacional e na música indígena.

O mesmo aconteceu com os modernistas Tarsila do Amaral e Oswald de Andrade que passariam a produzir obras com a temática exótica brasileira como assinalam certos críticos brasileiros da época, citados por Assumpção (2014) em seu livro. “Oswald de Andrade, em uma viagem à Paris, do alto de um ateliê da praça Clichy – umbigo do mundo – descobriu maravilhado, seu próprio país” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.328). Na visão de Carelli (1993), os modernistas brasileiros criavam produtos de exportação, “a arte para francês ver” (ASSUMPÇÃO, 2014). O que também serviria de motivação para Villa-Lobos.

Villa, aos 40 anos, chegava ao período de maturidade da sua carreira. Sua inspiração não vinha mais de compositores europeus, mas sim da sua própria brasilidade [...]. A segunda estada em Paris confirmaria, assim a posição de Villa-Lobos como compositor moderno, que incorporava elementos da música nativa e urbana de seu país numa obra de caráter erudito (ASSUMPÇÃO, 2014, p.342).

Sua obra foi louvada pelos mais diversos críticos em revistas especializadas, referências para musicólogos na França como a prestigiada *La Revue Musical*. “Villa-Lobos trouxe consigo à Paris a alma da floresta virgem [...]. Estamos na presença de uma força da natureza, [...] e ficamos transtornados tanto por essa audição, como pelo espetáculo cataclismo” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.357).

Na primeira metade do século XX, apesar de missões universitárias francesas no Brasil terem inaugurado, com diversos brasilianistas franceses, um discurso também científico sobre o país na França, com nomes como do etnólogo, Claude Levy-Strauss⁴³; do fotógrafo e historiador, Pierre Verger; do também historiador, Fernand Braudel; do geógrafo, Pierre Monbeig; do sociólogo Roger Bastide, entre outros intelectuais citados por Carelli (1993), a narrativa do Brasil em terras francesas parece ainda apegada à sedução do imaginário exótico, traduzido, agora, na manifestação artística de uma brasilidade antropofágica. “[...] devorar o inimigo vencido para que suas virtudes passem para nós. Uma comunhão. Absorvemos o tabu

⁴³ Etnólogo autor do livro “Tristes Tropiques” que segundo Carelli (1993), contribui muito para a mudança de visão do francês sobre o Brasil.

para transformá-lo em totem” (CARELLI, 1993, p.221)⁴⁴. No entanto, os pesquisadores franceses de diversas áreas do conhecimento, conseguiram, apesar de fascinados com a natureza e cultura “mestiça” do Brasil, colocar por terra alguns mitos franceses sobre o país e os brasileiros. Carelli (1989) cita a descrição do escritor e jornalista francês Georges Bernanos⁴⁵ sobre o sertanejo brasileiro tido como indolente pelos críticos franceses.

Se vocês parecem guardar a vossa força, é porque não têm excesso; reservando-a ainda, para os cantos, a dança e a música, pois a experiência revelou-se há muito tempo, que o princípio da vossa resistência não está em vossos músculos, ou as vossas tripas, mas nos vossos nervos, como a nos animais livres, das mulheres e dos artistas. Assim o ritmo de vosso esforço não é o mesmo do nosso, ou melhor, o esforço de vocês mantém um ritmo que o nosso perdeu. Desta forma vocês suportam o sofrimento e resistem, onde qualquer outro perderia rapidamente a coragem. (BERNANOS, apud CARELLI, 1989, p.112).

Bernanos parece compreender, segundo afirma Carelli (1898), a demorada e complexa gestação da nação brasileira e seus valores peculiares. “O vosso povo cresce como uma árvore, ou compõe-se como um poema; por uma espécie de necessidade interior” (CARELLI, 1989, p.113). Mesmo assim, a França continuava demonstrando dificuldade, como assinala Carelli (1989), em “compreender essa sociedade mestiçada, sincretizada, com seus contrastes, suas metamorfoses que opera uma verdadeira transubstanciação de tudo que toca” (CARELLI, 1989, p.117). A exaltação da imagem do extravagante, do altero, do “estrangeiro” ainda estava muito presente nas narrativas e olhares sobre o país. O exótico que nada mais é do que o diferente, “a percepção do diverso, o conhecimento de que qualquer coisa não é ela mesma; e o poder do exotismo, que é só o poder de conceber o outro” (CARELLI, 1993, p.252), faz parte de instrumentos da linguagem e da representação que constroem na comparação e analogias, uma retórica da alteridade. “Para os franceses, o Brasil conserva sua parte de sonho e seu referente dionisíaco” (CARELLI, 1993, p.254).

Nos anos 1960, de acordo com Carelli (1993), a construção de Brasília, a inventividade e estética inédita do Cinema Novo e a genialidade da Bossa Nova e do Tropicalismo ganham a apreciação do público francês, influenciando também a criação artística francesa. O filme franco-brasileiro “Orfeu Negro” (1959) do cineasta francês Marcel Camus, com roteiro e música original de Vinícius de Moraes, ganha a Palma de Ouro no Festival de Cinema de Cannes, em 1959, assim como “O Pagador de Promessas” (1962), de

⁴⁴ Definição de Carelli (1993) do Movimento Antropofágico lançado em 1922 pelo poeta Oswald de Andrade na Semana de Arte Moderna realizada em São Paulo que representou um marco na arte brasileira.

⁴⁵ Geroges Bernanos não se deslocou no Brasil como um “turista”. Se enfiou no sertão brasileiro por sete anos na década de 1940, e ultrapassou rapidamente dois mitos edênicos do imaginário francês; a sedução solar do Rio de Janeiro e a imensa e nobre floresta Amazônica, para compreender regiões bem menos fascinantes (CARELLI, 1993, p.225-227).

Anselmo Duarte. Filmes⁴⁶ de Glauber Rocha e Nelson Pereira dos Santos, Cacá Diegues e Hector Babenco são exibidos em diversos cineclubes da França marcando uma geração de franceses. As novelas “Escrava Isaura” (1976), *Dancing Days* (1978) e “Baila Comigo” (1981) apesar de ficcionais, exibem uma imagem urbana e moderna do Brasil, no caso das duas últimas, e são acompanhadas por telespectadores na França. A música brasileira foi então, segundo Carelli (1989), o “melhor produto de exportação cultural” do Brasil na França fazendo muito sucesso entre os franceses até os dias de hoje. O arquiteto Niemeyer⁴⁷, aclamado pelos franceses pela construção de Brasília, “a cidade pássaro”, realizou vários projetos de urbanismo a convite do governo francês e, atendendo à solicitação do Partido Comunista Francês (PCF) projetou a sua sede em Paris, inaugurada em 1971. “Um dos mais belos edifícios modernos de Paris” (ASSUMPÇÃO, 2014, p.432). Niemeyer eleva o Brasil a um “protótipo de modernidade”.

Pode-se realmente falar de um encontro intercultural com a presença residual de alguns mitos. De fato, a cultura brasileira não pode mais ser entrincheirada em algum lugar onde predomina a natureza que só é, aliás, uma construção cultural. Uma cultura sedimentada, incorporando amplamente, é claro, as matrizes referenciais francesas, dá provas de um vigor e de uma originalidade que chamaram a atenção de espíritos que se tornaram mediadores. Assim, há muitíssimo tempo, a sociedade brasileira deixou de ser totalmente “estrangeira” para os franceses [...]. A estrangeiridade do Brasil esfumou-se, em parte, no decorrer dos últimos decênios, em função da integração de referências comuns francesas, europeias e norte-americanas [...]. O Brasil, como a maior parte dos países, não cessou de se ocidentalizar (CARELLI, 1993, p.255-266).

Apesar da evolução no pensamento e ampliação do diálogo e da consolidação de uma visão menos utópica da sociedade e cultura brasileira, na opinião de Carelli (1993), o Brasil continua ainda a ser vítima de preconceito estético por parte dos franceses, como veremos a seguir sobre o evento “Ano do Brasil na França”.

⁴⁶ Filmes de Glauber Rocha que foram sucesso entre o público francês: *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1963), e *Antônio das Mortes* (1969) abriram caminho para outros cineastas como Cacá Diegues com *Bye Bye Brasil* (1979); Nelson Pereira dos Santos - *Memórias do cárcere* (1984); Hector Babenco com *Pixote* (1981) e *O beijo da mulher aranha* (1985).

⁴⁷ O arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer era filiado ao Partido Comunista no Brasil (PCdoB). De acordo com Assumpção (2014), durante a Ditadura Militar instaurada no país em 1964, Niemeyer se exilou voluntariamente na França, onde passou cerca de 20 anos mantendo escritório e realizando outros projetos arquitetônicos expressivos na capital, como o prédio da Bolsa Departamental do Trabalho, sede geral de diversos sindicatos, em *Bobigny*, subúrbio de Paris; o prédio da sede do jornal comunista *L'Humanité* em outro subúrbio parisiense, *Saint-Denis*, entre outros. Apenas com a redemocratização do país nos anos 1980, Niemeyer “foi voltando” para o Brasil.

3.3 2005: O ANO DO BRASIL NA FRANÇA

Desde 1985, a França, dentro de sua política de diplomacia internacional, organiza *Saisons Culturelles*⁴⁸, que homenageiam países parceiros culturais. Mais de 20 países já participaram da programação. Entre março e dezembro de 2005, foi a vez do Brasil expor sua diversidade e intensidade cultural com variada programação e eventos realizados em várias cidades francesas sob o título de “Brésil, Brésils”. O ministro da Cultura, na época, o músico Gilberto Gil, afirmou, segundo Roman (2007), que a concepção do evento pretendia privilegiar um Brasil múltiplo, plural, criativo, rico em diversidade de raças e culturas, pós-moderno, mas sem deslegitimar os estereótipos do samba, carnaval e futebol que, segundo ele, possuem força de evidência. Entretanto, o objetivo da programação, como destaca Pereira (2010), se posicionou em uma atitude de superar os clichês, na tentativa de provocar uma nova percepção do Brasil pelos franceses.

A temporada “Brésil, Brésils” possibilitou ao país apresentar para os franceses a criação artística brasileira do século XXI: exposições de arte, fotografia, patrimônio, arquitetura e *design*, espetáculos de música, teatro e dança, produção cinematográfica e literária brasileiras invadiram as ruas, praças e lojas, sobretudo, de Paris. A *Saison Culturelle*, como relata Roman (2007), foi dividida em dois grandes temas - a diversidade cultural e a modernidade - que guiaram as três etapas da programação que se estendeu durante o ano: “Raízes do Brasil”⁴⁹, “Verdade Tropical”⁵⁰ e “Galáxias”⁵¹. Uma estratégia que visava, como revela Valmorin (2006), a renovar o interesse do público. Diferentes setores da economia também aproveitaram a oportunidade para divulgar produtos e serviços, já que um dos objetivos do evento contemplou, ainda, a aproximação política, comercial e turística, fortalecendo a imagem do Brasil como um país moderno, preparado para o futuro. A iniciativa espalhou, segundo relata Barros (2006), uma onda verde e amarela na capital francesa. Vitrines, lojas especializadas e até mesmo a Torre *Eiffel* se vestiram nas cores do Brasil e destacaram produtos culturais brasileiros como a música, por exemplo, apresentando discos de grupos e produções, até então, inéditas na França.

⁴⁸ Temporadas Culturais. Tradução Nossa.

⁴⁹ “Título inspirado na obra de Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) – explorou as influências étnicas e culturais formadoras da identidade brasileira; as fontes indígenas, africanas, portuguesas, barrocas, europeias” (ROMAN, 2007, p.24). Tradução nossa

⁵⁰ “Expressão inspirada nos ensaios de Caetano Veloso – compreendendo eventos de rua e manifestações ao ar livre durante o verão” (ROMAN, 2007, p.24). Tradução Nossa

⁵¹ “Em referência ao texto do poeta, tradutor e intelectual Haroldo de Campos (1929-2003) – ofereceu uma incursão na moderna e dinâmica criação contemporânea brasileira, nos campos das artes plásticas dança, teatro, cinema, fotografia e arquitetura”. (ROMAN, 2007, p.24). Tradução nossa.

O variado leque de expressões culturais exposto, de forma dinâmica, em diferentes espaços e cidades francesas foi planejado de maneira que se pudesse refletir o universo cultural brasileiro, que tem na diversidade e na vitalidade suas marcas de identidade. As raízes indígenas e africanas, as influências europeias e os contrastes entre o campo e a cidade, entre o litoral e o interior do Brasil, entre métodos de produção primitivos e métodos tecnologicamente sofisticados, ganharam espaço no cenário policultural da sociedade francesa, desafiando os sentidos dos cidadãos daquele país e de outros tantos que por lá passaram durante 2005 (BARROS, 2006, meio digital).

Mais de 430⁵² manifestações culturais integraram a programação, como afirma Roman (2007), além de incontáveis iniciativas espontâneas que foram organizadas em 161 cidades da França contando com a participação de 2.100 artistas brasileiros. O evento obteve, segundo dados do trabalho organizado por Valmorin (2006), um público estimado em 16 milhões de pessoas.

De acordo com relatório da AFAA⁵³, citado por Roman (2007), mais de 15 mil menções ao Brasil foram divulgadas pela mídia francesa em 35 reportagens e edições especiais consagradas ao país na imprensa, dezenas de programas televisivos e radiofônicos e mais de um milhão de visitas registradas ao site do evento, entre março e dezembro de 2005. Apesar desse extenso volume de produções midiáticas, em sua análise sobre a cobertura da imprensa do “Ano do Brasil na França”, Barros (2006) destaca a falta de reflexão crítica da mídia em relação aos contrastes sociais brasileiros, a pouca reflexão sobre o contexto político do país ou nenhuma referência à defasagem e dificuldade de acesso a bens culturais por grande parte da população do Brasil, além da ênfase recair constantemente em produções culturais já integrantes da “indústria cultural”.

Mais de 15 milhões de pessoas estiveram presentes nos 436 eventos que integraram a programação do “Ano do Brasil na França”, realizados durante cerca de nove meses, como atesta Barros (2006). A cobertura da imprensa também foi expressiva. Barros (2006) apresenta o dado divulgado pela Associação Francesa de Ação Artística (AFAA): mais de 15 mil matérias sobre a cultura brasileira foram produzidas e divulgadas pela imprensa francesa no período. Na televisão, 86 produções foram exibidas com a temática Brasil e no rádio, 66 programas abordaram assuntos que variaram da divulgação da programação da temporada a reflexões e debates sobre políticas culturais francesas relacionadas ao Brasil. A página oficial do evento, ainda segundo o relatório da AFAA, contou com mais de 203 mil

⁵² “124 exposições de patrimônio, fotografia, arte contemporânea, design e arquitetura; 867 espetáculos de teatro, música, dança; 430 filmes e documentários em 30 festivais de cinema; 83 colóquios e eventos literários” (VALMORIN, 2006, meio digital). Tradução nossa.

⁵³ Associação Francesa de Ação Artística, responsável pela organização do evento.

visitas.

Em linhas gerais, a cobertura da mídia francesa assumiu um olhar generoso em relação à cultura brasileira, repercutindo as ênfases dos promotores que buscaram a construção, ou consolidação, da imagem do Brasil como um país democrático e bem resolvido na convivência dialética entre culturas de diferentes matrizes etnográficas e matizes estéticos e ideológicos. Um país plural e pacífico, que conjuga tradições e modernidade (BARROS, 2006, s.d.).

Pereira (2010) ressalta o exagero habitual da mídia francesa ao relatar o Brasil em coberturas de factuais cotidianos, apontando aspectos generalizantes, desinformantes e imagens deformadas nas reportagens exibidas pela mídia. Estereótipos constantemente errôneos e excessivos são destacados periodicamente sobre o país na mídia francesa como a prostituição, violência, a corrupção, as mulheres sensuais, sobretudo a “mulata”. “Neste universo, o brasileiro não trabalha, pois os dias e festas são marcados pelo carnaval, futebol, música e dança” (PEREIRA, 2010, meio digital). Pereira (2010) destaca ainda, que este tipo de cobertura gera interpretações de estilo de vida em eterna catarse festiva, como se o trabalho não existe no país.

Em sua pesquisa sobre a representação da mulher brasileira na imprensa feminina francesa, durante o “Ano do Brasil na França”, Roman (2007) analisou 130 edições e 16 títulos a fim de verificar se as revistas dessa categoria conseguiram ultrapassar os estereótipos e lugares comuns, aproveitando a oportunidade do evento para oferecer às leitoras novas e diversificadas informações sobre a brasileira.

Entretanto, mesmo se este evento estimulou artigos sobre o país, seu objetivo de ultrapassar os clichês não conseguiu causar eco nas redações de revistas femininas, que utilizaram, bem ao contrário, como tela de fundo uma série de artigos que não fizeram mais do que reforçar os clichês, atendendo a demanda de um público focado em estereótipos [...]. Nossa análise do conjunto das revistas nos permite constatar uma representação estereotipada e sexista sobre as brasileiras [...]. A representação das brasileiras nas praias é muito reducionista, carregada de clichês e estereótipos. As brasileiras são, sobretudo reconhecidas pela beleza e criatividade, assim como estereótipos ligados à imagem de um Brasil relacionado a alegria de viver e ao talento musical. As revistas oferecem sempre uma imagem simplificada das brasileiras, adotando periodicamente um ponto de vista generalista e superficial [...]. No discurso deturpado do real das revistas femininas, a realidade é assegurada por estereótipos e clichês que são utilizados como fatos credíveis e coerentes [...]. A utilização de dados incorretos e imprecisos; edições tendenciosas de testemunhos; generalizações; e, enfim, um discurso redutor, estereotipado, sexista, otimista (ROMAN, 2007, p.142-145).

Barros (2006) revela em sua análise que a cobertura midiática francesa, durante o “Ano do Brasil na França”, apesar de ter desempenhado um papel de grande relevância na popularização da temporada brasileira, assumiu a visão dos promotores do evento,

privilegiando uma imagem do Brasil como um país democrático, pacífico, bem resolvido em relação às diferenças raciais. Um país que une modernidade e tradição. “Fica a dúvida, portanto, [...] se a programação cultural realizada [...] e sua representação midiática, caracterizadas por uma dimensão festiva, ‘carnavalesca’, não ficam esvaziadas quando integradas à sociedade do espetáculo” (BARROS, 2006, meio digital). Fica explícito, baseando-se nas constatações de Barros (2006), que houve privilégio na inclusão de manifestações culturais hegemônicas na programação desta iniciativa de diplomacia cultural internacional, além da divulgação excessiva de narrativas superficiais e pautadas nos objetivos ideológicos dos organizadores, em detrimento de uma narração e reflexão mais profunda sobre o Brasil que contemplasse, além de riqueza cultural, fruto da miscigenação de raças, mas também uma articulação entre a cultura e a política, os contrastes entre a riqueza cultural e a pobreza social, o desequilíbrio no acesso aos bens culturais e à educação e o conflito de classes.

Apesar da sucessão de imagens do Brasil difundidas e assimiladas pelo imaginário francês, durante cinco séculos de relações, sedução, encantamento recíprocos, desde a edênica Baía de Guanabara, passando pelas descobertas científicas e análises etnográficas, chegando até o consumo de produtos culturais brasileiros e do acesso facilitado a notícias constantes sobre a realidade do país, na visão de Carelli (1898), o Brasil continua a ser “o sonho exótico”. “As imagens se sucedem e se amalgamam, e sua existência é mais persistente quando resultam da projeção de desejos contraditórios, oriundos a nostalgia do paraíso perdido”. (CARELLI, 1989, p.124). É a conclusão do professor de comunicação Laam Mendes de Barros (2006) em sua análise da narrativa “vendida” para o francês na programação do “Ano do Brasil na França” e o ponto de vista da mídia francesa na cobertura do evento realizado em 2005: apesar de retratar a diversidade cultural brasileira, dá ênfase ao “diferente”, evitando uma análise conjuntural mais profunda do país.

Contudo, apesar dos esforços bilaterais dos organizadores e promotores do “Ano do Brasil na França” se concentrarem na superação de clichês consolidados no imaginário francês, ao longo de séculos de relações entre os dois países, relatórios de pesquisas realizadas pela AFAA com o público francês presente na programação do evento - relatadas no trabalho de Roman (2007) – apontaram algumas divergências entre objetivo pretendido e resultado alcançado.

Qual foi o impacto da imagem do Brasil na França provocado pela programação

do evento para o público francês? Os resultados obtidos nesta pesquisa qualitativa⁵⁴ demonstram, segundo Roman (2007), que a grande parte dos entrevistados possuíam conhecimento limitado sobre o país, fazendo alusão apenas ao caráter festivo e aos clichês habituais: samba, carnaval, futebol, praia, o gosto pela festa, drogas, ilegalidades, pobreza nas grandes cidades, favelas e floresta amazônica. “Alguns dos entrevistados declararam se sentirem confortáveis em suas ideias clichês do Brasil mantidas e representadas nas manifestações culturais do evento” (ROMAN, 2007, p. 27).

Em outra pesquisa, desta vez, de caráter quantitativo⁵⁵ cujo objetivo foi também demonstrar o impacto da *Saison Culturelle* sobre a imagem do Brasil na França, mostrou que o público reconheceu a tentativa dos organizadores em apresentar aspectos da cultura brasileira desconhecidas. Porém, a imagem espontânea do país fixada no imaginário do público presente parece não ter sido sobremaneira influenciada pelo evento. Para 35% dos franceses entrevistados, a imagem espontânea que vêm à mente quando se pensa em Brasil é o samba/bossa nova, seguida da pobreza (favelas) para 32%. A palavra praia foi relatada como a que mais identifica o país para 31% dos participantes; o carnaval para 23% e a Amazônia para outros 21%. Dentre os entrevistados, que já estiveram no Brasil, 71% afirmaram que a programação proposta pelo “Ano do Brasil na França” não transformou sua percepção do país. Apenas 29% do total de entrevistados presentes nos eventos declararam ter suas ideias acerca do país modificadas depois de frequentarem os espetáculos, sessões e exposições.

Mais uma pesquisa, desta vez, realizada por telefone com 1054 franceses acima de 15 anos, apontou que eles possuem no geral, uma imagem positiva do país, com 83% das respostas registradas neste sentido. Para 67% dos entrevistados, o “Ano do Brasil na França” melhorou a imagem do país, na visão da sociedade francesa, contra 28% que não concordam com esta afirmação. 71% dos contatados pela pesquisa telefônica declararam que o evento motivou a saber mais sobre o Brasil. Mas, quando questionados sobre o que o Brasil representa para eles, entre 45 categorias citadas, as quatro mais mencionadas foram futebol (43%), o sol e o bom clima (30%), o carnaval do Rio de Janeiro (26%), o mar, a praia, a areia (22%). Todas elas imagens ligadas ao exótico, ao turismo, ao sonho. Para Roman (2007), é importante destacar esse resultado já que a maior parte do território brasileiro não se situa no litoral, contendo várias regiões frias em áreas subtropicais, com temperaturas próximas às da França.

⁵⁴ “Estudo baseado em entrevistas qualitativas com os visitantes de seis manifestações culturais da programação oficial, divididos em três grupos: Exposições; Música e Artes Cênicas; Cinema” (ROMAN, 2007, p. 27).

⁵⁵ Segundo relata Roman (2007), foram distribuídos 332 questionários em alguns eventos da programação e 87 questionários a visitantes que estavam nos espaços onde aconteciam os eventos, independente do evento “Ano do Brasil na França”.

As pesquisas realizadas pela AFAA e reportadas por Roman (2007) em seu estudo apontam claramente para a cristalização dos clichês e estereótipos ainda persistentes no imaginário francês que, nem mesmo a programação cuidadosamente elaborada do “Ano do Brasil na França”, nem a cobertura midiática acerca do país, conseguem superar. As relações históricas com o Brasil paradisíaco, habitado por gente pacífica, boa de bola, feliz e festiva ainda insistem em permanecer como ilusão francesa sobre um Brasil alegórico e idealizado.

4 UM OUTRO BRASIL PARA OS FRANCESES: A ONG *AUTRES BRÉSILS*

4.1 A HISTÓRIA DA ONG E SUA PROPOSTA

A Associação *Autres Brésils*, criada em 2002⁵⁶, em Paris, pela jornalista brasileira Érika Campelo⁵⁷ e pelo professor universitário Jorge da Costa⁵⁸, ensaia aproximar o francês da realidade brasileira e de suas particularidades político-sociais, históricas, culturais e ambientais. Érika Campelo, que imigrou para a França em 1997, teve a ideia de lançar essa iniciativa a partir do momento em que percebeu a carência de informações divulgadas na mídia francesa sobre o Brasil e o que tipo assuntos não destacavam e trabalhos desenvolvidos, principalmente por ONGs, no campo social ou mesmo careciam de uma análise mais crítica da situação político-social brasileira. Nos cinco anos que compreendem a chegada de Campelo⁵⁹ em Paris, e a criação da associação, a jornalista ao lado de Jorge da Costa identificou que as informações sobre o Brasil divulgadas na França não abrangiam a diversidade cultural do país e muito menos aspectos que dizem respeito ao trabalho de movimentos sociais, projetos humanitários e as contradições socioculturais sob a ótica crítica, reflexiva e engajada. A ideia era divulgar uma visão menos estereotipada, em grande angular, do Brasil, país que sempre aguçou a curiosidade dos franceses. “Nossa intenção sempre foi compartilhar as boas práticas brasileiras e reflexões sociais que nunca ou raramente, estiveram na pauta da grande imprensa sobre o Brasil, na França”, afirma Campelo (2015). Desde então, o *site* da *Autres Brésils* divulga, diariamente, artigos de jornalistas e intelectuais brasileiros traduzidos para o francês, com análises aprofundadas e ideologicamente engajadas sobre o factual brasileiro.

A missão de ultrapassar a imagem clichê foi o grande motivador de Campelo (2015). Ao lado do amigo francês, filho de portugueses, na época, professor de matemática do ensino fundamental, Jorge da Costa, a jornalista elaborou e lançou um *site* para divulgação semanal de traduções de notícias de jornais e revistas brasileiras com posicionamento ideológico de esquerda. Os artigos, elaborados por jornalistas e intelectuais de diversos setores da sociedade organizada brasileira e veículos alternativos à grande mídia, abordam as

⁵⁶ O *site* foi criado em 2002, oficialmente, a instituição foi criada em 2003.

⁵⁷ Erika Campelo é jornalista pela UFJF e mestre em ciências políticas pela Universidade da Sorbonne, na França. Hoje, atua na ONG francesa *Vox Public*.

⁵⁸ Jorge da Costa é atualmente doutor e professor de literatura portuguesa na Universidade de Caen, na França. Registrado no nascimento como Georges, assina Jorge nos trabalhos da ONG *Autres Brésils*.

⁵⁹ Erika Campelo foi entrevistada pela autora desta pesquisa, por e-mail, em junho de 2014 e, pessoalmente, em maio de 2015.

tensões sociais e políticas, as iniciativas de desenvolvimento social de um Brasil repleto de desigualdades, mas também um país rico e criativo como frisa Costa⁶⁰ (2015). “A ideia era veicular um outro olhar sobre o Brasil que, desde que os primeiros franceses aportaram em seu litoral na primeira década de 1500 para explorar o pau-brasil, aguçou a curiosidade dos franceses”, explica Campelo (2015).

Divulgar o contraponto de uma espécie de imagem negativa, figurativa e simplista que exaltou alguns aspectos da cultura e da realidade brasileiras como a violência, a pobreza, a exuberância tropical, o futebol arte, o carnaval espetáculo, a sensualidade de mulher e da mulata e a fama de berço do samba se tornou a grande missão da Associação *Autres Brésils*.

Nossa intenção era transcender essa visão estreita e estereotipada propagada pelos meios tradicionais de comunicação, mostrando um Brasil enquanto laboratório de movimentos sociais, políticos, organizações não governamentais e projetos ambientais. Divulgar o que a sociedade brasileira civil organizada constrói de inovador e transformador. Propagar a imagem de um país imenso nos sentidos geográfico e cultural, que consegue, muitas vezes, sair na frente no combate a mazelas que assolam o mundo contemporâneo. Um país que começa a trocar o papel de vítima para o de ator de sua própria história (CAMPELO, 2015).

Campelo (2015) ressalta ainda o papel do Brasil em avanços sociais frente ao mundo. O país é um dos criadores do Fórum Social Mundial; um dos países pioneiros no mundo em termos de economia social e solidária; o país fundador de um dos maiores movimentos sociais do planeta, o MST (Movimento dos Sem Terra); um país que possui iniciativas premiadas que visam a frear o êxodo rural responsável pelo estabelecimento de bolsões de pobreza nos grandes centros urbanos, em favelas. “Nossa ideia sempre foi compartilhar as boas práticas brasileiras e reflexões sociais que nunca, ou raramente estiveram na pauta da grande imprensa sobre o Brasil, na França”, afirma Campelo (2015).

Contudo, a mídia tradicional não se constitui em disseminador exclusivo dessa imagem eurocêntrica, ao mesmo tempo negativa e clichê do Brasil na França em tempos de globalização. O cinema de ficção internacional também reforçou e ainda assegura a manutenção dessa visão composta de múltiplos estereótipos que, segundo Amâncio (2000), se cristalizaram com os séculos, influenciando inclusive produções em vídeo e para a televisão. Imagens cujas matrizes são midiáticas, apoiadas em fluxos culturais, no marketing estratégico turístico e também publicitário sobre o país. Citando Rubens Machado (1992), Amâncio (2000) afirma:

As duas grandes matrizes do estereótipo brasileiro no exterior são a indústria do

⁶⁰ Jorge da Costa foi entrevistado pela autora deste trabalho por e-mail, em julho de 2015.

turismo e o noticiário da imprensa internacional. O estereótipo positivo, o da terra do carnaval, do samba e do futebol, das mulheres sorridentes e curvilíneas, da natureza tropical ensolarada, pródiga e desfrutável, é claro que persiste como imagem sólida, atávica [...]. Quanto à imagem negativa difundida nos noticiários, carrega-se nas tintas unicamente o país da violência, da criminalidade desenfreada, do descalabro das autoridades, da miséria, do descaso pelo social e sobretudo de um péssimo convívio com a natureza, traduzido ora pela catástrofe das enchentes, ora na devastação de florestas. Esse viés Homem/Natureza-em-deterioração num País da Delinquência tem sido o mais utilizado pelos noticiosos internacionais (MACHADO apud AMÂNCIO, 2000, p.35).

Em sua tese de doutorado “Em busca de um clichê: panorama e paisagem do Brasil no cinema estrangeiro”⁶¹ defendida em 1998, Amâncio (2000) analisa 197 filmes internacionais americanos e europeus que, filmados ou não no Brasil, representam uma certa visão do país e dos brasileiros que ajudou na consolidação de um imaginário euro-americano acerca do país. Buscando filiações em situações históricas que marcaram as incursões de estrangeiros no país e, desde então, desenhando sua representação em território exterior, o autor reflete as fontes pictóricas e imaginárias originais em que bebem, ainda no século XXI, cineastas dos EUA e da Europa.

Atravessada pela banalidade, pelo lugar-comum e pelo preconceito, a imagem do Brasil e dos brasileiros nos filmes de ficção estrangeiros se ordena segundo articulações históricas, procedimentos retóricos, simplificações socioculturais. Alguns olhares com matrizes localizadas (o visitante, o emigrante, o exilado) se expandem e se ramificam em tipificações redutoras (a mulher sensual, o travesti – sempre ligados a um transbordamento de sexualidade e a uma repressão patológica ao nível da sociedade dos instintos primários no contexto de uma provocação social), uma cristalização de um modelo de comportamento social transgressor (o carnaval e recurso a práticas religiosas não tradicionais no ocidente). A Amazônia é a região que se inscreve no cinema estrangeiro enquanto renovação temática e cenário singular (AMÂNCIO, 2000, p.140).

A pesquisa realizada pelo professor de Geografia, Leonardo Ulhôa, em sua tese de doutorado “Imagens e estereótipos do Brasil nos Livros Didáticos Franceses”⁶², relatada em reportagem pela jornalista Thais Paiva (2015), analisou 445 imagens e textos de 64 livros didáticos franceses da década de 1990, constatando que, em sua maioria, as escolas francesas difundiam um Brasil de “cenários de mendicância, urbanização sem controle, descaso do poder público, desmatamento ilegal, e tantos outros problemas característicos de uma nação periférica [...] formando um discurso único e pejorativo sobre a realidade do país” (ULHÔA apud PAIVA, 2015). Segundo Paiva (2015), Ulhôa acredita que essas são representações

⁶¹ Forma científica para tese de Amâncio.

⁶² Matéria de Thais Paiva sobre a tese de Leonardo Ulhôa divulgada na edição 97. Disponível em: <www.cartanaescola.com.br> Acesso em julho, 2015.

apocalípticas, fruto de uma lógica verticalizada do não civilizado, solidificando a imagem de uma sociedade atrasada e periférica.

As imagens estereotipadas do Brasil também são resultado de uma idolatria que as têm transformado em mito. E o mito banaliza a realidade, uma vez que veicula os fatos considerados excepcionais, espetaculares ou caricaturais como se fossem representativos de toda uma sociedade, muitas vezes, destituídas de complexidade (ULHÔA apud PAIVA, 2015, meio digital).

Em entrevista para o projeto, o jornalista Ivan du Roy⁶³ afirma a importância da ONG *Autres Brésils* para a mudança na forma como os franceses percebem o Brasil.

O trabalho da *Autres Brésils* permite ao público francês descobrir aspectos da história, da sociedade e da cultura brasileira que são desconhecidos, como por exemplo, a história da ditadura, a herança deixada pela escravidão (racismo forte apesar de uma imagem de multicultural, necessidade por empregados domésticos muito mais fortes que na França), aumento das desigualdades, o desprezo alucinante da elite brasileira pelo povo, mas também da riqueza de alternativas, das culturas e movimentos no seio da sociedade brasileira (DU ROY, 2017).

Passados 15 anos desde sua criação, a *Autres Brésils* se mantém firme no ideal de lutar contra a miopia internacional acerca da realidade brasileira, desmistificando estereótipos e lutando contra a imagem homogeneizada e fragmentada que sufoca a percepção plural e a reflexão politizada da cultura e sociedade brasileiras. Atualmente, a associação conta, segundo Campelo (2015), com a colaboração voluntária de 25 tradutores português-francês e com um comitê editorial composto por cinco pessoas entre franceses e brasileiros.

4.2 A PRESENÇA DA AUTRES BRÉSILS NA INTERNET

Conforme vimos anteriormente, a ONG *Autres Brésils* teve sua origem com o lançamento do *site*, em outubro de 2002. No início, a atuação da ONG era feita única e exclusivamente através de divulgação de conteúdo *online*. O trabalho da ONG era justamente, dar espaço e divulgar matérias que mostrassem uma visão menos estereotipada do Brasil para os franceses através da *internet* e que incentivassem à reflexão informando sob outras angulações, os fatos brasileiros. Para isso, o *site* deveria refletir o pensamento que norteou o seu surgimento, pois, segundo Erika Campelo (2015): “O objetivo, no começo, era traduzir informações dos jornais de esquerda, movimentos sociais e ONGs brasileiras para o francês, porque faltavam notícias e informações deste tipo em francês, sobre o Brasil.” Com um início bem modesto, o *site* foi se transformando ao longo da trajetória da ONG em um espaço, não

⁶³ Entrevista realizada em fevereiro de 2017 com o jornalista Ivan du Roy. Tradução nossa.

somente de apresentação de conteúdo sobre o Brasil para a França, mas também de troca de informações sobre o Brasil. Com uma equipe pequena, a ONG atualiza o conteúdo do site periodicamente, publicando um ou dois novos artigos por semana:

Para o *site*, nós somos cinco pessoas que fazem parte do comitê editorial. A gente escolhe artigos e mandamos para o comitê e, quando somos três de acordo, a gente manda para os tradutores voluntários. Esta é a força do *site*. Desde o começo, todo o trabalho de tradução é voluntário. Há pessoas que nem conhecemos pessoalmente e que traduzem para nós. No começo, éramos eu, Jorge e Emilie (CAMPELO, 2015).

A *internet*, além de ter sido o pontapé inicial do projeto, é também o principal veículo de comunicação da ONG com seu público. Todo o trabalho desenvolvido pela AB pode ser acessado no *site*, com destaque para matérias periódicas sobre o Brasil, mas também para as atividades desenvolvidas: o BEM e o SEM. Para Jorge da Costa (2015), a *internet* foi fundamental nesse processo de mudança de estereótipos brasileiros na França:

Hoje, quem quer saber mais e melhor pode, e o papel da AB é muito importante com o *site* na *internet* e com as projeções e debates. Mas não sei se em proporção, há menos estereótipos hoje. Quem os tem e não quer saber mais, fica na mesma com eles. Quem quer sair dos estereótipos tem hoje mais facilidade para isso. A AB é mais uma alternativa possível graças a tecnologia da internet (COSTA, 2015).

Figura 1 – Página principal do site.



Fonte: www.autresbresils.net

O *site* da ONG *Autres Brésil* se apresenta como “uma decodificação da sociedade

brasileira para um público de língua francesa⁶⁴”, ou seja, como uma proposta de uma leitura da atualidade brasileira, traduzindo as notícias brasileiras para o público francófono.

Dividido em sete entradas, o *site* apresenta o trabalho desenvolvido pela ONG e suas atividades principais. As seções estão assim distribuídas: “A Associação”, “Nossas Ações”, “Brasil em Movimentos”, “Videoteca”, “Site de Informações”, “Outros Recursos” e “Prestações”⁶⁵. A página inicial do *site* contém atalhos para alguns setores tais como: “o Festival BEM”, a agenda de eventos, a videoteca e a busca por temática.

Na seção “A Associação”, o público conhece um pouco da trajetória da ONG onde são apresentados resumidamente os seus trabalhos. Na Seção “Nossas Ações” é possível conhecer um pouco mais o trabalho desenvolvido pela ONG na França. A Seção “Brasil em Movimentos” apresenta notícias sobre o festival de cinema documentário, bem como acesso ao material dos últimos festivais realizados. Essa seção, diferentemente de algumas seções do *site*, apresenta conteúdo também em português, uma vez que a ideia é atrair cineastas brasileiros para apresentarem seus filmes no festival. Na seção “Videoteca”, é possível conhecer o acervo de filmes apresentados nos festivais, buscando por palavras-chave usadas na classificação dos mesmos. Ao buscar por palavra-chave, o *site* nos apresenta os filmes da videoteca, revelando os seguintes elementos: título, a data da produção, a direção, a produção, a língua original, as legendas disponíveis e uma pequena sinopse.

Na seção “Site de Informações”, são apresentados os artigos que foram traduzidos para o francês. Nessa seção, é possível também consultar todas as matérias, buscando por palavras-chave. Na seção “Outros Recursos”, podemos ter acesso a outros tipos de conteúdo traduzidos pela equipe do *site*, tais como, indicações de livros sobre o Brasil, lançamentos musicais, material sobre fotografia, etc. Nesta seção, é possível buscar por livros, músicas, fotografias, DVDs, vídeos e *links*. É possível também pesquisar por palavras-chave. A última seção, denominada “Prestações” apresenta todo o tipo de serviços, informações e possibilidades que a ONG oferece ao público, tais como filmes, exposições, etc. Essa seção também possui informação em português:

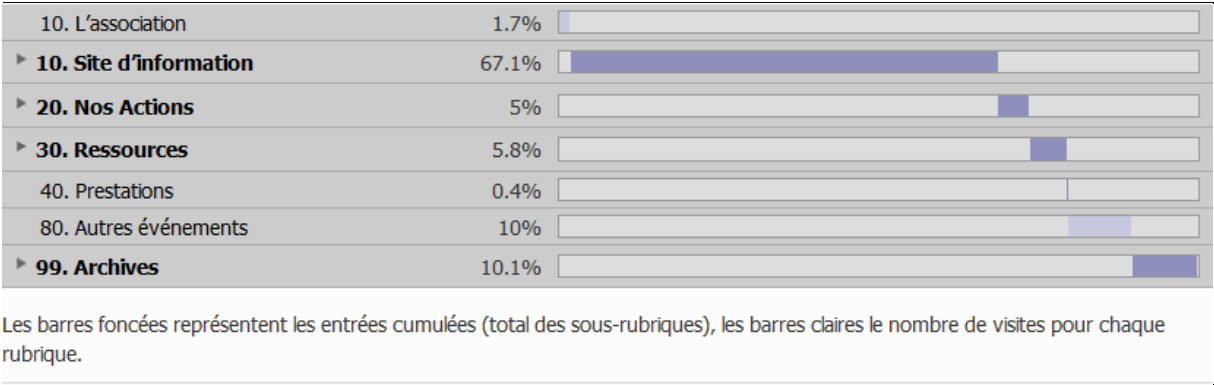
A *Autres Brésils* conta com um banco de dados sobre a sociedade brasileira constituído de três exposições itinerantes e de documentários à disposição dos sócios para consulta em nosso local, e de documentários para projeções públicas. Uma outra maneira de prosseguir no nosso trabalho de decifragem da sociedade brasileira e de ajudar ao melhor conhecimento e divulgação do documentário brasileiro⁶⁶.

⁶⁴ Subtítulo do *site*. Tradução nossa.

⁶⁵ Para melhor compreensão fizemos tradução das entradas do *site*.

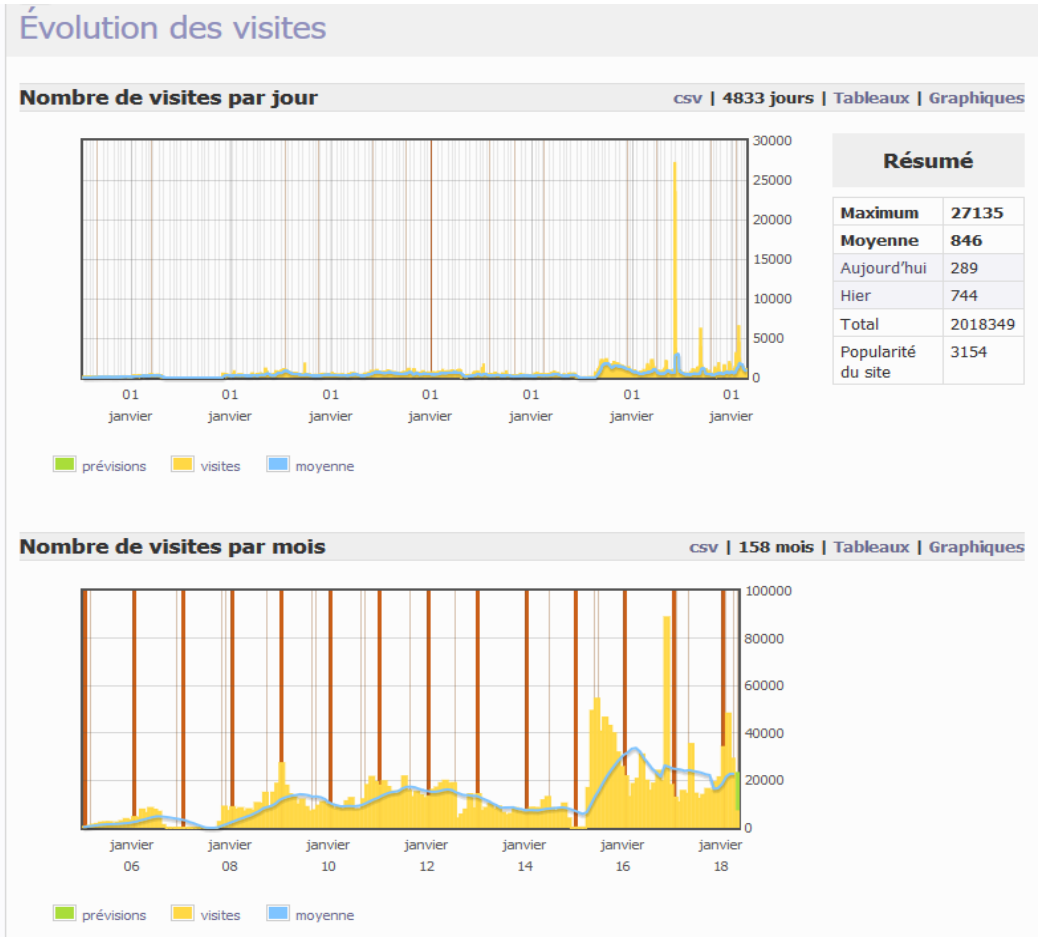
⁶⁶ Informação do site: <https://www.autresbresils.net/Prestations>. Tradução nossa.

Figura 2 – Seções mais consultadas do site



Fonte: www.autresbresils.net

Figura 3 - Gráficos de visitas por dia e por mês



Fonte: www.autresbresils.net

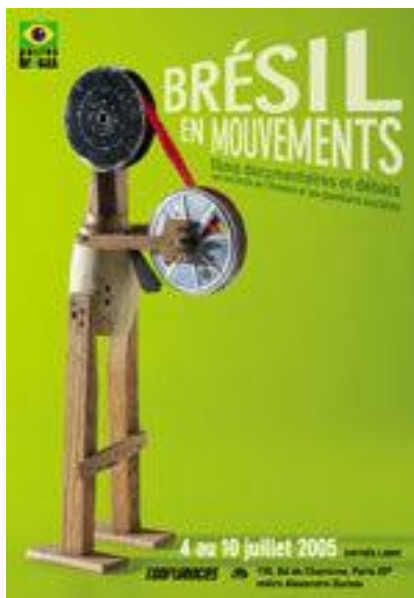
4.3 A CRIAÇÃO E CONFIGURAÇÃO DO FESTIVAL “BRÉSIL EN MOUVEMENTS”

Pretendemos, neste subcapítulo, apresentar as argumentações acerca da criação do BEM explicando os objetivos e ideais presentes na concepção e realização deste projeto cultural. Através de entrevista realizada com uma das criadoras do evento, vamos apresentar as motivações principais do projeto e a configuração do Festival, desde a opção pela linguagem cinematográfica documental, o processo de seleção das temáticas e dos filmes, até a necessidade da realização de debates após as sessões.

Em 2005, na tentativa de oferecer uma alternativa à programação oficial do evento “Ano do Brasil na França”, a associação criou um festival de cinema documentário social chamado BEM, “*Brésil en Mouvements*” que é realizado desde então, uma vez por ano, em Paris. A escolha dos títulos não ficcionais exibidos no BEM – opção pela narrativa documental, compromissada com a verdade, vinculada a valores políticos e carregada de reflexão social – seguem critérios que avaliam a relevância, a atualidade da temática e o paralelo que inspire também discussões acerca da realidade francesa. Num mundo globalizado, em que países se tornaram interdependentes em questões financeiras e climáticas, por exemplo, os debates que seguem as projeções do festival visam a fomentar as discussões sobre os dois países, numa constante troca de ideias, projetos, realidades e inspirações, segundo a criadora da ONG, a jornalista brasileira, Érika Campelo (2015).

A força do evento está exatamente em praticar a interculturalidade na medida em que se utiliza de temáticas brasileiras para discutir suas diferenças ou suas adaptações à cultura francesa e vice-versa. O Festival lança uma nova ótica ao local, quando reflete o global, pois “a abordagem de outra cultura é o pretexto para aprender a diferença e reflexão sobre a própria identidade, sobre a coabitação em uma única sociedade de diferentes culturas, sobre questões de imigração e integração” (BEM, 2005, s.p.).

Figura 4 – Cartaz do 1º Festival BEM



Fonte: Relatório BEM 2005

Os temas escolhidos em cada festival passam pelo enfrentamento dos problemas sociais no Brasil e na França, assim como soluções positivas realizadas para a melhoria da qualidade de vida, ações de movimentos sociais, folclore, cultura, política, história, cidade, temas ambientais, racismo, terra, mulher, questões de gênero, violência, moradia, imigrantes, xenofobia, entre outros. O Festival se propõe a exhibir, segundo Campelo (2015), o retrato de um Brasil em constante movimento e transformação.

O festival recebe inscrições de documentários do Brasil e da França e uma comissão julga aqueles que se encaixam nos temas pretendidos para cada ano. A comissão define as temáticas a serem priorizadas naquele festival e a escolha dos títulos a serem exibidos no *BEM* seguem critérios que avaliam a relevância, a atualidade da temática e um paralelo que inspire discussões acerca, também, da realidade francesa. Todos os filmes inscritos na seleção deverão ser legendados em francês. São três os critérios de seleção no momento da escolha: qualidade técnica, interesse e tratamento do tema e por fim, capacidade de suscitar o debate. Todos os filmes inscritos são assistidos por três membros da comissão de seleção que atribuem uma nota de um a cinco, segundo os critérios elencados acima (BEM, 2016). Os filmes selecionados serão agrupados por temas correlatos que deverão fazer parte de uma sessão temática que pode ou não ser seguida de debates. A dinâmica do festival se modificou muito pouco ao longo de sua existência. Algumas adaptações foram sendo implementadas a fim de melhorar o processo, mas manteve sempre a sua essência.

Desde a primeira edição do Festival, em 2005, o comitê editorial da associação

Autres Brésils optou pela exibição exclusiva de obras cinematográficas documentais que, além de originais, contam com nenhum ou reduzido espaço nas salas brasileiras e estrangeiras, justifica Campelo (2015). Uma das integrantes do comitê editorial da ONG, que seleciona os filmes e temáticas a serem exibidas e discutidas durante o evento, Beatriz Rodovalho⁶⁷ reflete:

Para que serve o documentário? O documentário é principalmente um cinema sobre o Outro (ou o Eu enquanto Outro). Num plano muito concreto, pergunto-me qual é a responsabilidade ética de um documentarista que penetra (e, na minha cabeça, esse documentarista é sempre um homem) um determinado grupo (aqui, ao qual ele não pertence) para fazê-lo de objeto de seu filme. O que acontece quando ele sai? Muitas vezes, ele apenas passa e leva consigo muito, sem nada deixar. Se ele é estrangeiro ainda, pode levar muito mais, em seu encanto eurocêntrico com o outro do terceiro mundo [...]. Em anos de “*Brésil en Mouvements*” pude ver alguns filmes de cineastas europeus que partem à descoberta de um certo Brasil, de comunidades que vivem sub humanamente. Eles vêm, testemunham a miséria, encantam-se com a resiliência (teimosa vontade de sobreviver) de um povo abandonado pelo poder público, encantam-se com esse *je ne sais quoi* do subdesenvolvimento. No fim, partem com um filme que só afirma seu olhar eurocêntrico sobre essa gente. E o que deixam? Quantos não passam e não arrancam um pedaço (de imagem) desses brasileiros para levar para fora? Esse olhar é ainda míope – não se escavam as causas de tanta *falta*, não se confronta o Estado [...]. É claro que cineastas brasileiros podem fazer o mesmo, transitando entre esses abismos horríveis (RODOVALHO apud LYRA, 2017, meio digital)⁶⁸.

Neste sentido, a narrativa documental privilegiada nas telas do BEM está sempre vinculada a valores políticos e carregadas de reflexão social. A escolha pelo documentário, como afirma Campelo (2015), se deve ao compromisso com a apresentação de uma narrativa mais próxima da verdade - mesmo que imputada pela ideologia dos diretores - vínculo com valores políticos e debate social.

⁶⁷ Beatriz Rodovalho é doutoranda em cinema na Université Paris-Nouvelle 3.

⁶⁸ Beatriz Rodovalho foi entrevista por Frederico Lyra para o *blog* “Urucum Milharal”. Disponível em: <<https://urucum.milharal.org/2017/09/24/cinema-de-urgencia-e-o-festival-bresil-en-mouvement/>>. Acesso em: 15 de fev. 2017.

Figura 5 – Cartaz do 4º Festival BEM



Fonte: Relatório BEM, 2008

O cinema de não ficção, segundo Alejandro Baer (2005), é uma forma contundente de narrar o mundo através de um ponto de vista pré-definido.

O documental também se entende como um discurso de realidade que se caracteriza por ter a capacidade de incitar ações e ocasionar consequências na sociedade. Tem esse poder por assumir uma relação com o real direta, imediata e transparente (BAER, 2005, p. 71).

A mostra cinematográfica e os artigos publicados pela *Autres Brésils* em seu *site* não pretendem ser objetivos em suas narrativas de acordo com Campelo (2015). Há uma clara opção ideológica que permeia textos e imagens abrindo um vasto campo para análises engajadas e reflexões de um Brasil sem clichês. A opção da ONG pela narrativa documental, de acordo com Campelo (2015) visa também abrir espaço para discussões de situações e temas que, mesmo contados através de pontos de vistas subjetivos e específicos, privilegiam o documento, o retrato de realidades e histórias com depoimentos daqueles que as vivenciam ou vivenciaram. O que não quer dizer que o cinema de ficção também não possa suscitar reflexões em representações sobre realidades em construções de verossimilhança legítimas.

O espaço para discussões e reflexões entre público, realizadores, intelectuais e representantes associativos convidados acontece nos debates realizados pós as sessões cinematográficas. Para debater os filmes do festival, a organização sempre convida brasileiros e franceses cujas trajetórias são pertinentes ao tema debatido. Os convidados são geralmente intelectuais e professores franceses especialistas em Brasil, membros de Ongs, associações e

instituições francesas e brasileiras com atuação em áreas relativas aos temas dos debates, equipes de produção ou diretores dos filmes exibidos, entre outros. Sobre o festival de 2006 separamos dois depoimentos de brasileiros que assistiram aos filmes e participaram do debate. O primeiro deles é de Itamar Silva, coordenador do IBASE (Instituto Brasil de Análises Sócio - Econômicas) na época:

O evento foi muito bom. A qualidade dos filmes, a pertinência das temáticas e a seriedade da organização foram retribuídas pela forte presença e participação do público. Todos os dias, havia mais pessoas que lugares disponíveis na sala e, infelizmente, muitas pessoas não conseguiram entrar. Um outro indicador da qualidade da programação é a permanência do público que ficavam geralmente até o final dos debates. Cerca de 70% das pessoas que assistiam aos filmes, se interessavam pelos debates que seguiam às projeções (BEM, 2006).

O segundo depoimento é de Frei Betto, teólogo e escritor, também um dos convidados a participar como debatedor no mesmo festival:

Eu participei do projeto *Brésil en Mouvements* no debate sobre Direitos Humanos e questões sociais, em Paris, em julho de 2005. Fiquei muito impressionado pela envergadura do evento. Ele reúne uma mostra significativa de documentários sobre o nosso país, enriquecido de debates entre líderes de movimentos sociais, intelectuais e artistas. Esta é uma iniciativa que merece não apenas ser continuada e renovada, mas também reproduzida em diversas regiões do Brasil (BEM, 2006).

Em 12 anos de existência, o festival exibiu 225⁶⁹ documentários sociais de diretores brasileiros em 13 edições – todas realizadas em Paris - para um público total de mais de 13.000 pessoas em sua grande maioria, franceses, promovendo espaço para debates entre o público, os realizadores, representantes de ONGs e movimentos sociais do Brasil e da França, além de acadêmicos franceses e brasileiros, especialistas em Brasil. “O objetivo é oferecer uma percepção das realidades sociais no Brasil, criando assim espaço propício para trocas entre os dois países e contribuir para assegurar a diversidade cinematográfica e cultural na França e Brasil”⁷⁰ (BEM, 2014). Campelo (2015) define o evento como uma mostra cinematográfica que pretende retratar esse país em constante movimento e transformação, que está sempre rompendo obstáculos históricos, sociais e econômicos imensos.

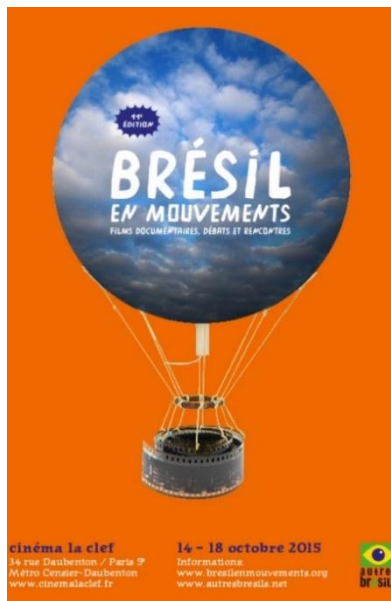
De acordo com o relatório do festival de 2005, o público que a ONG *Autres Brésils* se esforça em atrair para o festival é amplo e bem diversificado: ONGs francesas com programas de ação ou parceiros no Brasil; autoridades locais com ações de cooperação descentralizada com cidades específicas do Brasil; associações francesas com projetos de

⁶⁹ Dados fornecidos através de relatório enviado pela Associação *Autres Brésils*.

⁷⁰ Tradução nossa. Texto retirado do relatório sobre o BEM 2014, enviado para a autora deste trabalho pela Associação *Autres Brésils*, em julho, 2015.

desenvolvimento para educação; e “quem quiser aprender sobre o Brasil para fugir de estereótipos e preconceitos comuns” (BEM, 2005). Além disso, é claro, o Festival atrai muitos intelectuais, como professores universitários, e estudantes como aponta pesquisa de perfil de público realizada a cada ano, e que será revelada no próximo capítulo dessa dissertação.

Figura 6 – Cartaz do 11º Festival BEM



Fonte: Relatório BEM, 2015

5 O FESTIVAL DE CINEMA *BRESIL EN MOUVEMENTS* (BEM)

5.1 O FESTIVAL BEM: ANÁLISE QUANTITATIVA

Neste subcapítulo, pretendemos realizar uma abordagem quantitativa das 13 edições do Festival apresentando dados como quantidade de filmes exibidos por ano, número de debates e encontros realizados por edição, os percentuais de filmes longa, média e curta – metragens exibidos, apontar os principais países de produção das obras, além da evolução da quantidade de público presente, seu perfil, entre outros. O objetivo é apresentar um panorama geral dos números do evento em seus 13 anos de realização. A análise qualitativa que vai abordar os principais temas priorizados pelos organizadores do evento com discussão acerca da revisão bibliográfica histórica e teórica será abordada apenas no próximo subcapítulo.

A metodologia de conteúdo proposta por Laurence Bardin foi utilizada como base para a construção deste subcapítulo. Primeiramente, os dados foram organizados em planilhas e a programação das edições dos festivais dividida pelo ano de realização. Em cada documento, foram criadas as seguintes categorias de organização dos dados: data da exibição do filme, horário da exibição, título do filme, gênero, tema do filme, diretor, ano de produção, país de origem da produção, duração do filme e a sinopse.

Em um segundo momento, as 225 sinopses dos filmes foram traduzidas para o português com objetivo de utilização deste material no capítulo de análise de conteúdo qualitativa. Logo em seguida, extraímos dos relatórios anuais enviados pela ONG - 13 relatórios – as pesquisas quantitativas realizadas com o público, em cada edição do evento. Os dados foram organizados em um único documento com várias categorias: ano do festival, data de realização, mês de realização, dias de duração, sequência de edição, número de sessões realizadas, número de filmes exibidos, número de debates e encontros organizados.

Em relação à presença e perfil quantitativo do público, as categorias utilizadas para organização dos dados, baseadas nas pesquisas aplicadas aos participantes pela ONG, em cada edição, foram: taxa de ocupação das salas, número de sessões com 100% de ocupação, número de sessões com menor índice de ocupação, público total, idade, gênero, nacionalidade, lugar de procedência, profissão, como soube do festival, percentual de público não filiado à ONG presente, percentual de público não filiado à ONG presente e de público estreante.

Acerca do contentamento do público em relação ao evento, dois critérios foram utilizados, também baseados nas pesquisas aplicadas pela ONG: índice de satisfação com a

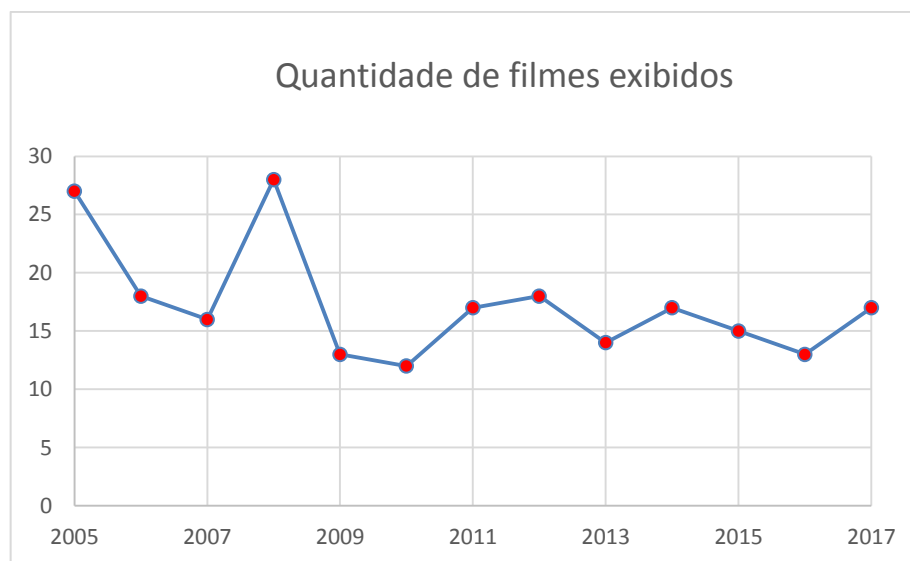
programação cinematográfica, com os debates e com o valor dos ingressos. O material de comunicação produzido e meios utilizados para divulgação do evento, contemplado pelos relatórios da ONG, também foram inseridos no documento de organização dos dados visando a possível análise sobre os veículos, meios e formas de divulgação escolhidas e sua relação com a quantidade de público presente. As seguintes categorias foram incluídas: quantidade de cartões postais e convites impressos produzidos e número de apoiadores de mídia que estiveram divulgando o evento em cada edição. Sobre a viabilidade financeira do evento, foram incluídas as seguintes categorias no documento de organização geral dos dados qualitativos: *crowdfunding* sobre a meta; número de parceiros da edição; número de parceiros de degustação da edição e outros parceiros.

Após a organização de todos estes dados em um único documento de análise, com as categorias alocadas lado a lado, e os anos de festival inseridos em linhas, procedemos uma leitura geral e detalhada de cada item na tentativa de visualizar dados relevantes e que pudessem se correlacionar. O presente subcapítulo pretende, então, revelar dados e conclusões desta análise quantitativa com objetivo de melhor descrever o objeto de pesquisa dessa dissertação. A nossa escolha por determinada categoria em detrimento de outras será justificada em cada análise.

A princípio, julgamos importante apresentar os números gerais e também os mais expressivos acerca da programação do Festival. Em 13 edições de BEM, foram exibidos 225 filmes e realizadas 152 sessões temáticas. Números bastante expressivos para um evento realizado em sala de exibição que conta com apenas 100 lugares. De acordo com o gráfico abaixo, X, a edição com maior quantidade de filmes exibidos foi a de 2008, com 28 documentários projetados.

O total de debates e encontros temáticos organizados após as sessões cinematográficas, em 13 anos, também, é bastante representativo: 51 debates e 54 encontros no total, sendo o Festival de estreia, em 2005, a edição que contemplou a mais expressiva quantidade de espaços para discussões: sete debates e 12 encontros com os realizadores dos filmes, membros das equipes, atores, representantes associativos e intelectuais convidados. Os dados corroboram, portanto, com o objetivo central da concepção do evento que é se configurar como espaço de discussões e reflexões acerca das realidades brasileira e francesa, se possível, traçando paralelos de aproximação ou distanciamento, ressaltando boas práticas, apontando problemáticas sociais, caminhos e soluções.

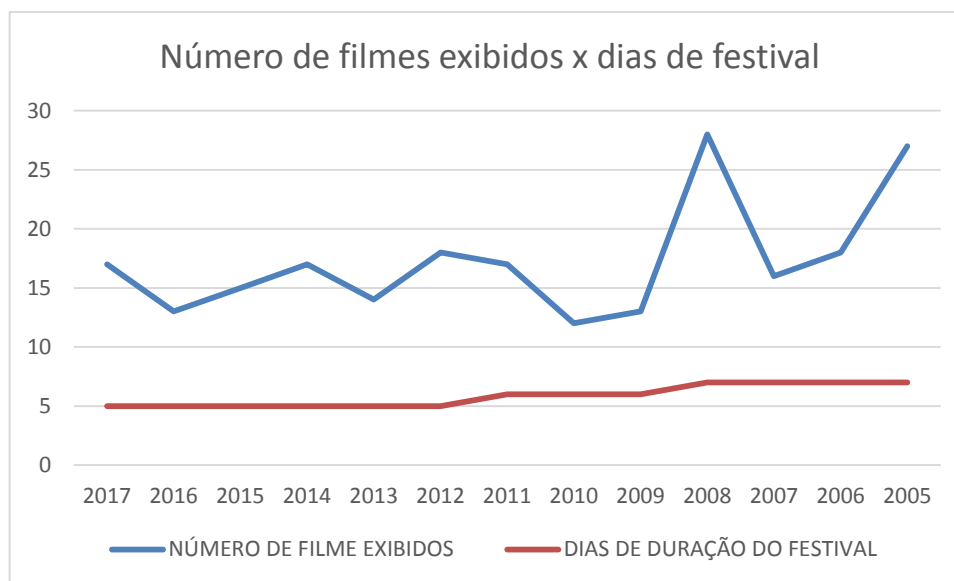
Gráfico 1 – Quantidade de filmes exibidos



Fonte: Pesquisa nos relatórios do BEM

Os festivais de 2005, 2006, 2007, 2008 foram as edições que contaram com o maior tempo de duração, sete dias cada um. Já as edições seguintes – 2009, 2010 e 2011 – foram realizadas em seis dias. As outras edições, até a última analisada para esta dissertação, a edição de 2017, manteve a programação em tempo mais reduzido, cinco dias de festival. Analisando o gráfico 2, percebemos que a quantidade de dias de duração do evento não influenciou, efetivamente, no número de filmes exibidos. A edição de 2012 exibiu 18 filmes, o BEM 2014, apresentou 17 filmes e o Festival de 2017, projetou 17 documentários contando com cinco dias de programação, quase o mesmo número de filmes oferecidos nos eventos de 2006 – [18 filmes exibidos] – e 2007 [17 filmes exibidos], que tiveram sete dias de duração cada um.

Gráfico 2 – Número de filmes exibidos no Festival



Fonte: Pesquisa nos relatórios do BEM

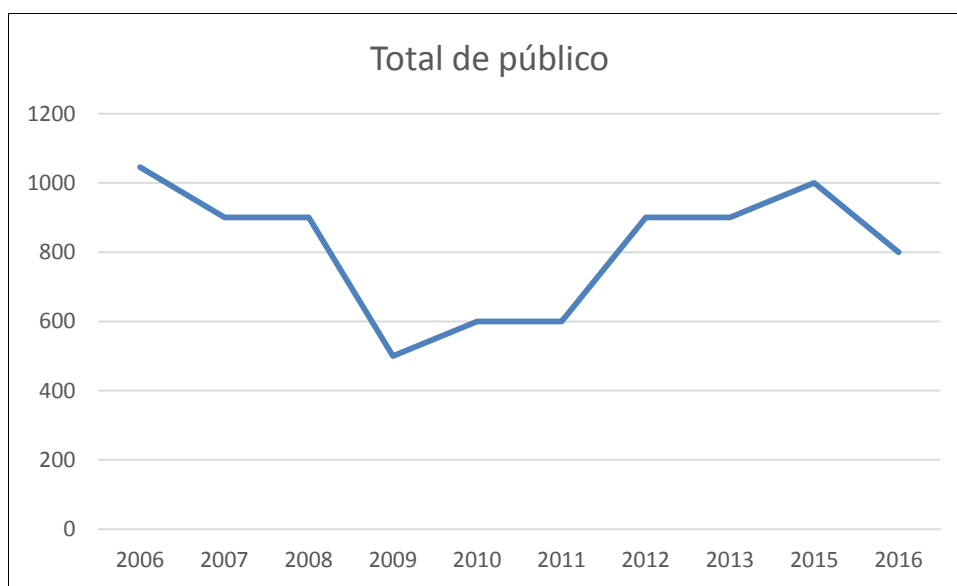
O total do público durante os 13 anos de Festival foi de 8.146 pessoas, distribuídos ao longo dos anos, sendo que não temos a estimativa do público dos anos de 2005 e de 2107. Conforme podemos verificar no gráfico 3, o público se concentra mais nos primeiros anos do festival, ocorrendo um decréscimo nos anos seguintes. O ano com menor número de participantes foi o de 2009, com uma média de 500 pessoas presentes na sala de cinema. No ano de 2015, nota-se que o público volta a estar na casa das mil pessoas. A média de participação, levando em consideração a totalidade de participantes das edições onde houve apuração do dado - 11 edições - fica em torno de 740 participantes por ano. Segundo o relatório da ONG, a maior taxa de ocupação da sala de exibição do BEM apurada foi de 75%, índice de público presente em sessão integrante da programação do Festival nos anos de 2016 e 2013.

Nota-se que ainda há espaço para atração de mais público para o evento através, provavelmente, de criação de novas estratégias de comunicação para a divulgação do BEM, já que consideramos a programação com temáticas bem diversificadas e atrações culturais brasileiras interessantes. Um dado que deve ser observado, de acordo com o relatório da ONG, é a diferença entre a quantidade de público estreante presente em cada edição, e quantidade de pessoas presentes que já participaram de outras edições. Em dado apurado no Festival de 2016, o índice de público estreante foi de 77%, enquanto o índice de público reincidente, foi de 23%. O percentual, portanto, de público novo foi 54% maior do que o do público frequentador. No Festival de 2015, o cenário foi bem semelhante: 79% do público

estava no BEM pela primeira vez e, apenas 22% das pessoas, já havia participado de edições anteriores. O público novo representou neste ano, 54% mais pessoas do que o total de público já conhecedor do evento. O dado aponta para a necessidade da *Autres Brésils*, organizadora do evento, elaborar estratégias de retenção de público, fomentando a continuidade de frequência das pessoas no evento que, provavelmente, não deve se ater apenas às *newsletters* enviadas aos participantes, por e-mail.

Em relação ao perfil do público presente, acreditamos ser relevante a avaliação e apresentação dos dados referente à sua nacionalidade, já que um dos objetivos da ONG ao criar esse evento cultural, foi o de apresentar ao público francês um “outro” Brasil. É necessário ressaltar que, a cada edição, as pesquisas aplicadas pela *Autres Brésils* junto aos participantes identificaram suas nacionalidades. Apenas nos anos de 2005, 2011, 2010, e 2017 não consta esta categoria de pergunta na pesquisa realizada junto ao público. A nacionalidade com a maior representatividade, segundo os dados das pesquisas consolidados no relatório da ONG é a francesa, com média percentual de 66% dos participantes do Festival entre as nove edições analisadas, seguida da nacionalidade brasileira, com média percentual de 19%. A média de outras nacionalidades presentes na plateia do BEM é de 17%, um pouco menor apenas, que a participação de brasileiros no evento. Os dados revelam que a ONG consegue atrair em maior quantidade o público para o qual foca o Festival, os franceses. Toda a programação é concebida para que o público francês possa se aproximar das questões sociais, ambientais, políticas, econômicas e culturais do Brasil, se aproximando de uma realidade que se pretende distanciar dos clichês.

Gráfico 3 – Total de público



Fonte: Pesquisa nos relatórios do BEM

Pelos dados consolidados acerca das nacionalidades presentes e, conhecendo o conteúdo da programação das 13 edições, percebemos que as estratégias de atração de público inseridas na programação como a escolha dos convidados para os debates, as atrações culturais brasileiras realizadas antes e após as sessões cinematográficas, como apresentação de capoeira, show de “Bossa Nova”, “Samba”, “Chorinho”, “Pife” e degustações de produtos nacionais como brigadeiro, caipirinha, produtos da Amazônia, entre outros, também pode contribuir para atrair o público francês para a sala de cinema do BEM.

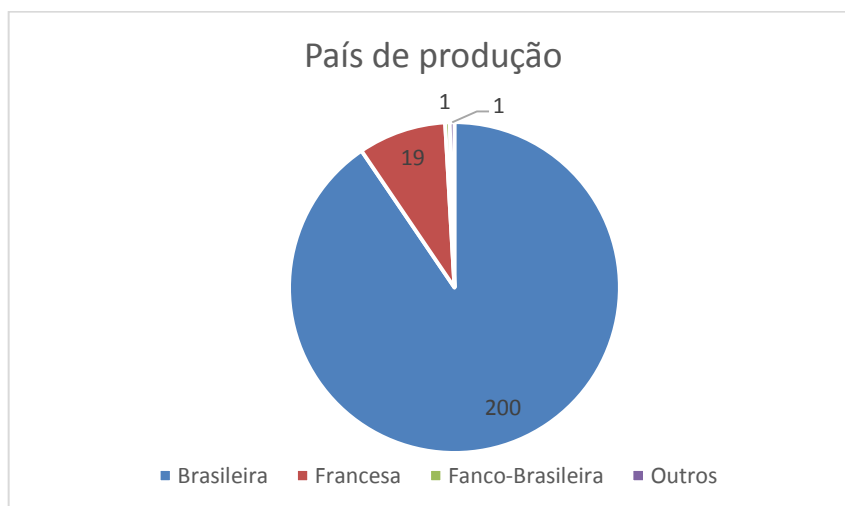
Em se tratando da profissão e escolaridade do público presente, os dados apurados pela ONG constam de categorias diferentes em cada ano e só foram detalhadas em poucas edições. Portanto, optamos por não incluir esse dado nessa análise qualitativa. Contudo, as idades dos participantes foram apuradas a partir da edição do BEM de 2012. Só não tivemos acesso ao dado de 2017. Em média, levando em consideração essas cinco edições, 51% do público frequentador consta da faixa etária entre 15 e 30 anos, enquanto, 24% possui idades entre 31 e 40 anos. Podemos verificar, no entanto, que o BEM atrai um público bastante jovem, em sua maioria.

Acerca das estratégias de divulgação, o evento conta com uma página própria na *web*, o *site* da *Autres Brésils* e alguns parceiros de mídia. Todo ano, a ONG imprime e distribui uma média de 4.000 programas do Festival e 1.000 cartazes, além de enviar comunicado sobre o evento para um *mailing* contendo 8.000 endereços de e-mails. Contudo, é

interessante notar que os questionários respondidos pelo público nas edições a partir de 2011, apontam que a informação sobre o evento e sua programação foram conhecidas pela grande maioria das pessoas - em média, 51% dos presentes - através da propaganda “boca a boca”. Apenas 16% das pessoas, em média, ficaram sabendo do Festival através de redes sociais e 11%, através de *newsletters* enviadas eletronicamente por *e-mail*. A ferramenta “boca a boca” ainda é a grande publicidade do BEM e deve ser estrategicamente trabalhada, inclusive com reforço de ações em redes sociais.

Baseando no trabalho de organização dos dados da programação das 13 edições realizada para a análise de conteúdo, ainda podemos apresentar categorias e números relevantes para melhor detalhamento do objeto de estudo dessa dissertação. De 225 filmes exibidos ao longo dos 13 anos de realização, como aponta o gráfico 4, a seguir, cerca de 200 documentários foram produzidos no Brasil. Notamos, portanto, a preferência por narrativas produzidas por brasileiros. Um dado que demonstra coerência da ONG organizadora com sua proposta de apresentar um olhar sobre o país para os franceses. Apenas 19 produções foram realizadas por franceses. Ressaltamos que, mesmo sendo francesas algumas produções e/ou dirigidas por documentaristas e cineastas franceses, os temas retratos pelos documentários são sempre brasileiros. Em relação às temáticas dos filmes, discutiremos apenas no próximo subcapítulo.

Gráfico 4 – País de produção dos filmes

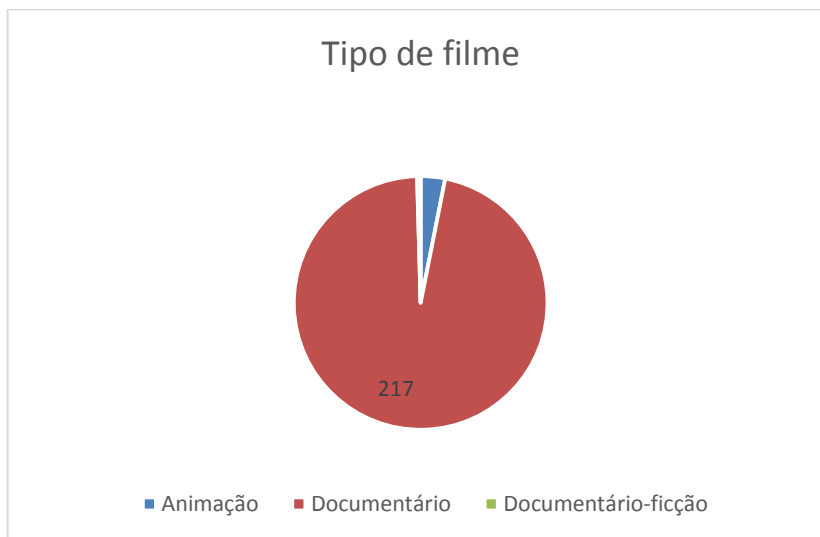


Fonte: Pesquisa nos relatórios do BEM

O gráfico 5 revela a opção da ONG pelo gênero documentário, em relação ao gênero animação e documentário-ficção. Mais uma vez, podemos destacar o viés do Festival e seu perfil: uma mostra de cinema documentário social. Mostramos através desse dado,

portanto, a opção da *Autres Brésils* pela narrativa documental.

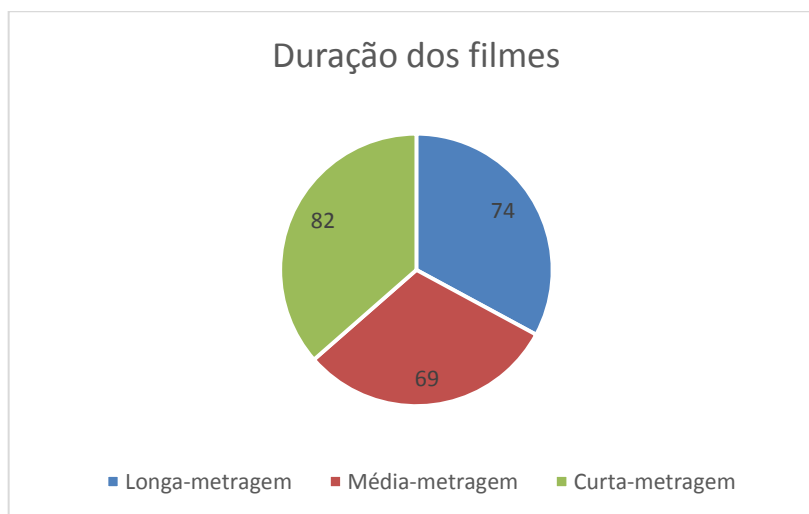
Gráfico 5 – Tipo de filme exibido



Fonte: Pesquisa nos relatórios do BEM

Em relação ao tempo de duração dos documentários, o próximo gráfico, número 6, aponta maior concentração de filmes curtas-metragens exibidos no BEM – 82 filmes – seguida pelo estilo longa-metragem, com 74 títulos integrantes na programação e, pelo média-metragem, com 69 filmes projetados em 13 anos de realização de Festival. Percebemos neste dado, um certo equilíbrio na escolha da ONG acerca do tempo dos documentários selecionados. Não foram notadas grandes diferenças de números para que pudéssemos afirmar ou destacar a preferência dos organizadores por uma duração específica de filmes. Analisando a programação ano a ano, verificamos grande mescla de tempos de documentários nas sessões temáticas que possuem geralmente o mesmo tempo – entre uma hora e duas horas – algumas, com exibição de vários curtas-metragens nesse período, outras, com a projeção de apenas um longa-metragem.

Gráfico 6 – Duração dos filmes



Fonte: Pesquisa nos relatórios do BEM

Apenas uma dentre as pesquisas aplicadas junto aos participantes presentes no evento detectou o nível de satisfação do público com o Festival. De acordo com o relatório da ONG, este dado foi apurado no BEM 2016, e analisou quatro categorias: nível de satisfação com a programação, com os debates, com o preço do ingresso e com a organização do evento. Apenas dois níveis de respostas foram apresentados: muito satisfeito e satisfeito. Sobre a satisfação com a programação a pesquisa revelou que 86% dos participantes daquela edição, se consideram muito satisfeitos e 12% satisfeitos. As temáticas propostas nos debates e a qualidade das discussões agradou a maioria do público que respondeu ao questionário da pesquisa. Cerca de 74% dos presentes, se consideraram muito satisfeitos nesta categoria e 25%, satisfeitos. Quando indagados sobre o preço cobrado pelo ingresso, 74% se considerou muito satisfeito e 23%, satisfeito, o que demonstra que o valor cobrado é acessível ao público que frequenta o evento. A satisfação com a organização geral do evento também alcançou ótimo índice entre as pessoas que responderam à pesquisa, o maior entre todas as categorias. Cerca de 88% das pessoas ficaram muito satisfeitas com o desenrolar das atividades do evento e 12% dos participantes se demonstraram satisfeitos. Os índices de satisfação apresentados apontam para um evento bem organizado, com programação proposta que agrada o público presente, preços acessíveis e boas discussões acerca das temáticas escolhidas.

5.2 O BEM E A VISÃO DO BRASIL PARA O PÚBLICO FRANCÊS

Há 13 anos o festival *Brésil en Mouvements* constrói um percurso calcado na missão de apresentar aos franceses uma outra narrativa acerca do Brasil, visando ampliar o

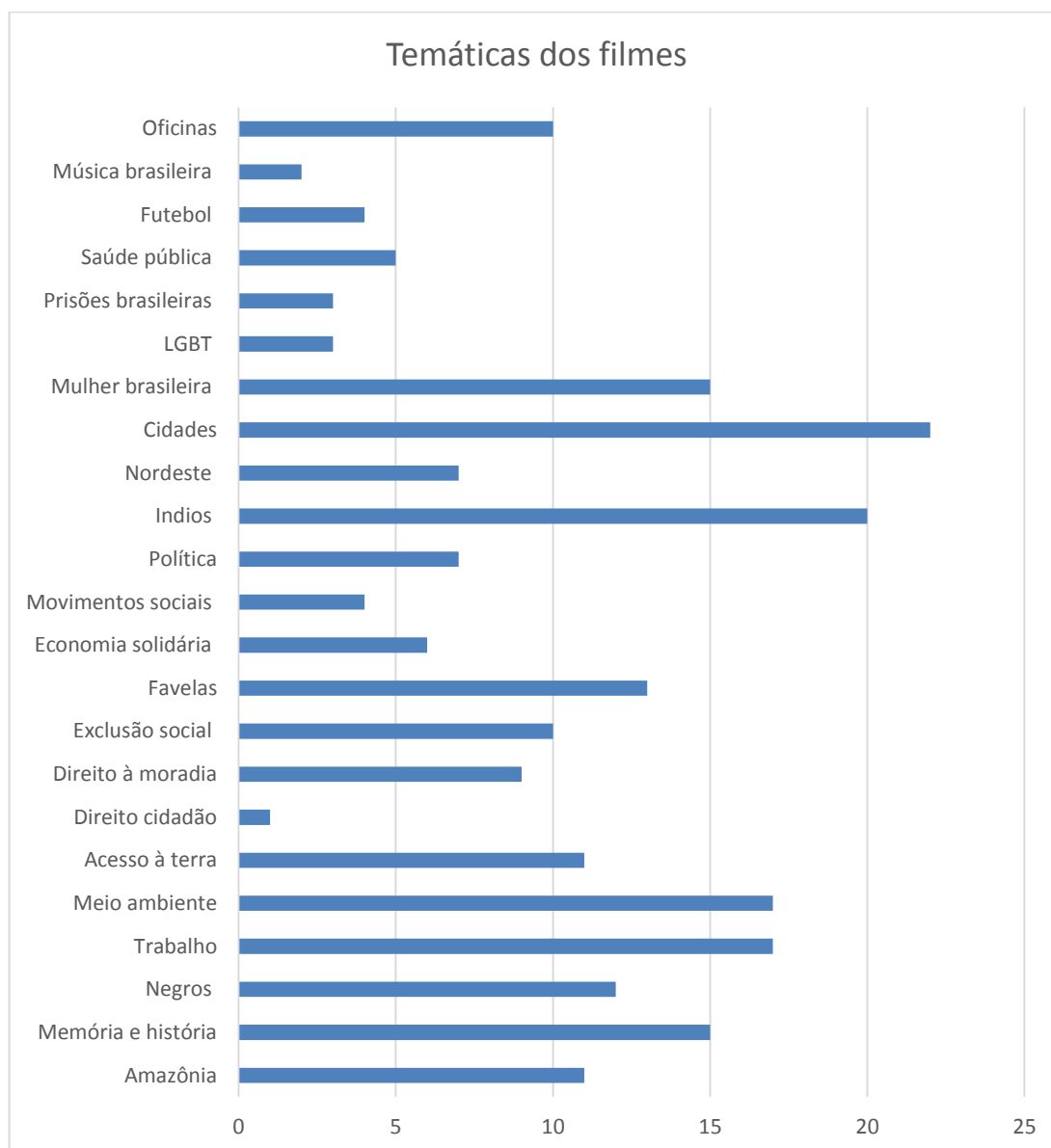
conhecimento do público em um mergulho profundo na realidade política, social, cultural e ambiental do país com foco na superação de estereótipos, clichês e conteúdos midiáticos hegemônicos. Contudo, apesar de analisar os dados quantitativos deste evento, a pesquisa pretendeu ainda, discutir algumas temáticas privilegiadas pela organização do evento, apontando a relação da narrativa proposta pelos filmes exibidos frente aos estereótipos que marcaram a consolidação do imaginário do francês sobre o Brasil abordados nos capítulos dois e três deste trabalho. Para isso, decidimos destrinchar as sessões de cada ano de evento, organizando todos os 225 filmes projetados, primeiramente, em temáticas generalistas e, posteriormente, em sub temáticas mais específicas, ampliando, dessa forma, o olhar sobre o nosso objeto empírico.

As temáticas gerais que criamos não se distanciam das temáticas oficiais que nomeiam as sessões na programação de cada ano do Festival, mas ganharam nomes resumidos e únicos, já que, a cada edição, um mesmo tema denominava sessões com títulos diferentes. Assim, acreditamos que conseguiremos analisar o objeto de forma clara, organizada e estruturada. Devido ao número extenso de filmes exibidos, 225, e a impossibilidade de termos acesso a muitos deles já que são, em sua maioria, produções independentes, optamos, por focar apenas no resumo do enredo estabelecendo sua ligação com os temas gerais e específicos para a posterior análise do enredo apresentado em relação à temática. Portanto, os filmes não serão analisados segundo sua estética narrativa, mas pela história contada e, sempre, levando em consideração a sinopse. Pretendemos dessa forma, viabilizar a discussão acerca da angulação pretendida pela narrativa dos filmes no tema convencionado pela pesquisa. O objetivo é, por fim, compararmos o argumento dos documentários com a visão do Brasil veiculada em séculos de relações com a França, apresentados por esse trabalho através de revisão bibliográfica histórica, dados do “Ano do Brasil na França” e entrevistas, assim como apurar se a missão da ONG em apresentar narrativas que revelam também um país criativo, de lutas sociais organizadas e culturalmente diverso, longe de clichês, se sustenta.

Ao todo foram estabelecidos 23 temas gerais para os 225 filmes exibidos em 13 edições do Festival conforme podemos ver na tabela 1: Amazônia; memória e história; negros; trabalho; meio ambiente; acesso à terra; direito cidadão; direito à moradia; exclusão social; favelas; economia solidária; movimentos sociais; política; índios; nordeste; cidades; mulher brasileira; LGBT; prisões brasileiras; saúde pública; futebol; música brasileira; oficinas. Conforme podemos ver na tabela abaixo, o tema mais recorrente do BEM é o tema Cidades com apresentação de 22 documentários, cerca de 10% da programação dos 13 anos,

seguido do tema Índios com 20 filmes relativos ao assunto. Os temas Trabalho e Meio Ambiente são recorrentes em 17 filmes cada um, demonstrando o interesse dos organizadores do Festival por esses temas específicos. Entre os temas mais recorrentes, temos memória e história e mulheres brasileiras com 15 exibições cada um.

Tabela 1 – Tabela de temas dos filmes apresentados nos festivais



Fonte: Pesquisa nos relatórios do BEM

Os temas escolhidos permeiam o imaginário dos franceses há séculos. Assim, nosso objetivo é verificar se a tentativa de revelar um outro Brasil pela ONG produtora do BEM, distante de clichês e com aprofundamento na realidade do país, realmente é coerente com os filmes escolhidos para exibição. Os temas apresentados pelo Festival e que serão

analisados neste subcapítulo serão: Amazônia, índios, meio ambiente, acesso à terra, movimentos sociais, economia solidária, cidades, favelas, exclusão Social e mulheres. Devido à necessidade de análises relacionadas à teoria apresentada em capítulos anteriores, escolhemos os temas descritos acima para esta análise de conteúdo. Dessa forma, pretendemos avaliar se as mensagens dos filmes corroboram ou apontam outra visão sobre os clichês históricos, a visão dos franceses apurada em pesquisa, as narrativas midiáticas pessimistas habituais e sobre o papel proposto pela ONG de divulgar um Brasil criativo, de resistência e a denúncia de certas problemáticas. O número de filmes projetados no evento que retratam os temas escolhidos para análise totaliza 138 documentários, cerca de 62% dos filmes que integraram a programação do BEM nestes 13 anos de Festival. Acreditamos que a amostragem de filmes dentro dos temas escolhidos é representativa para o estudo de conteúdo. Cada um dos filmes foi analisado segundo sua sinopse, como já explicitado anteriormente, e de acordo com o tema ao qual foi alocado na organização de dados. Alguns nomes de filmes citados estão em francês, apesar de serem produções brasileiras, pois todas as referências – nomes, sinopses, diretores, duração – foram retiradas dos programas de cada ano de Festival. Em algumas edições, por opção dos organizadores, os filmes eram apresentados com nomes traduzidos para o francês.

5.2.1 Amazônia

A temática Amazônia foi estabelecida levando em consideração filmes cujo argumento retratam os desafios e adversidades enfrentados pela floresta na contemporaneidade e as iniciativas de preservação e sustentabilidade desenvolvidas no seio da floresta. Sete sub temáticas foram estabelecidas para classificar os 11 filmes: devastação; exploração da borracha; fronteiras; luta pelo território; religiosidade; sustentabilidade; ribeirinhos.

A floresta que sempre exerceu atração e aguçou a curiosidade dos franceses desde que missões científicas e artísticas se aventuraram a desvendá-la em sua exuberância e exotismo como relatadas no capítulo 3 desta pesquisa, chega às telas do BEM apresentando ao público francês uma floresta, “pulmão da terra” (BEM, 2005), palco de lutas violentas⁷¹ por territórios entre camponeses, líderes sindicais e fazendeiros que “monopolizam o essencial da terra” (BEM 2005). Famílias em busca de terra para cultivar e militantes e sindicalistas tendo

⁷¹ Filme “La terre et la peine”.

cabeças colocadas a prêmio por grandes proprietários de terra figuram a realidade de violência praticada dentro da floresta. O cenário de devastação ocasionado pelo estigma de “eldorado mítico, objeto de desejos” (BEM 2005)⁷² que impulsionou formas de exploração selvagem e excessiva também são reveladas através de imagens de arquivo inéditas, testemunhos e análises. Em outro documentário⁷³, ex seringueiros contam suas histórias relativas a extração da borracha que tanto atraiu pessoas para a região da floresta no século XX.

As sinopses dos filmes revelam, nestes casos, uma floresta em conflito constante bem distante do paraíso exuberante percebido pelos franceses desde os primeiros relatos publicados na França. Eles apresentam a luta pela terra e a devastação gerada pela ganância sem limites. Contudo, o Festival não deixa também de evidenciar o outro lado da questão: iniciativas de sustentabilidade que ensaiam a conciliação do homem com a natureza, a fim de preservar a floresta amazônica. Como por exemplo, a apresentação de focos de resistências como a dos índios Sateré-Mawé⁷⁴ que cultivam o guaraná, planta considerada sagrada para eles, através de um projeto de preservação de um banco genético original que protege o fruto abrindo e garantindo um canal de comércio sustentável, apesar de estarem cercados por multinacionais. O olhar otimista da ONG acerca da floresta, apesar de não esconder a realidade de desmatamento e o desrespeito aos direitos humanos, é revelado na escolha de documentários que apostam também em divulgar iniciativas ambientais que visam preservar o patrimônio cultural e natural da Amazônia. Um outro título exemplifica esse argumento. Trata-se do documentário⁷⁵ que, através de um olhar poético, segundo a sinopse, retrata o cotidiano das mulheres que colhem e quebram nozes de coco de babaçu preservando a manipulação artesanal de um dos principais frutos da floresta.

Desde a sua criação, a *Autres Brésils*, persegue uma grande meta: destacar as ações positivas, criativas e, por vezes, inéditas, concebidas por brasileiros, ONGS, associações e políticas públicas em diversos setores. Portanto, a escolha de alguns documentários escolhidos para debater a Amazônia tem foco em iniciativas de desenvolvimento sustentável como o filme⁷⁶ que narra a política implementada no Estado do Amapá, entre 1994 e 2002, que expõe um conjunto de ações em prol da convivência saudável entre o homem e a floresta que se manifesta como exemplo a ser seguido mundialmente em termos de preservação ambiental. A religiosidade na região amazônica também ganha espaço

⁷² Filme “La rue sauvage”.

⁷³ Filme “Soldados de borracha”.

⁷⁴ Filme “L’oeil du guaraná”.

⁷⁵ Filme “Quebradeiras”.

⁷⁶ Filme “Amapá”.

na programação do BEM em um filme⁷⁷ que revela o Círio de Nazaré, uma das maiores festas religiosas do Brasil, realizada todos os anos, na capital do estado do Pará, Belém. Através do percurso de famílias peregrinas pelas águas do rio Amazonas em direção ao Círio, o documentário, segundo a sinopse desvela, além das paisagens exuberantes da região, as condições socioeconômicas dos ribeirinhos, moradores das margens do rio. Essa população, que vive às margens de um dos maiores rios do planeta, tem também suas vidas retratadas em outro documentário⁷⁸ que relata suas dificuldades, sobretudo, em relação ao acesso a água potável. Um paradoxo para quem vive em meio ao maior manancial de água da Terra⁷⁹.

Há na escolha destas obras um desejo de revelar que, apesar de diversas tribos indígenas que sempre povoaram o imaginário acerca da Amazônia, a floresta possui ainda uma grande população mestiça, religiosa e pobre que navega ou vive próxima ao maior rio do planeta e que não possui água potável para beber e sofre com vários problemas sociais. Apesar de destacar o que o Brasil produz de melhor, a ONG não se esquivava do tom de denúncia que está muito presente na escolha dos filmes que vão integrar a programação do evento e, por isso, promove debates acerca deste Brasil que pretende apresentar nas telas do cinema. Outro assunto abordado se refere ao polêmico projeto de construção de uma ponte⁸⁰ que, atravessando o rio Oyapoque – afluente do Amazonas, que através de suas linhas delimita a fronteira entre Brasil e Guayana Francesa – levaria desenvolvimento para região. Habitantes das duas cidades fronteiriças demonstram sua desilusão e ceticismo em relação às mudanças que esta obra representaria.

Podemos afirmar, avaliando as sinopses dos nove documentários que privilegiaram em seus enredos o tema Amazônia, que as realidades a respeito da floresta apresentadas na programação do BEM – devastação, exploração, violência, situação precária de vida dos ribeirinhos, resistência e projetos de sustentabilidade - se situam bem distantes da leitura da Amazônia apontada, por exemplo, por Amâncio (2010), em sua análise acerca das representações da grande floresta brasileira no cinema de ficção internacional em que um “repertório onde cabem caçadores de cabeça, expedições paleontológicas, ataques de piranhas e de jacarés, areias movediças, exploração de minério, ouro e diamantes” (AMÂNCIO, 2010, p.89) são frequentemente acionadas. Uma Amazônia que tem apelo forte no imaginário do

⁷⁷ Filme “Os promesseiros”.

⁷⁸ Filme “Strade d’agua”.

⁷⁹ “Além das riquezas naturais já conhecidas, a região amazônica conta com um tesouro subterrâneo. Trata-se do SAGA, o Sistema Aquífero Grande Amazônia. O maior de que se tem conhecimento no planeta. São mais de 161 quilômetros cúbicos de água” Disponível em: <<http://radioagencianacional.etc.com.br/geral/audio/2015-03/maior-aquifero-do-mundo-esta-localizado-na-amazonia>>. Acesso em: 30 de abr. 2018.

⁸⁰ Filme “Oyapoque”.

Brasil na França como apontou a pesquisa da AFAA realizada com o público do evento “Ano do Brasil na França”, abordada no capítulo três deste estudo, classificando-a como uma das cinco principais imagens do Brasil impregnadas no imaginário francês. Quando perguntados sobre a imagem que vem à mente quando o tema é Brasil, 21% dos franceses referem-se à Amazônia, ao lado de imagens como praia, carnaval, samba e pobreza. “A visão a-histórica do país no qual a natureza mais que a cultura parece ser a força maior guiando o Brasil em seu radiante futuro” (AMÂNCIO, 2000, p.119) vai ficando para trás nas narrativas apresentadas sobre a floresta em forma de documentário no BEM. A respeito desse tema, apontamos uma coerência em relação aos ideais dos organizadores e seu foco em apresentar para o público francês um outro Brasil.

5.2.2 Índios

O tema índios – bastante afim com o tema da Amazônia – está presente desde que os primeiros franceses aportaram no litoral brasileiro ainda em 1504, efetuando os primeiros contatos com os povos nativos. Essa temática sempre ganhou espaço na construção do imaginário do francês sobre o Brasil conforme relatamos no capítulo três desta pesquisa. Através de relatos de viajantes que atravessaram o oceano Atlântico em expedições para exploração do pau-brasil ou para integrar algum projeto de colonização como foi o da França-Ántártica e as tentativas de conquista de territórios no Maranhão, a vida e costumes dos índios era detalhada em textos e desenhos chegando aos franceses em publicações que eram sucesso de venda como as de Jean de Léry que observou os Tupinambás e Tupiniquins por mais de um ano e a de André Thévet que passou dez semanas no Brasil. O livro “*Singularités de la France Antarctique*” de Thevet, publicado em 1558, foi um grande sucesso de vendas como atesta Carelli (1993). O livro “*Histoire de um Voyage fait a la terre du Brésil*” de Léry já se configurava, segundo Lévis-Strauss, em um “breviário do etnólogo” ainda no século XVI (CARELLI, 1993, p.39).

Além disso, índios eram levados frequentemente, para serem exibidos na corte como seres exóticos, praticamente vindos de outro mundo para “exibir seus trajes e danças características, despertando grande curiosidade, sobretudo pelo que se dizia sobre eles em numerosos livros franceses” (TAVARES, 1979, p. 46). Séculos mais tarde, o movimento renascentista, passa a se basear no índio em uma autocrítica civilizatória, criando o mito bom “Bom Selvagem” também abordado no capítulo três, que vai influenciar e potencializar uma visão mitológica do índio brasileiro como um ser perfeito, evoluído e puro, vivendo feliz e em

perpétua paz com a natureza. “Exaltavam os nossos índios, louvando lhes a maneira de viver [...] sobretudo, pela fascinação que despertavam [...] a vida sem convencionalismo e eminentemente, humana que desfrutavam os selvagens” (TAVARES, 1979, p.31).

O cotidiano, a organização comunitária da vida em tribo, os rituais sagrados indígenas que sempre aguçaram a curiosidade dos franceses, também marcam presença no enredo de 20 filmes exibidos nas 13 edições do festival de cinema. Alguns filmes documentam danças que celebram a morte⁸¹ ou “acordam o mundo” em noites de eclipse lunar⁸² em cerimônias ancestrais. Rituais de iniciação das mulheres Xavantes⁸³ e a invocação de espíritos da floresta que vêm punir o egoísmo dos homens⁸⁴, como descrevem as sinopses, integram o enredo de quatro filmes exibidos no BEM. As cerimônias que fazem parte da cultura indígena brasileira são também retratadas por documentaristas que narram o trabalho dos índios atualmente, com as novas gerações, em prol da preservação destes costumes, como é o caso da escola criada embaixo de uma árvore de cajueiro, há mais de 20 anos, registrada por documentário⁸⁵ realizado na tribo Tabepa. As tribos da atualidade são ainda, retratadas em narrativas documentais cinematográficas⁸⁶ que relatam suas brincadeiras cotidianas, jogos, festas, modos de vida e imaginação.

Notamos, dessa forma, um desejo dos organizadores em apresentar a vida cotidiana nas tribos brasileiras destacando iniciativas de preservação cultural e ritos em contraponto às cerimônias exóticas que sempre povoaram o imaginário francês. Contudo, precisamos ressaltar a tentativa da ONG em atualizar essa visão, inclusive, exibindo filmes produzidos, dirigidos e filmados por documentaristas índios atuantes no projeto Vídeo nas Aldeias apresentado no capítulo cinco deste trabalho, como o filme que apresenta o ritual de iniciação das mulheres Xavantes, o que potencializa, de uma certa forma, a legitimidade do argumento e do objeto filmado. Uma outra obra exibida revela a colheita do cacau⁸⁷ e também algumas cerimônias ritualísticas e celebrações sob olhar dos próprios índios. O etnólogo francês Claude Lévi-Strauss tem espaço na programação do BEM em filme⁸⁸ que, segundo o resumo descrito no programa do festival, mergulha o espectador no coração da Amazônia e refaz o caminho percorrido pelo cientista francês em meio aos índios Nambikwara. Em outra

⁸¹ Filme “As hipermulheres”.

⁸² Filme “O dia em que a lua menstruou”.

⁸³ Filme “Pi’õhitsi: mulheres Xavantes sem nome”.

⁸⁴ Filme “Konãxela Maxacali”.

⁸⁵ Filme “Aldeia do saber”.

⁸⁶ Filmes “Marangmotxíngmo mirang” e “*Après l’oeuf, la guerre*”.

⁸⁷ Filme “Kiarãsa yõ sãty”.

⁸⁸ Filme “Trópico da Saudade: Claude Levi-Strauss na Amazônia”.

produção⁸⁹, a aldeia Sangradouro, no oeste brasileiro, é retratada pelos olhos e lentes de um missionário que fez seu primeiro contato com os índios em 1957. Ele registra o dia a dia da tribo. Suas imagens são revisitadas pelo cineasta indígena, Divino Tserewahu que, entre “cumplicidade, competição, ironia e emoção” (BEM, 2014), dá vida às imagens que descrevem um outro aspecto da cristianização dos índios, segundo a sinopse da obra. No entanto, a representação dos índios no festival analisado não se resume apenas às tradições indígenas, mas se aprofunda nas transformações vividas pelos índios na contemporaneidade, no Brasil. Do acesso das tribos à tecnologia (aparelhos celulares, computadores, internet, câmeras fotográficas) à revolução causada no fortalecimento da dignidade das tribos⁹⁰, o BEM ensaia apresentar esse índio moderno, bem distante do “Bom Selvagem”, que se integra à contemporaneidade e luta para proteger seus direitos. Os massacres como os dos índios Æwa em 1973⁹¹, a luta dos Guarani-Kaiwoa pela restituição de suas terras⁹² nos anos 80 e nos dias de hoje, a violência sofrida por índios no período da Ditadura Militar no Brasil⁹³, nos anos 60, as transferências de tribos inteiras para outras áreas da floresta devido a ameaças de caçadores de ouro também nos anos 60⁹⁴, são revisitados e retratados em filmes que integraram a programação do evento. A ONG pretende, com isso, lançar um debate sobre a realidade vivida pelo índio brasileiro tão idealizado na França. A participação inédita dos índios na política é outro enredo em destaque. Um dos documentários⁹⁵ selecionados pela produção do evento mostra a luta pela defesa de direitos constitucionais indígenas violados pela bancada ruralista, de acordo com a sinopse.

Contudo, podemos perceber pelo número de filmes que abordam o cotidiano e rituais indígenas integrantes na programação do festival, 13 documentários, em relação ao tema violência, política e memória indígena, sete documentários, o quanto o assunto vida na tribo e suas cerimônias ritualísticas foram privilegiados na programação, provavelmente, por se tratar de assunto que sempre seduziu o público francês. Há, neste sentido, uma percepção de que a produção do evento poderia, neste caso, escolher filmes com essa temática justamente com a intenção de atração de público, visto que o índio e a floresta exerceram historicamente, um forte apelo no imaginário francês sobre o Brasil.

O índio brasileiro, “personagem” exótico e caricatural que causava estranheza e

⁸⁹ Filme “O mestre e o divino”.

⁹⁰ Filme “Índigenas digitais”.

⁹¹ Filme “Taego Awa”.

⁹² Filme “Martírio”.

⁹³ Filme “Grin”. A ditadura civil-militar no Brasil durou de 1964 a 1985.

⁹⁴ Filme “A gente luta, mas come fruta”.

⁹⁵ Filme “Índios no poder”.

ao mesmo tempo fascinação nos séculos XVI e XVII, que “coloca em cheque a construção europeia do homem natural” (AMÂNCIO, 2010, p.84) até o século XVIII, e são retratados em várias produções do cinema ficcional internacional no século XX, no papel de canibais ou guerreiros ferozes, “primitivos, sujos, violentos e parecem fazer jus ao epíteto de homens da idade da pedra” (AMÂNCIO, 2010, p.85), trocam o papel de bárbaros por uma realidade de riqueza cultural e de vítimas de violência nas telas do BEM. Amâncio (2010) denuncia o que chama de demonização do índio brasileiro pelas narrativas cinematográficas ficcionais internacionais hegemônicas quando os retiram “do contexto de suas tradições tribais, expondo com isto, apenas a face nua de um espetáculo fraudulento de violência”. (AMÂNCIO, 2010, p.86). A ONG, organizadora do festival, através dos filmes selecionados, apesar de também apresentar documentários que retratam rituais e o cotidiano das tribos se levanta na contramão de uma visão maniqueísta romântica, exótica, na medida em que exhibe filmes produzidos pelos próprios índios sobre esses mesmos rituais e ressalta questões cruciais da vida do índio brasileiro na contemporaneidade, como a luta pela terra, pelos direitos constitucionais, contra a violência e pelo resgate e manutenção de suas tradições ancestrais. O Festival, segundo nossa análise, seleciona, minuciosamente, para integrar a programação enredos que realmente apresentam à França, uma narrativa profunda acerca do índio brasileiro em discursos que pretendem ultrapassar o estereótipo consumido em séculos de produções culturais hegemônicas acerca dos povos autóctones.

5.2.3 Meio Ambiente

O meio ambiente, assunto de extrema importância e de grande destaque cotidianamente no site da ONG “*Autres Brésils*”, segundo apresentação no capítulo 4.2 se configura em um dos temas de maior relevância no BEM. Ao todo, foram exibidos 17 documentários sobre Meio Ambiente nos 13 anos de Festival, além dos filmes que tratam do tema Amazônia e Índios que, muitas vezes, agregam discursos ambientalistas em suas narrativas ou meta-narrativas. Como trata-se de um tópico em que há uma oportunidade de transversalidade de análises, incluindo a França, o assunto foi debatido cerca de 14 vezes em mesas redondas, debates e encontros organizados após as sessões cinematográficas das 13 edições do evento. Em concordância com as técnicas da análise de conteúdo, dividimos o tema Meio Ambiente em oito subtemas para melhor avaliação dos argumentos de diretores em relação ao objeto retratado: barragens; recuperação do solo; desenvolvimento não responsável; desenvolvimento sustentável; biocombustíveis, aquecimento global; mudanças

climáticas e lendas. As sub temáticas foram estabelecidas afim do melhor alcance, compreensão e percepção dos discursos narrativos dos filmes através das descrições de suas sinopses e sua congruência com os ideais da ONG, organizadora do evento.

As violências morais e físicas sofridas pelos quilombolas⁹⁶, índios xavantes e pequenos agricultores no estado do Mato Grosso, foi retratado em filme⁹⁷ que relata os danos causados pela construção da barragem Mason, projeto que visa preparar e garantir a área para o agronegócio. Além de impactos ambientais, o filme aponta os problemas sociais, culturais e até assassinatos que envolveram os esquemas de implementação do projeto. Outra barragem polêmica⁹⁸, Belo Monte, cujo projeto previu represar águas do rio Xingu que atravessa os estados brasileiros do Mato Grosso e Pará, em área protegida, onde vivem 14 mil indígenas, foi assunto de documentário⁹⁹ selecionado para o evento. O filme deu voz a populações atingidas pela construção da barragem, que abastece uma das maiores hidroelétricas do mundo, mostrando suas mobilizações e ouvindo suas opiniões contra os abalos sócio ambientais provocados pela obra e pela usina, de acordo com a sinopse apresentada no programa do BEM. Depoimentos que também foram evidenciados no filme¹⁰⁰ que narra os quatro anos de construção da hidroelétrica de Jirau construída no rio Madeira, no estado de Rondônia. O documentário que recebeu o prêmio “Gabriel García Márquez de Jornalismo”¹⁰¹, segundo a sinopse, aborda “as controvérsias sócio ambientais do projeto como a inundação histórica do rio Madeira, e as condições deploráveis de trabalho ligadas à obra” (BEM, 2016). Uma revolta eclodida em 2011, com greves e bloqueio do canteiro de obras, que provocou prisões de manifestantes, “acusados de terrorismo e sabotagem” (BEM, 2016) é abordada no filme que discorre sobre questões ambientais, disputas, denúncias e prisões. Notamos a preocupação da ONG “*Autres Brésils*” em destacar um assunto que abre bons espaços para

⁹⁶ Descendentes de escravos negros.

⁹⁷ Filme “Uma terra para viver”.

⁹⁸ “A polêmica gerada em torno da construção da usina reside nos impactos ambientais por ela causados, bem como o fato de as barragens e as construções afetarem diretamente a morada de grupos indígenas e populações ribeirinhas. Diversos grupos ambientalistas alertam para os impactos causados pela construção da hidrelétrica no vale do Xingu. Cerca de 100 km do trecho do rio terão sua vazão reduzida e poderão até secar. Outra preocupação é com relação à manutenção das florestas, visto que parte delas está sendo destruída durante as obras, outra parte será inundada pela barragem e, com a chegada de imigrantes e trabalhadores para a obra, mais devastação poderá acontecer. Além disso, as comunidades alertam que os impactos ambientais da obra não foram totalmente estudados e esclarecidos”. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/usina-belo-monte.htm>>./ Acesso em 5 mai . 2018.

⁹⁹ Filme “Xingu: porque não queremos Belo Monte”.

¹⁰⁰ Filme “Jaci-sete pecados capitais de uma obra Amazônica”.

¹⁰¹ . “A premiação visa o reconhecimento das melhores histórias da Ibero-américa pela FNPI- Fundação Gabriel García Márquez para o Novo Jornalismo Ibero-americano, e conta com o apoio de uma aliança público-privada formada pela Prefeitura de Medellín e os grupos Bancolômbia e Sura com suas filiais espalhadas pela América Latina”. Disponível em: <<https://premioggm.org/2018/03/inscreva-se-na-sexta-edicao-do-premio-gabriel-garcia-marquez-de-jornalismo/>>. Acesso em 5 mai. 2018.

debate em uma conta-visão do “progresso” prometido pelas obras em questão. Qual o preço pago pela população local e pelo Meio Ambiente frente aos projetos hidroelétricos no Brasil? A ONG não se esquivava em colocar a questão em discussão com seu público denunciando os efeitos nocivos destes megaprojetos no ecossistema e na vida dos brasileiros que vivem próximo a eles. Outro filme¹⁰² sobre o mesmo tema, conta a história da construção da barragem de Irapé, no Estado de Minas Gerais, e as consequências para a vida de 47 comunidades rurais atingidas pela obra que ocasionou a realocação de 5.000 famílias. Os quatro filmes se voltam para questões ambientais sérias que foram debatidas após as sessões cinematográficas onde foram projetados e deixam claro, segundo nossa avaliação, o posicionamento ideológico da ONG organizadora contra esse tipo de projeto que, de acordo com as sinopses dos filmes analisadas, agride áreas de florestas virgens, alterando e prejudicando a vida de populações inteiras de ribeirinhos e indígenas, demonstrando também uma preocupação da ONG com questões ambientais que encontram ecos na França e em outros países.

A irresponsabilidade com o Meio Ambiente que inclui impactos em solos, rios, lagos, mares, florestas e também a degradação do trabalho, assim como a luta de parte da população brasileira contra esse tipo de ação é narrada em seis outros filmes. A depredação humana sob a pressão das altas metas de produtividade da indústria da soja, segundo o resumo divulgado no programa do BEM, é o foco de um dos documentários¹⁰³ sobre o tema. Os impactos das ações das grandes empresas produtoras de carbono na vida de populações do cerrado brasileiro, Pantanal, Amazônia e Mata Atlântica são descritas em curta-metragem¹⁰⁴ que ressalta também a importância da biodiversidade destes ecossistemas brasileiros. A indústria de celulose e seus consequentes abalos ambientais é desvelado por outro filme¹⁰⁵. Índios, pequenos produtores rurais, pescadores, comunidades negras atingidas pelo processo de implantação das fábricas de celulose nos estados do Espírito Santo e Bahia, ganham voz expondo a desarticulação provocada por esta indústria em seu modo de vida e a destruição ambiental que deixou apenas uma grande deserto verde, como aponta a sinopse. Em um curta-metragem¹⁰⁶ exibido, a reação de pessoas de várias comunidades contra o desenvolvimento não responsável realizado pela industrialização da carcinicultura¹⁰⁷ em áreas do litoral brasileiro e uma fábula¹⁰⁸, inspirada em um mito indígena, conta a “a luta dos povos contra a

¹⁰² Filme “O cordel dos atingidos”.

¹⁰³ Filme “*L’or vert*”.

¹⁰⁴ Filme “Vozes do Clima”.

¹⁰⁵ Filme “Cruzando o deserto verde”.

¹⁰⁶ Filme “*Tout est un mensonge*”.

¹⁰⁷ Criação de camarão em cativeiro.

¹⁰⁸ Filme “Abuela Grillo”.

mercantilização da água” (BEM, 2012), em forma de animação. Todos esses filmes citados pela análise, parecem possuir uma meta narrativa anticapitalista. Percebemos, neste caso, coerência na seleção destas obras para exibição no Festival em relação às propostas da ONG organizadora do evento desde a sua concepção. A ONG revela ao público francês que um dos países com maior área verde do mundo, o Brasil, que abriga a maior floresta do planeta, a Amazônia, sofre problemas que nada têm a ver com a imagem do éden tropical desvendado, estudado, pintado, relatado por inúmeros cientistas, pesquisadores, artistas e intelectuais franceses ao longo dos séculos. A luxuriante natureza há tanto pintada e descrita, aparece ameaçada nas telas do BEM com consequências irreversíveis para o Meio Ambiente e com graves riscos e violação de direitos para a população local. A ONG não poupa o país ao revelar o que considera atos de irresponsabilidade com os ecossistemas brasileiros com impactos danosos e profundos na vida das pessoas.

Outro filme¹⁰⁹ apresentado questiona os hábitos de consumo da sociedade contemporânea ao revelar o que está por trás da produção do couro, da carne, dos produtos lácteos e da madeira exótica. Seguindo esta mesma orientação, uma galinha criada em cativeiro burla o sistema em um filme¹¹⁰ de animação, quando percebe qual será seu destino. O aquecimento do planeta é discutido em outro filme¹¹¹, que relata as temperaturas baixas inesperadas em Recife, capital situada no nordeste brasileiro, região de clima quase sempre quente. Ainda sobre o mesmo assunto, outro documentário¹¹² entrevista cientistas brasileiros do Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos sobre essa grave questão ambiental planetária. Constatamos na escolha destes quatro filmes, o desejo da ONG em suscitar discussões que envolvem também a realidade francesa, como declarado por Campelo (2015) uma das fundadoras da “*Autres Brésils*”.

Porém, a ONG não deixa de expor os projetos brasileiros que caminham contra a corrente da exploração ambiental através de pesquisa e pioneirismo. Um tema com grande repercussão mundial tratado na programação do Festival, é a produção de biocombustível¹¹³, sobretudo o Etanol, extraído a partir da cana de açúcar, uma alternativa para substituir o petróleo e, cuja tecnologia e a exploração, o Brasil domina e desponta como liderança no

¹⁰⁹ Filme “Alma”.

¹¹⁰ Filme “A galinha que burlou o sistema”.

¹¹¹ Filme “Recife frio”.

¹¹² Filme “Pandemonium”.

¹¹³ “Atualmente, o Brasil é um dos maiores produtores de etanol do mundo e o maior exportador do produto. A tecnologia utilizada no país é referência mundial em termos de alternativas ao petróleo, a despeito das frequentes críticas de grupos ambientais por conta da larga extensão das lavouras de cana-de-açúcar que devastam florestas e vegetações em nome de progresso”. Disponível em:

<<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/biocombustiveis-no-brasil.htm/>>. Acesso em 5 de mai. 2018.

mundo. A corrida europeia e os investimentos massivos na adesão a este biocombustível que pode assegurar, segundo a sinopse do filme, a independência energética do continente, foi contada em documentário¹¹⁴ exibido na programação do BEM seguido por debate sobre o tema.

Notamos, portanto, que algumas iniciativas de desenvolvimento sustentável têm espaço nas telas do Festival em sintonia com um dos objetivos do evento que é, segundo Campelo (2015), destacar ações e movimentos sociais criados e desenvolvidos no Brasil que são exemplo para o mundo. É o caso do filme¹¹⁵ que revela as ações dos coletores de nozes de coco do estado do Maranhão, sobretudo das mulheres, que conseguiram reverter os problemas causados na terra pela agroindústria, salvando o solo e implementando, como descreve a sinopse da obra, uma agricultura orgânica na terra, antes, agredida. Uma animação¹¹⁶ conta a vida do ecologista José Lutzenberger e o universo lúdico no qual passou sua infância.

As preocupações com o meio ambiente colocando o Brasil em posição de violador de leis de proteção ambiental e sua população em lugar de vítima dessas ações, geralmente, ligadas a interesses de grandes conglomerados empresariais como atestam os filmes reatados nesta análise temática, situa a ONG “*Autres Brésils*”, produtora do evento, em consonância com as discussões mundiais a respeito do planeta e quebra um clichê cristalizado acerca do país, através de extensa iconografia de natureza grandiosa onde homem, flora e fauna vivem em perfeita harmonia: o paraíso dionisíaco que figurava o sonho francês, segundo Carelli (1993). Um exemplo é a visão do cinema estrangeiro de ficção contemporâneo, por exemplo, em filmes sobre a Amazônia que leva o expectador “a acompanhar em *flashes* o desenrolar da vida das populações ribeirinhas, pacífica e boa, a riqueza da flora e da fauna (com os indefectíveis tucanos, preguiças, piranhas, orquídeas e araras” (AMÂNCIO, 2000, p.88). Observamos que 100% dos filmes exibidos no festival sobre o tema Meio Ambiente reforçam um discurso bem distante de clichês, à medida que revelam agressões à floresta, aos mananciais e ao povo que vive entre suas árvores ou em suas proximidades. Uma outra realidade vai sendo, dessa forma, descortinada em grande angular, através de um festival de cinema em consistência com os objetivos e ideais promovidos e debatidos pela sua organizadora, a associação “*Autres Brésils*”. Como atesta a descrição das sinopses analisadas dos filmes sobre o tema Meio Ambiente exibidos no evento, os enredos em nada remetem ao paraíso tropical imaginado, criticado, desejado como revelam sucessivamente as pesquisas

¹¹⁴ Filme “*Du sucre et des fleurs dans nos moteurs*”.

¹¹⁵ Filme “*Roça crua*”.

¹¹⁶ Filme “*Lutzenberger – for ever Gaia*”.

feitas com o público francês do “Ano do Brasil na França”, os relatos de Amâncio (2000) em sua análise dos filmes de ficção internacional sobre o Brasil e o conjunto de obras iconográficas sobre o país desde o século XVI, mas um país cuja natureza sofre devastações, se tornando palco de lutas e de iniciativas de resistência popular no mundo contemporâneo que são divulgadas.

5.2.4 Acesso a terra e movimentos sociais

O Brasil é o berço de um dos maiores movimentos sociais do planeta, o MST, “Movimento dos trabalhadores rurais sem terra”¹¹⁷. A luta pela terra no país, apesar de parecer paradoxal já que o Brasil é o quinto maior país do mundo em território, é antiga. A emergência pela reforma agrária, segundo Campelo (2015) é um dos assuntos de maior destaque na política nacional e ainda está longe de ser solucionado. Uma das fundadoras da ONG *Autres Bresils*, Campelo (2015) ressalta a importância e a magnitude dos movimentos sociais brasileiros em entrevista concedida a esta pesquisa e descrita no capítulo quatro. Um dos principais objetivos da associação é apresentar esse Brasil dos movimentos sociais que organizam a população, sobretudo, as minorias, para lutas de enfrentamentos e conquistas, segundo a fundadora. Na análise temática dos filmes exibidos no BEM classificados como “Acesso à Terra” e “Movimentos Sociais! pretendemos avaliar se a linha ideológica da ONG “*Autres Brésils*” está condizente com a programação proposta pelo evento. Os temas, segundo a avaliação da programação das 13 edições está representado por 15 filmes. O MST foi objeto para o argumento de seis filmes do total de títulos integrados pelos dois temas, alguns deles, produzidos pelo próprio movimento. A luta pela terra no país inspirou o roteiro de outros cinco filmes exibidos na programação que também abordam, de certa forma, o MST. Já, outros movimentos sociais espalhados por diversas regiões do país, ganharam quatro sessões cinematográficas.

A história do surgimento do maior movimento de trabalhadores sem terra do Brasil é revisitada por um filme¹¹⁸ que narra a primeira ocupação de terras improdutivas do país por 1.500 famílias, em 1987, no estado do Rio Grande do Sul. O documentarista volta ao mesmo lugar, dez anos depois, para reportar a evolução dessa luta coletiva, segundo a sinopse do filme. Outra ocupação de terras inativas por famílias de camponeses ligadas ao MST foi

¹¹⁷ “O Movimento Sem Terra está organizado em 24 estados nas cinco regiões do país. No total, são cerca de 350 mil famílias que conquistaram a terra por meio da luta e da organização dos trabalhadores rurais” Disponível em: <<http://www.mst.org.br/quem-somos/#full-text>>. Acesso em: 5 mai. 2018.

¹¹⁸ Filme “O sonho de Rose, 10 anos depois”.

objeto do filme¹¹⁹ que relata a conquista de terras de uma grande fazenda detalhando os diversos aspectos e etapas para a obtenção legal, pelos agricultores sem-terra, de parte desta propriedade. Ainda um outro documentário¹²⁰ acompanha o percurso de famílias do “Movimento dos Sem Terra” instalados no norte do estado do Rio de Janeiro. “A equipe de filmagem seguiu durante quatro anos as mobilizações, as ocupações, as evacuações, as manifestações públicas e os dramas sociais vividos por estas famílias em seus diversos endereços onde instalavam seus acampamentos” (BEM, 2006). Desde a decisão de lutar pela terra contra a agroindústria, passando pela ocupação de terras inativas, um “documentário-mosaico” (BEM, 2009)¹²¹ também exibido no BEM, revela as experiências de lutas de camponeses integrantes do MST em dez diferentes estados brasileiros. “Eles procuram um pedaço de terra, uma vida mais digna, um caminho para a construção de uma sociedade mais justa”. (BEM, 2009). Um outro documentário¹²², desta vez, produzido pelo próprio MST, e selecionado para exibição no festival, traz a cobertura completa do maior congresso de camponeses da América Latina que reuniu cerca de 17.500 trabalhadores sem-terra provenientes de várias regiões do Brasil e de países convidados em junho de 2007. “Um filme pedagógico que interroga a situação atual das lutas sociais e a construção de um projeto popular” (BEM, 2009). A luta dos camponeses sem terra no Brasil ainda foi tema de filme¹²³ que narra os quatro anos de enfrentamentos vividos por 20 famílias de camponeses acampados no nordeste do Brasil, apoiados pelo MST, que se transformaram em conquista.

O documentarista, além de narrar a batalha vivida por estes camponeses até a obtenção da terra, de acordo com o resumo apresentado no programa do festival, mostra ainda, aspectos da gestão coletiva da terra recém-adquirida como novo desafio a ser enfrentado. Outro processo de reintegração da terra por trabalhadores rurais foi narrado em filme¹²⁴ que, segundo a sinopse, mostra a aquisição de uma parcela de terra na cidade de Bagé, no sul do Brasil. Contudo, apesar da maior parte dos filmes destacar as lutas e as conquistas deste movimento social brasileiro organizado, o MST, um documentário apresentou uma narrativa diferenciada, evidenciando, desta vez, a derrota da luta camponesa. O filme¹²⁵ em questão relata o episódio de destruição de um acampamento que era símbolo da luta dos sem-terra no Brasil, pelo governo brasileiro, através dos olhos de uma adolescente de

¹¹⁹ Filme “*Les terres pour les sans terres*”.

¹²⁰ Filme “Zé Pureza”.

¹²¹ Filme “Raiz forte”.

¹²² Filme “Lutar sempre”.

¹²³ Filme “Altas terras”.

¹²⁴ Filme “*Bagé: pour une véritable réforme agraire*”.

¹²⁵ Filme “La lutte n’est pas pour tous”.

16 anos que havia vivido neste lugar, antes da demolição. “Naiara pode compreender que um outro caminho é possível, aquele da luta e da causa revolucionária” (BEM, 2012). O BEM demonstra na seleção dessas obras, um claro objetivo de focalizar a luta pela terra e o importante movimento social brasileiro, historicamente, a frente dessa bandeira, o MST.

Outros movimentos sociais foram evidenciados pelo BEM com a seleção de quatro filmes como é o caso do documentário¹²⁶ que esclarece o significado, os princípios, ideias e perspectivas do Fórum Social Mundial¹²⁷, o maior encontro de organizações sociais do mundo, segundo Campelo (2015). O engajamento da igreja católica na luta social brasileira ganhou espaço na programação do Festival narrado em documentário¹²⁸ que conta a caminhada de Frei Betto¹²⁹, um dos maiores líderes da igreja católica brasileira e seu percurso na criação de grandes movimentos sociais no país. “Uma consciência política que tende a ecoar por toda América Latina” (BEM, 2008).

Projetos sociais desenvolvidos em outros grupos e regiões são destacados nas telas do BEM, como o documentário sobre um projeto implementado pelo grupo cultural “AfroReggae”¹³⁰, em Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais, envolvendo jovens de favelas que, através da música e da arte aproximou policiais militares da população. O filme¹³¹ relata uma experiência de sucesso que mudou as relações entre uma “polícia contaminada por atos de corrupção e mortes repetidas” (BEM, 2006) e jovens excluídos que eram severamente repreendidos por esta mesma polícia. Ainda dentro da temática

¹²⁶ Filme “Fórum Social Mundial”.

¹²⁷ “O Fórum Social Mundial nasceu em 2001 por organizações e movimentos sociais que, a partir de uma proposta inicial, se autoconvocaram e mobilizaram para um grande encontro em Porto Alegre, em contraposição ao neoliberalismo representado pelo Fórum Econômico Mundial, que ocorria ao mesmo tempo em Davos, na Suíça [...] as lutas reunidas no FSM conseguiram impulsionar mudanças e apontar caminhos, hoje seriamente ameaçados. Na América Latina, em especial, foram possíveis experiências mais democráticas, de ascensão de forças populares, de indígenas e trabalhadores, ou mais progressistas, aos governos. E contra as quais também se organizaram todas as forças conservadoras. Com as primeiras edições em Porto Alegre (2001, 2002, 2003 e 2005), o FSM percorreu o mundo com encontros em Mumbai, Caracas, Karashi, Bamako, Nairobi, Belém, Dacar, Tunis e Montreal. Além de edições temáticas, regionais, continentais.”. Disponível em: <<https://wsf2018.org/historico-conheca-trajetoria-do-fsm-2018/>>. Acesso em: 06 mai. 2018.

¹²⁸ Filme “Movimento, l’engagement de l’église brésilienne”.

¹²⁹ Frade dominicano e escritor, ganhou em 1982 o Jabuti, principal prêmio literário do Brasil, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, por seu livro de memórias Batismo de Sangue (Rocco) [...]. Foi coordenador da ANAMPOS (Articulação Nacional de Movimentos Populares e Sindicais), participou da fundação da CUT (Central Única dos Trabalhadores) e da CMP (Central de Movimentos Populares). Prestou assessoria à Pastoral Operária do ABC (São Paulo), ao Instituto Cidadania (São Paulo) e às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Foi também consultor do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Disponível em: <<http://www.freibetto.org/index.php/perfil>>. Acesso em: 06 mai. 2018.

¹³⁰ Grupo cultural criado no Rio de Janeiro em 1993 cuja missão é “Reduzir as desigualdades sociais e combater o preconceito em suas diversas formas, utilizando a arte e a cultura como ferramentas de transformação social de pessoas e grupos bem como o meio em que estão inseridos”. Disponível em: <<http://www.afroreggae.org/nossa-historia/>>. Acesso em: 06 mai. 2018.

¹³¹ Filme “Polícia mineira”.

Movimentos Sociais estabelecida pela classificação desta análise de conteúdo, um filme¹³² conta uma experiência desenvolvida pela Associação dos Camponeses de Valente (APAEB)¹³³, no estado da Bahia, que conseguiu em menos de 25 anos, desenvolver o sertão através de práticas de desenvolvimento sustentável, transformando a terra seca “desta região semiárida, marcada pela miséria e feudalismo agrário ainda potente” (BEM, 2009), em uma terra produtiva. Segundo a sinopse da obra, “um verdadeiro milagre” (BEM, 2009). A militância da ONG em prol dos movimentos sociais brasileiros é evidenciada nas escolhas da programação de seu Festival, acima relatadas, e está em coerência com os objetivos de sua criação já ressaltados por nossa pesquisa. A “*Autres Brésils*” pretende, desde sua fundação, apresentar esse Brasil de resistência onde a população civil se organiza em lutas pelos direitos civis e contra as injustiças sociais. Campelo (2015) esclarece no capítulo quatro desta pesquisa os motivos pelos quais decidiu criar a ONG *Autres Brésils*, “Nossa intenção sempre foi compartilhar as boas práticas brasileiras e reflexões sociais que nunca ou raramente, estiveram na pauta da grande imprensa sobre o Brasil, na França [...] e o país enquanto laboratório de grandes movimentos sociais” (CAMPELO, 2015).

5.2.5 Economia solidária

A economia solidária e suas transformações na vida das pessoas foi tema de seis filmes integrantes da programação do festival “*Brésil en Mouvements*”. Filmes que contam as iniciativas de organização popular a serviço de uma cidadania ativa, como aponta a sinopse do curta-metragem¹³⁴ que relata projetos que envolvem oficinas práticas de capacitação em panificação e ações de uma cooperativa de habitação no Rio de Janeiro. Já, a importância da valorização de produtos locais é ressaltada em outro curta-metragem¹³⁵ que mostra alternativas de geração de riquezas a partir de pequenas ideias. Em outro filme¹³⁶, sobre economia solidária, um grupo de pequenos agricultores do interior do Brasil se reúne em mutirão no trabalho com a terra de uma propriedade onde, de acordo com a sinopse,

¹³² Filme “Miracle au sertão”.

¹³³ “A APAEB atua no desenvolvimento regional do sertão da Bahia, através de um conjunto de ações que visam o fortalecimento de famílias agricultoras. Entre as atividades produtivas de comercialização destaca-se o beneficiamento do sisal em 15 município da região [...] na qualificação de mão de obra [...] desenvolve técnicas de reflorestamento, recuperação do solo com adubo orgânico e tratamento de lixo”. Disponível em: <<http://www.caatingacerrado.com.br/apaeb-associacao-de-desenvolvimento-sustentavel-e-solidario-da-regiao-sisaleira-ba/>>. Acesso em: 06 mai. 2018.

¹³⁴ Filme “Pão e casa”.

¹³⁵ Filme “A revolução do consumo”.

¹³⁶ Filme “Sementes”.

“produzem coletivamente, trocam sementes e preparam um almoço com o que eles mesmos plantaram. São guardiões de sementes crioulas, agricultores familiares que produzem e preservam grãos tradicionais e naturais” (BEM, 2015). Ainda dentro desta linha temática, uma produção cinematográfica¹³⁷ descreve as atividades ligadas à economia solidária no Fórum Social Mundial. Em um outro filme¹³⁸, uma rede ecológica criada no Rio de Janeiro, em 2001, narra suas atividades, entre elas, o desenvolvimento de um novo modo de consumo baseado na ética, solidariedade e respeito ao meio ambiente. A solidariedade é também o grande mote de um documentário¹³⁹ que percorre várias regiões do Brasil, como um “*road movie*”, em busca de atividades solidárias e duráveis. Um filme que “foca nas micro experiências em matéria de educação, acesso à água e na luta contra o desmatamento. Um panorama de inovação deste país laboratório” (BEM, 2011), segundo o resumo da obra apresentada no programa do festival.

Percebemos dessa forma, que todos os filmes classificados por esta análise como economia solidária abordam e apresentam ideias que lançam um olhar alternativo para o mundo atual, visando garantir o futuro do planeta e a melhoria das condições de vida de populações excluídas no Brasil. Ao destacar as lutas sociais brasileiras, sobretudo em relação à terra, mas sem se esquecer de outras causas elencadas como urgentes, de acordo com Campelo (2015), uma das fundadoras da ONG *Autres Brésils*, como os projetos de outros movimentos sociais e as iniciativas de economia solidária, a programação do BEM se alinha, segundo esta análise, ao discurso e desejo dos organizadores de apresentar ao público francês uma realidade de lutas sociais que marca o cotidiano do país, salientando a força, a persistência no enfrentamento, a organização de movimentos sociais, assim como a criatividade na concepção por de parte da população, de projetos que, mesmo sem confronto, se debruçam sobre novos caminhos em prol de desenvolvimento econômico social no país. Campelo (2015) salientou em sua entrevista a esta pesquisa, relatada no capítulo quatro, que o evento “Ano do Brasil França” realizado em 2005, o grande motivador da criação do festival de cinema documentário social *Brésil en Mouvements*, não inseriu em sua programação esse olhar sobre o Brasil dos movimentos sociais, dos problemas e soluções ambientais e das ONGs que trabalham cotidianamente em todas as regiões do país, focando em projetos que visam melhorias sociais junto a comunidades e minorias. Verificamos, portanto, que, em relação a este objetivo delineado desde sua criação, o BEM cumpre o papel a que se propôs

¹³⁷ Filme “Economia solidária no FSM”.

¹³⁸ Filme “Ser da Terra”.

¹³⁹ Filme “Une aventure nommée Brésil”.

dando voz a estes movimentos e iniciativas sociais brasileiras em sala de cinema na cidade de Paris.

5.2.6 Cidades

Uma outra temática também de grande relevância na programação dos 13 anos de festival e, classificado por esta análise, como cidades e exibiu 21 filmes se configurando na temática com a maior quantidade de obras nos 13 anos de evento. Uma outra categorização realizada com objetivo de melhor compreender as narrativas trabalhadas com este argumento dividiu o tema cidades nas seguintes sub temáticas: cultura; infância e juventude; envelhecimento populacional; trabalho criativo; cotidiano; solidão e periferias. As histórias de vida, as iniciativas de superação pessoais, as ideias criativas, sonhos, decepções, dores e a arte como ferramenta de expressão de excluídos sociais, além da solidão vivida na selva de concreto são as principais abordagens dos filmes selecionados pela equipe do BEM de acordo com suas sinopses. As grandes cidades brasileiras são destrinchadas e desvendadas através da vida, dos olhos e da palavra de seus habitantes. Um cinema improvisado na garagem de uma casa de bairro “montado todo com peças de material recuperado”¹⁴⁰ (BEM, 2006) faz a alegria de crianças da periferia, sem acesso a este tipo de entretenimento. A arte também presente como forma de superação é ressaltada em filme¹⁴¹ cuja narrativa relata a vida de um pedreiro do interior do Brasil que, após um coma, consequência de um acidente, se torna artista. A construção da cidade e a reconstrução da vida em seu ambiente é o foco deste curta metragem. Outra obra traz um panorama dos saraus de poesia realizado em bares de vários bairros da cidade de São Paulo, mostrando a ocupação da arte em espaços urbanos. Filmes¹⁴² que ressaltam a criatividade do brasileiro apresentando ao expectador histórias como a de um habitante de Brasília que transforma material descartável em cenário de peças teatrais ou o cotidiano de brasileiros que usam veículos não motorizados para ganhar a vida ruas da cidade do Rio de Janeiro. O envelhecimento da população e sua relação com a cidade também foi exibida em curta¹⁴³ que sugere um outro olhar para este ambiente urbano em constante movimento. “Uma reflexão sensível e leve sobre o envelhecimento da população” (BEM, 2011). A adaptação de imigrantes, neste caso, japoneses às cidades brasileiras e a uma cultura distinta daquela do país de origem também esteve presente no festival de cinema

¹⁴⁰ Filme “Mini cine Tupy”.

¹⁴¹ Filme “Fractais sertanejos”.

¹⁴² Filmes “Oficina Perdiz”, “Tudo sobre rodas”, “Homem centenário”

¹⁴³ Filme “O homem centenário”.

documentário em obra¹⁴⁴ que expõe, através do olhar de nove artistas, a difícil busca por um lugar na sociedade brasileira. É o caso também de outros dois documentários cujas sinopses sinalizam para uma narrativa que conta as dores e alegrias de brasileiros que imigraram para a França e a Bélgica e os desafios da readaptação a uma nova realidade. O mergulho neste Brasil urbano que vai além das contradições sociais sempre esteve na pauta da ONG “*Autres Brésils*” desde sua criação. O destaque para as cidades brasileiras no noticiário francês sempre destacando o factual de violência urbana em relatos superficiais, como destacou Campelo (2015) em entrevista a esta pesquisa, está nos objetivos que motivaram a associação. O diagnóstico negativo da representação do Brasil em livros didáticos franceses apresentados na tese de doutorado de Ulhôa (2013), citada no capítulo quatro dessa dissertação acredita que essas são representações apocalípticas, fruto de uma lógica verticalizada do não civilizado, contribuindo para a solidificação da imagem de uma sociedade atrasada e periférica. Não podemos esquecer que a pesquisa realizada com o público francês no evento “Ano do Brasil na França” relatada no capítulo três, demonstrou que 32% dos franceses, quando questionados sobre a imagem que vem à mente quando se pensam em Brasil, se refere à pobreza e favelas. Neste caso, O BEM apresenta ao público francês, através do tema cidades, um convite à aproximação deste ambiente em filmes que focalizam o detalhe, apostando no sensível para relatar esta urbanidade brasileira repleta de contradições. O Festival, portanto, se posiciona sobre este objeto, segundo nossa análise, com um olhar positivo enfatizando a arte de viver entre as ruas e avenidas das cidades brasileiras. Essa espécie de fotografia positiva é o que acontece também com os filmes exibidos no Festival que tratam das periferias. A maioria são produções de diretores que propõem um raio x das periferias urbanas brasileiras, contudo, ressaltando experiências positivas como a relação da juventude com a música, sobretudo o *hip hop* e o *rap*, além da arte do grafite que conquistou grande parte dos jovens, moradores de bairros periféricos no Brasil. A arte é, mais uma vez, uma forma de expressão, uma passagem aberta a oportunidades de acesso à cultura por uma juventude excluída. “Privados de espaço de expressão, eles investem no hip-hop como única oportunidade de ter acesso à cultura e a lugares”¹⁴⁵ (BEM, 2007). Em outro curta¹⁴⁶ exibido no festival, o diretor dá voz a quatro consagrados artistas do *rap* brasileiro (X, Jamaica, Marquim e Japão), originários de periferia de Brasília, e traça um paralelo entre a música e a cidade. A sinopse afirma que “estes artistas veem no *rap*, o único meio de revelar seus sentimentos e se reafirmar como moradores da

¹⁴⁴ Filme “*Où est le soleil?*”.

¹⁴⁵ “Melhor que um poema”.

¹⁴⁶ Filme “*Rap, o canto da Ceilândia*”.

periferia” (BEM, 2007). Três outros filmes¹⁴⁷ privilegiam ainda a visão de crianças e jovens sobre seu cotidiano neste ambiente urbano. Seus sonhos, ideias, esperanças, imaginações, discriminações, religiosidade, identidade são expostos em depoimentos na grande tela cinematográfica. Assim como a solidão vivida por diversos habitantes de um prédio em um dos bairros mais populoso do Rio de Janeiro, Copacabana, integra o argumento dos filmes selecionados para o festival. “[...] 12 andares, 23 apartamentos cada um. No total, 276 moradias onde vivem 500 pessoas em decadência, sem esperança e na solidão” (BEM 2007). O declínio de uma era de riquezas inspirou ainda o documentário¹⁴⁸, média metragem, que revela os fragmentos e a nova realidade dos imponentes casarões do século XIX, ainda sobreviventes, na Avenida Paulista, na cidade de São Paulo. Já um curta metragem¹⁴⁹ faz uma viagem repleta de reflexões junto ao percurso do rio Tietê desde sua nascente, expondo a travessia de uma sociedade urbanizada e cheia de contradições. Nossa análise detalhada das sinopses dos filmes exibidos acerca desta temática conclui que há uma tentativa da ONG em destacar o que é construção em meio ao panorama complexo que se constitui o meio urbano brasileiro. Percebemos através dos resumos das histórias dos documentários exibidos, uma clara motivação dos organizadores do festival em ressaltar e disseminar ideias e práticas positivas, sobretudo, através da arte e da criatividade, a fim de retratar a relação dos brasileiros com suas cidades. Apenas três obras cujo argumento foi classificado como cidades abordam a violência nos grandes centros urbanos do país: um dos filmes¹⁵⁰ evidencia a banalização de assassinatos pela população das periferias da cidade do Rio de Janeiro. Segundo sinopse, a obra enfatiza e discute a morte como solução corriqueira para conflitos. O outro filme¹⁵¹ mostra o percurso e o necessário trabalho de intervenção social de lideranças sociais das periferias de São Paulo; já o terceiro filme¹⁵² que revela a violência nas grandes cidades, relata a permanente exclusão territorial e social que atinge os habitantes de cidades como Brasília. De acordo com a sinopse, “os personagens do filme, reais e fictícios, vivem e testemunham as mudanças da cidade” (BEM, 2014).

Através de artigos sobre o Brasil publicados no site da associação e dos filmes selecionados para exibição no Festival, a ONG consegue, aos poucos, convidar o público a conhecer e desvendar esse Brasil profundo, plural e, ao mesmo tempo, seus contrastes sociais de forma crítica, reflexiva e, por vezes, sensível. Destacar as cidades como tema é uma

¹⁴⁷ Filmes “Se todos fossem iguais”; “O menino e o mundo”; “Últimas convesas”.

¹⁴⁸ Filme “*Fragments d’un quartier*”.

¹⁴⁹ Filme “Memórias do rio”.

¹⁵⁰ Filme “Atos dos homens”.

¹⁵¹ Filme “Ajuste”.

¹⁵² Filme “A cidade é uma só”.

maneira ainda de contradizer o imaginário do francês, que, segundo pesquisa realizada no evento “Ano da França no Brasil” aponta que 31% dos franceses pensam em praia quando o assunto é Brasil. Afirmar a urbanidade e seus contraste sobre uma imagem de paraíso tropical consolidada desde os relatos dos viajantes do século XVI, demonstra mais uma vez a posição do BEM em quebrar clichês e revelar um Brasil diverso. Mesmo que as cidades brasileiras tenham sido diversas vezes representadas no cinema de ficção internacional, por exemplo, como afirma Amâncio (2000), “com muito mais retórica do que narração, mais poesia que prosa, mais iconografia que literatura” (Amâncio, 2000, p.148), a cidade brasileira no BEM parece mergulhar de cabeça nesta espécie de imagem das cidades que vai de encontro com a vida da gente que há habita, das ruas que as percorrem, dos passos que as transitam.

5.2.7 Favelas

Esta mesma sensibilidade sem a perda do senso crítico, percorre todos os filmes exibidos no Festival com a temática classificada por esta análise, como favelas. Um dos grandes problemas sociais das cidades brasileiras, as favelas, presente no imaginário francês como revelou a pesquisa realizada no evento “Ano do Brasil na França” – 32% dos franceses pensam em pobreza/favela quando refletem o Brasil – aparece no BEM representada em 13 filmes que revisitam o cotidiano de seus moradores, as ações de movimentos sociais *in loco*, a luta de seus habitantes pela cidadania e a convivência com a violência diária vivida em suas ruelas, becos e escadarias. Em um dos documentários¹⁵³, um palhaço quer saber dos moradores de três favelas do Rio de Janeiro o que pensam a respeito de suas vidas, seus trabalhos e sobre a arte. Em outro filme¹⁵⁴, um *zoom* nos sentimentos de uma moradora de favela brasileira em uma busca obstinada pelo amor. O BEM revela aí que, apesar das dificuldades sociais, nem só de sofrimento e violência vive o morador da favela, bem distante do clichê habitual, sobretudo, do enfoque midiático hegemônico sobre o assunto. O mesmo olhar apresenta o filme¹⁵⁵ que retrata a vida de uma moradora de favela de Recife, no nordeste do Brasil, que, em meio à dura rotina de trabalho e o contraste social entre o local em que vive e o lugar onde trabalha - um dos bairros com maior renda per capita da capital - ainda assim, “encontra sua arte de viver” (BEM, 2017). De acordo com a sinopse, um outro curta

¹⁵³ Filme “Palhaço em campanha”.

¹⁵⁴ Filme “Aquela travessia”.

¹⁵⁵ Filme “Do mar para cá”.

metragem¹⁵⁶ vai narrar a experiência de um trabalho artístico desenvolvido com habitantes de uma favela do Rio de Janeiro, em prol da conscientização dos moradores acerca dos direitos humanos. Nesta mesma linha, segue um curta metragem francês¹⁵⁷ que revela ações de um projeto implementado na maior favela da cidade de Fortaleza, que visa resgatar a autoestima da população local, além de criar oportunidades de tecer ligações sociais entre seus habitantes. Segundo nossa análise, O BEM demonstra, através da seleção destas obras cinematográficas para programação do Festival, uma postura coerente em seu propósito de divulgar as ideias originais realizadas por cidadãos brasileiros ou movimentos sociais com foco na melhoria da qualidade de vida dos moradores destes espaços urbanos repletos de problemas sociais. O trabalho de cidadania nas favelas também é argumento de um filme¹⁵⁸ exibido nas telas do BEM que pretende, como relata a sinopse, “mostrar como é a vida da comunidade LGBT nas favelas do Rio de Janeiro. “[...] aqui, o assunto é tratado com a participação de outros signos – o tráfico, as igrejas evangélicas e a vizinhança” (BEM, 2015). O filme, um média metragem, além de abordar o preconceito, a homofobia e as crises familiares vividas por homossexuais e transexuais da favela, caminha na direção de expor como a dança, a música, a educação e a relação com a política ajudaram a reinventar a história de cada um desses personagens reais. Ainda sobre transformação e superação, o turismo nas favelas é o objeto de um documentário¹⁵⁹ que apresenta, de acordo com o resumo da história incluída no programa do BEM, como moradores da favela da Rocinha, na cidade do Rio de Janeiro, se aproveitaram do grande interesse de estrangeiros por esta “paisagem de miséria social brasileira” (BEM, 2014), transformando esta curiosidade estrangeira pelo exótico em negócio, com a organização de passeios turísticos no local. O documentário revela “os desejos e as imagens que tornaram a favela um destino turístico tão popular” (BEM, 2014), na cidade do Rio de Janeiro.

Apesar da maioria dos filmes apresentarem uma narrativa de olhar otimista e ao mesmo tempo, reflexivo sobre a vida na favela, a violência não é excluída das narrativas selecionadas pelo Festival quando o assunto são as favelas brasileiras. Apesar de figurarem no noticiário internacional na França, como afirma Campelo (2015), em destaques de factual sobre tiroteios, balas perdidas, assassinatos e tráfico de drogas, nos filmes sobre favelas selecionados para o evento, as vítimas desta violência têm nome e sobrenome. Uma das

¹⁵⁶ Filme “O caminho dos direitos humanos”.

¹⁵⁷ Filme “Quatro varas: la force d’une favela”.

¹⁵⁸ Filme “Favela Gay”.

¹⁵⁹ Filme “Em busca de um lugar comum”.

obras¹⁶⁰ dá voz a famílias de vítimas da violência que contam suas histórias de vida, refletem sobre a falta de perspectivas, a marginalização e relatam a convivência com o tráfico de drogas, entre outros pontos. A sinopse revela a tentativa do filme em personificar essa realidade, se distanciando da imagem objetiva e distante. Novamente, um aprofundamento na realidade social brasileira que evidencia este cotidiano peculiar com novas informações, muitas vezes, não veiculadas pela mídia e que suscita reflexões por parte da plateia que permanece, em grande maioria, para os debates organizados após as sessões de cinema do BEM, como demonstrado no capítulo cinco desta pesquisa. Outro documentário¹⁶¹ faz questionar a origem da violência da favela, apontando “a culpa para a sociedade repressiva” (BEM, 2015). Contudo, três filmes destacam o *funk*, música natural das favelas cariocas, como uma válvula de escape e, até mesmo, como uma alternativa de independência para muitos brasileiros que vivenciam a dura realidade destes espaços urbanos. Um retrato dos bailes *funks* é o que propõe este documentário¹⁶² “pioneiro acerca do universo do *funk* carioca que nos leva a descobrir mulheres que encontram sua emancipação pelo viés dessa cultura de rua desacreditada” (BEM, 2006). O papel dos negros na consolidação destas comunidades instituindo um paralelo entre as diversas visões de personalidades das favelas e a “visão estereotipada daqueles que vivem fora delas”. (BEM, 2007) é o que apresenta mais um curta metragem selecionado pelo festival. Em mais uma circunstância, o Festival organizado pela ONG “*Autres Brésils*” demonstra seu objetivo em superar clichês, privilegiando uma nova percepção do Brasil para os franceses.

5.2.8 Exclusão social

Seguindo essa mesma configuração, a exclusão social do Brasil não deixa de ser evidenciada no BEM com a exibição de dez filmes sobre o tema. A resistência da população, os projetos sociais e as perspectivas destas pessoas excluídas da sociedade congregam nove documentários dentro do total de obras cinematográficas exibidas acerca da temática. Apenas um documentário¹⁶³ vai relacioná-la à violência. A maioria dos filmes sobre exclusão social narram histórias pessoais de brasileiros que são obrigados a viver um estilo de vida árduo ou que foram expulsos dos lugares onde moravam devido a projetos de expansão de cidades. Assim como nas temáticas Cidades e Favelas, a arte aqui é igualmente salientada como

¹⁶⁰ Filme “Entre muros e favelas”.

¹⁶¹ Filme “Entra branco, sai preto”.

¹⁶² Filme “Sou feia mas tô na moda”.

¹⁶³ Filme “A cidade”.

alternativa de inclusão social de jovens excluídos das periferias. Um curta¹⁶⁴, selecionado para exibição na quarta edição do festival, aponta o grafite como ferramenta artística e colorida que consegue, em uma metáfora, “derrubar os muros invisíveis da exclusão urbana. (BEM, 2008). Outro filme¹⁶⁵, de acordo com a sinopse, descreve e acompanha as ações de um projeto social realizado na cidade do Rio de Janeiro, que resgata e acolhe crianças de rua através de atividades de circo. E, mesmo em obras que contam histórias de expulsões, realocações de comunidades e movimentos de resistência de moradores das comunidades retratadas, segundo as sinopses, fica clara a personificação destas realidades através da opção dos diretores em ouvir os questionamentos, relatos e reflexões da população atingida, jogando um refletor sobre os impactos dos problemas e conflitos na vida dessas pessoas e o quanto isso afeta sua dignidade, desejos, projetos pessoais, honra, sua revolta e sua vontade de lutar. Mais uma vez, a problemática social brasileira é tratada de forma profunda, pessoal e sensível nas telas do BEM e, até mesmo, com uma tendência ao otimismo, como no curta¹⁶⁶ que narra as motivações que levam pessoas excluídas socialmente a acreditarem que seus sonhos são possíveis. “Marcelo, através da simplicidade e da luta, nos mostra que é possível ser ator principal de nossa existência e modificar o mundo que nos rodeia” (BEM, 2012).

5.2.9 Mulher brasileira

O último tema a ser analisado por esta pesquisa em sua angulação no BEM é o que se refere à mulher brasileira. A temática esteve presente como argumento de 15 filmes exibidos no evento. Em relevância, só perdeu para Cidades, com 22 filmes projetados, Índios, Meio Ambiente e Trabalho com 20 obras exibidas cada um, de acordo com tabela apresentada na página 71 deste estudo. A mulher brasileira sempre se manteve presente no imaginário do francês sobre o Brasil, desde a descrição detalhada das índias realizadas por viajantes franceses integrantes de expedições exploratórias, missionárias ou científicas nos séculos XVI e XVII, como relatado no capítulo três desta pesquisa. “Mas o que mais nos maravilha nessas brasileiras era o fato de que, não obstante não pintarem o corpo, braços, coxas e pernas, nunca pudemos conseguir que se vestissem, embora muitas vezes, lhe dêssemos vestidos de chita e camisas” (LERY, 1960, p.110). Jean de Lery já descreve a nudez das índias em publicação de 1576, fruto da experiência vivida em um ano entre os Tupinambás na região da Baía da

¹⁶⁴ Filme “Multiplicadores”.

¹⁶⁵ Filme “A casa engraçada”.

¹⁶⁶ Filme “Terno, bola, vassoura e viola”.

Guanabara, em 1557. A imagem da mulher brasileira sempre esteve atrelada a intensa sensualidade, desde o relato da beleza das índias, passando pelo estereótipo da “mulata” como afirma Pereira (2010), que “encarna toda essa representação em uma proliferação de imagens midiáticas de brasileiras seminuas, dançarinas de samba ou prostitutas e, todas, sem distinção de classe ou de cor, obcecadas com a preocupação estética” (Pereira, 2010, meio digital). Para Amâncio (2000), a sensualidade da mulher brasileira retratada pelo cinema de ficção estrangeiro será carregada de uma agressividade passível de repressão. “É como se sua presença fosse, por si só, razão de temores com relação a estruturas de afeto socialmente já consolidadas” (AMÂNCIO 2000, p.97). Um misto de representação, segundo o autor, de sensualidade agressiva mesclada a uma certa infantilidade intelectual citada por ele, inclusive, em filmes franceses. O autor enfatiza o que denomina mitificações ligadas a condicionantes históricos de turismo sexual em relação à representação da mulher brasileira em filmes de ficção estrangeiros. “Por isso, proliferam mulheres brasileiras seminuas nos filmes, de um espectro de cor de pele que vai do moreno ao mulato, em situações que vão dos bordéis ao carnaval” (AMÂNCIO, 2000, p.75). As 130 edições de 16 revistas femininas pesquisadas por Roman (2010) em publicações lançadas durante o evento “Ano da França do Brasil” não conseguiu, segundo sua análise, ultrapassar os clichês, reforçando a manutenção dos estereótipos sobre as brasileiras como relatado no capítulo três desta pesquisa. Roman (2010) aponta através do estudo sistemático destas publicações, uma grande relação da figura da mulher brasileira com a praia, com a beleza, com a música e com a alegria de viver. Para a autora, “um discurso redutor, estereotipado, sexista, otimista” (ROMAN, 2007, p.145). Discursos todos que o BEM vai tentar desconstruir na seleção de filmes a serem exibidos no evento que desvelam outra realidade da mulher brasileira distanciando-a desta espécie de “deusa sensual” que parece ocupar o imaginário dos franceses. Divididos por esta pesquisa em subtemas como direito ao aborto, violência, vida na prisão, saúde, envelhecimento, trabalho e música, os 15 filmes sobre as mulheres brasileiras projetados no Festival apresentam, na França, a mulher brasileira que sofre vítima da homofobia, do machismo, da violência física, do desrespeito, de privações com o próprio corpo e de graves doenças.

Sobre o direito ao aborto, dois filmes¹⁶⁷ relatam a luta de mulheres em prol da interrupção de gestações indesejadas: uma delas impedida pelo Supremo Tribunal Federal e outras vítimas da lei de interdição ao aborto, fruto de “um paradoxo que revela o crescimento do ultraconservadorismo e da religião na política brasileira” (BEM, 2017). Em outro

¹⁶⁷ Filmes “Uma história Severina” e “Sexo, políticas, pregações”.

documentário, a história de mulheres que se submeteram a abortos clandestinos que pretende, segundo a sinopse, “mostrar como a criminalização do aborto penaliza todas as mulheres” (BEM 2016). As prisões femininas no Brasil também são retratadas em dois documentários¹⁶⁸ que narram o cotidiano de mulheres brasileiras presidiárias que inclui as relações amorosas experienciadas atrás das grades e as delicadezas e sofrimentos da maternidade vivida na prisão. Em outro média metragem¹⁶⁹ exibido, apresenta o relato de mulheres contaminadas pelo vírus da Aids por seus maridos e a identificação das causas do crescente número de brasileiras infectadas pela doença. A violência foi o subtema mais recorrente dentro do argumento Mulher, com seis filmes selecionados pelos organizadores do BEM. Desde o documentário¹⁷⁰ que relata humilhações psicológicas enfrentadas por cerca de 50 mil mulheres em visita aos maridos em prisão do Rio de Janeiro (horas de espera, revistas íntimas, *bullying*), ao assassinato de uma jovem garota transmitido ao vivo, pelas redes de televisão em 2009, que chocou o Brasil, os curtas, médias e longas metragens que chegam às telas do BEM revelam uma realidade assustadora vivida por milhares de brasileiras espalhadas nos quatro cantos do país, cuja preocupação com a beleza e a sensualidade provavelmente está sem segundo plano. O documentário¹⁷¹ acerca do assassinato da jovem presenciado por milhões de brasileiros pela TV, segundo a sinopse, propõe “uma análise crítica dessa superexposição midiática da violência contra a mulher” (BEM, 2016). O assédio sexual é apresentado em documentário¹⁷² produzido através do testemunho de 140 mulheres entre 15 e 84 anos, vítimas de agressões, gravados em uma van estacionada em diferentes lugares da cidade de São Paulo. Elas relatam histórias de violência e sofrimento. “Sozinhas com a câmera, sem jornalistas para lhes dirigir ou para fazer perguntas, elas se exprimem como desejam, com rostos cobertos ou mascaradas e ganham espaço de poder através da palavra” (BEM, 2017). Entretanto, um curta metragem¹⁷³ apresenta o percurso e o trabalho da ONG baiana, Pintadas, que ajuda mulheres a superarem o machismo propondo um “novo olhar sobre as relações entre homens e mulheres através do futebol” (BEM, 2013). A seleção de filmes do BEM privilegia ainda a apresentação da lei brasileira Maria da Penha¹⁷⁴ que pune agressões contra a mulher no país. A lei, que segundo a sinopse do documentário, é uma das

¹⁶⁸ Filmes “O cárcere e a rua” e “Leite e ferro”.

¹⁶⁹ Filme “Positivas”.

¹⁷⁰ Filme “Do lado de fora”.

¹⁷¹ Filme “Quem matou Eloá”.

¹⁷² Filme “Precisamos falar de assédio”.

¹⁷³ Filme “Virou o jogo”.

¹⁷⁴ Lei nº 11.340/2006.

leis mais completas do mundo, é detalhada e esclarecida em filme¹⁷⁵ que explica sua atuação e aplicação no Brasil através de depoimentos de vítimas e de especialistas. A dor de mães que perderam seus filhos em massacre de jovens realizado na cidade de São Paulo, em maio de 2006, é narrada em documentário¹⁷⁶ que revive, segundo o resumo, este triste dia, quando 600 menores perderam a vida assassinados em ato de barbárie. Um único documentário¹⁷⁷, entre os 15 títulos exibidos, em 13 anos de Festival, aborda o tema mulher e música, contudo, enfatizando o movimento de emancipação de mulheres na música com depoimentos de artistas consagradas do *hip hop* brasileiro.

Através da descrição e análise das sinopses das narrativas apresentadas pelo festival de cinema, podemos identificar um posicionamento assumido pela ONG organizadora, voltado a desmistificar o clichê da mulher brasileira de forma, inclusive, antagônica, já que a violência e o sofrimento nada têm de belo e sensual. A mulher brasileira retratada pelas telas do BEM luta, sobrevive, sofre e é vítima diária de agressões frutos da homofobia, machismo social, do desrespeito e de leis inadequadas na visão dos cineastas. O discurso do festival visa apresentar aos franceses uma brasileira que batalha pelos seus direitos, que é vítima de uma sociedade de históricos vícios machistas como retratado nos filmes exibidos e, mais uma vez, se mostra coerente com os objetivos de sua criação que ultrapassa a simples apresentação de um outro Brasil, mas que pretende igualmente através das narrativas exibidas, fomentar discussões e reações do público francês para uma melhor compreensão das realidades reveladas.

¹⁷⁵ Filme “Silêncio das Inocentes”.

¹⁷⁶ Filme “Não saia hoje”.

¹⁷⁷ Filme “Meninas do Rap”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Lutar com palavras
é a luta mais vã.
Enquanto lutamos
mal rompe a manhã.”

O Lutador: Carlos Drummond de Andrade

Em cinco séculos de relações econômico-culturais, a França manteve uma visão idealizada e estereotipada do Brasil. Nascida de símbolos solidificados por uma distância oceânica, manipulada pela mídia e indústria cultural e mantida pela curiosidade e fascinação do público pelo exótico, pelo diferente, a imagem propagada do Brasil na França privilegiou em grande esfera o clichê. Desde os relatos produzidos por viajantes navegadores nos séculos XVI e XVII descrevendo as paisagens exuberantes, o encantamento e o estranhamento com a fauna, flora e pelos povos exóticos que no país habitavam, passando pelo contraponto da imagem sobre o Brasil que alguns brasileiros, em suas incursões em Paris, ensaiaram transformar - como Dom Pedro I e II, Alberto Santos Dumont e artistas como Vila Lobos e Glauber Rocha - até a representação do Brasil no cinema de ficção estrangeiro, incluindo produções francesas e ainda a difusão da Bossa Nova e do Samba, da literatura brasileira, além da cobertura midiática sobre o país, sobretudo nos séculos XX e XXI, um imaginário sobre o Brasil foi se estabelecendo na França como uma construção coletiva. Mesmo que não houvesse intenção, a narrativa sobre o Brasil oscilou muitas vezes, entre histórias mirabolantes vividas em distante paraíso tropical produzidas pela indústria cultural ou factuais sobre os problemas sociais como favelas, violência e pobreza em suas coberturas. Até os livros didáticos franceses, quando ensaiam sobre o Brasil, as imagens são negativas e reforçam a ideia de um país periférico. E, mesmo o evento “Ano do Brasil na França” realizado em 2005, não conseguiu superar o paradigma do país da festa, do carnaval, do samba, do futebol, da multiculturalidade, da convivência pacífica entre raças, do povo feliz em constante contato com a natureza ou da mulher sensual, como atestaram as pesquisas realizadas com o público e pelos estudiosos que analisaram de perto a programação e o conteúdo das publicações midiáticas referentes ao evento divulgadas em diferentes canais de comunicação franceses. O imaginário francês, pelo que pudemos constatar, oscila num paradoxo que mescla a ideia do país exuberante, lindo e de gente feliz, com a imagem do país pobre, violento, miserável e corrupto.

A presente pesquisa não pretendeu questionar as intenções que alicerçaram o processo de elaboração e disseminação destas imagens clichês e mensagens reducionistas e

muito menos criticar a assimilação destes valores e sensações sobre o Brasil pelo povo francês, contudo, nossa intenção foi a de apresentar um trabalho alternativo desenvolvido por um grupo de pessoas que visa a promover uma nova imagem de Brasil para os franceses e, mais que isso, abrir espaço para discussão sobre estas ideias. Nosso propósito foi o de apenas traçar um esboço sobre o processo de construção e consolidação deste imaginário estereotipado sobre o Brasil, na França, e relatar o tipo de mensagens que foram sendo difundidas por séculos de relação entre os dois países, a fim de reafirmar as nuances e objetivos por trás da criação da ONG “*Autres Brésils*” e, sobretudo, do festival de cinema *Brésil en Mouvements* (BEM). No mundo contemporâneo, em que fronteiras são rompidas com a velocidade instantânea de um clique, em que o acesso a outras culturas é facilitado e em que as narrativas são cada vez mais públicas e plurais, diversos narradores vão surgindo e se apresentando como caminhos tangentes à mensagem hegemônica da grande mídia, do cinema comercial ou de produtos da indústria cultural. No caso da narrativa selecionada e oferecida pela ONG “*Autres Brésils*”, na França, nosso estudo procurou demonstrar o desejo de seus idealizadores em superar a imagem clichê e superficial do Brasil difundida na França, seja pela história, pela mídia, por produtos culturais de massa ou pelo apelo turístico engendrado pelo próprio país, apresentando para o público francês não apenas uma narrativa, mas uma reflexão crítica sobre a realidade brasileira, fomentando novos olhares acerca de assuntos políticos, sociais, culturais e ambientais, fruto de uma realidade histórico social complexa, mas rica e diversa.

Iniciativas como as da Associação “*Autres Brésils*”, na França, conseguem aos poucos, ocupar um espaço lícito junto ao público na medida em que ultrapassa a simples narração dos fatos, mas propõe o debate, o contraponto de conteúdo, novas angulações sobre os temas e alguns paradoxos às imagens brasileiras cristalizadas no imaginário do francês ao longo dos séculos. O *site*, a associação publica matérias de jornalistas e intelectuais brasileiros traduzidas por voluntários para o francês. Os textos analisam de forma crítica os factuais brasileiros expondo interesses escusos por trás dos fatos, desvelando motivos dissimulados, caminhos e soluções alternativas para problemáticas políticas, sociais e ambientais e com muita frequência, recorrendo à história do país. As narrativas publicadas no *site* da associação sobre o Brasil são, em sua maioria, contestadoras, com recortes ideológicos sem abandonar os temas de urgência e sua atualidade à respeito do Brasil.

Há um posicionamento ideológico declarado pelos fundadores da ONG que, em seus 16 anos de existência, dissemina uma visão crítica, mais realista e profunda deste país repleto de contradições que luta, cria, reflete, se transforma e se movimenta diariamente para

transpor as desigualdades e problemas sociais. O Brasil da “*Autres Brésils*” é complexo, contudo não é nem apenas o miserável, nem apenas o exótico. É a soma de todos os Brasis. Nas telas do BEM o público passa a ter contato e tem a oportunidade de refletir estas realidades e os caminhos alternativos para sua superação. E a ONG vai além, a ideia é também de que a França, ao refletir o Brasil, reflita a si própria. Há um desejo explícito dos criadores da ONG retratada na pesquisa, sobretudo, na programação definida para o festival de cinema, que os temas suscitem reflexões acerca da realidade brasileira ou sirvam de inspiração para discussões. O festival de cinema documentário brasileiro “*Brésil en Mouvements*” (BEM) lançado pela associação em 2005, objeto deste estudo, foi escolhido para análise, sobretudo devido ao impacto do qual o cinema é capaz na narração de realidades, ao forte incentivo na quebra de paradigmas no argumento dos filmes selecionados, ao fomento de visões críticas e ainda pela oportunidade de debates suscitada junto ao público pelo formato do evento. A sua origem está exatamente e diretamente ligada à falta de reflexão e de aprofundamento da realidade brasileira exibida na programação do evento “Ano do Brasil na França” realizado em 2005. Apesar de contar com uma programação intensa e extensa – exibição de cerca de 430 manifestações culturais brasileiras – o apego a ideias clichês da cultura brasileira, provavelmente como estratégia cômoda de atração do público, alimentando o imaginário cristalizado em lembranças, consumo de produtos culturais, sentimentos e sensações sobre o Brasil na França foi o grande motivador da organização da primeira edição do BEM.

O BEM exibiu, em 13 anos de existência, 225 filmes documentários entre curtas, médias e longas metragens dos quais a classificação de nosso estudo dividiu em 23 temáticas, a maioria delas com viés político, social, histórico e ambiental. De acordo com a análise de conteúdo realizada durante a pesquisa e explicitada no capítulo cinco, nove temáticas foram selecionadas num recorte que somou 138 sinopses de documentários. Avaliando cada uma delas em relação ao tema proposto, concluímos que o Brasil apresentado pelo BEM está coerente com a proposta da associação organizadora, conseguindo apresentar um outro olhar sobre a sociedade e as realidades vividas no país. Nada é escondido, muito é revelado. Estereótipos parecem ser superados e a brasilidade ressaltada está especialmente retratada na criatividade do povo em superar e lutar pela mudança de sua sociedade. A narrativa do BEM difere das narrativas midiáticas e culturais apresentadas na França, na medida em que os problemas sociais, ambientais e a cultura do Brasil, que muitas vezes integram as manchetes de jornais, TVs e rádios franceses sem muito aprofundamento, são ressignificadas através de uma narrativa documental, sensível e, por vezes, poética, detalhada sob a visão de diretores

que dão espaço e voz às vítimas dos problemas retratados ou para os idealizadores das soluções. Há uma clara tentativa dos organizadores em personificar a realidade brasileira, mergulhando profundamente nos impactos pessoais de sua vivência. A arte e a criatividade estão ligadas em muitas obras exibidas, à superação. Os clichês vão sendo desconstruídos a cada filme, a cada tema, a cada debate. Os índios filmam a si próprios, a floresta é vítima de devastação e ao mesmo tempo de iniciativas de preservação ambiental, as favelas possuem espaço para a arte e estão repletas de projetos sociais, as cidades equilibram-se entre a cultura, a violência e os problemas urbanos, os movimentos sociais são pioneiros e atuantes, e a mulher brasileira é violentada e luta pelos seus direitos.

O público presente nas sessões cinematográficas do Festival, em sua maioria francês e residente da cidade de Paris, como aponta os relatórios da ONG, já supera oito mil expectadores em 13 anos. Não é um número muito expressivo se levarmos em conta a população de Paris, cidade com 2,2 milhões de habitantes¹⁷⁸. Contudo, é um público que tem interesse em se aprofundar no assunto Brasil e a oportunidade de participar de debates realizados após a exibição dos filmes – mais de 50 debates foram realizados com grande índice de permanência e participação do público em 13 anos de realização do evento. Provavelmente, pessoas que jamais vão consumir os produtos midiáticos hegemônicos sobre o país da mesma forma e que, talvez, tenham transformado suas imagens pessoais sobre o país, em alguns aspectos. Contudo, apenas outra pesquisa, mais aprofundada, poderá identificar a forma de assimilação e o nível de transformação da imagem do Brasil no público presente. O que nos interessa nesse estudo é mostrar e analisar as motivações que pautaram a iniciativa de resistência da ONG em criar uma alternativa para a divulgação do Brasil na França. Mesmo que o BEM ainda não atinja parte expressiva da população francesa ou parisiense, já se consolida como uma janela interessante e sempre aberta para aqueles franceses que não se satisfazem com a imagem do Brasil veiculada pela mídia e que foi sedimentada há séculos no imaginário francês. A iniciativa de narrar um outro Brasil através do cinema documentário, longe da ficção e com um olhar, muitas vezes, profundo e crítico da realidade representada, se constitui em uma alternativa relevante, fruto das facilidades tecnológicas e comunicacionais do século XXI. Em um mundo em que os narradores evoluem e estão em constante transformação, a associação “*Autres Brésils*” se desponha como um caminho alternativo de assimilação sobre o Brasil, na França. Em nossa opinião de pesquisadora acompanhando de perto este trabalho por dois anos e meio, superar estereótipos históricos, buscar e divulgar

¹⁷⁸ Dados atualizados. Disponível em: <<https://94.citoyens.com/2017/metropole-du-grand-paris-population-officielle-2017-par-ville-par-territoire,02-01-2017.html>>. Acesso em: 02 ago. 2018.

uma mensagem reflexiva de um país para o outro se traduz, no caso da *Autres Brésils*, em um belo ato de idealismo, coragem, esforço e amor pelo Brasil.

REFERÊNCIAS

- AMANCIO, T. **O Brasil dos gringos: imagens no cinema**. Editora Intertexto: Niterói, 2000.
- AMOSSY, R.; HERSCHBERG, P. **Stéréotypes et Clichés: langue, discours, société**. Paris: Armand Colin, Paris, 2015.
- ASSUMPÇÃO, M. **A História do Brasil nas ruas de Paris**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2014.
- AUTISSER, A. M. Entrevista realizada para o projeto, por Janaína Cardoso da Silva, em 2016.
- BAER, A. **El testimonio audiovisual**. Madrid: Siglo XXI De España Editores S. A., 2005.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS, L. de. **Representações da cultura brasileira na mídia francesa. 2005 - o ano do Brasil na França**. 2006. Disponível em: <<https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Representa%C3%A7%C3%B5es-da-cultura-brasileira-na-m%C3%ADia-francesa.pdf>>. Acesso em: 2 mar. 2017.
- BARTHES, R. *O efeito de real*. In: **Literatura e Semiologia** – pesquisas semiológicas. Petrópolis: Editora Vozes, 1972 p.35-44.
- BAUMAN, Z. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Florianópolis: IIISBPJOR, 2004.
- BEM. **Relatório do Festival Brasil em Movimento**. Publicado pela ONG Autres Brésils. Paris, França. Formato PDF. 2005.
- BEM. **Relatório do Festival Brasil em Movimento**. Publicado pela ONG Autres Brésils. Paris, França. Formato PDF. 2006.
- BEM. **Relatório do Festival Brasil em Movimento**. Publicado pela ONG Autres Brésils. Paris, França. Formato PDF. 2007.
- BEM. **Relatório do Festival Brasil em Movimento**. Publicado pela ONG Autres Brésils. Paris, França. Formato PDF. 2008.
- BEM. **Relatório do Festival Brasil em Movimento**. Publicado pela ONG Autres Brésils. Paris, França. Formato PDF. 2009.
- BEM. **Relatório do Festival Brasil em Movimento**. Publicado pela ONG Autres Brésils. Paris, França. Formato PDF. 2010.
- BEM. **Relatório do Festival Brasil em Movimento**. Publicado pela ONG Autres Brésils. Paris, França. Formato PDF. 2011.
- BEM. **Relatório do Festival Brasil em Movimento**. Publicado pela ONG Autres Brésils. Paris, França. Formato PDF. 2012.

BEM. **Relatório do Festival Brasil em Movimento**. Publicado pela ONG Autres Brésils. Paris, França. Formato PDF. 2013.

BEM. **Relatório do Festival Brasil em Movimento**. Publicado pela ONG Autres Brésils. Paris, França. Formato PDF. 2014.

BEM. **Relatório do Festival Brasil em Movimento**. Publicado pela ONG Autres Brésils. Paris, França. Formato PDF. 2015.

BEM. **Relatório do Festival Brasil em Movimento**. Publicado pela ONG Autres Brésils. Paris, França. Formato PDF. 2016.

BEM. **Relatório do Festival Brasil em Movimento**. Publicado pela ONG Autres Brésils. Paris, França. Formato PDF. 2017.

BENTES, I. Vídeo e Cinema: rupturas, reações e hibridismo. In: MACHADO Arlindo (Org.). **Made in Brasil: três décadas do vídeo brasileiro**. São Paulo: Itaú Cultural, 2003. p.113-132.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Memória e Sociedade, 1989.

CADIMA, F. **Crise e crítica do sistema de mídia**. Lisboa: Editora Mídia XXI, 2005.

CAMPELO, É. Entrevista realizada para o projeto, por Janaína Cardoso da Silva, em 2015.

CANCLINI, N. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Tradução: Maurício Santana Dias, Javier Rapp. Rio de Janeiro: 4.ed. Editora UFRJ, 2001.

CANCLINI, N. **A globalização imaginada**. Tradução Sérgio Molina. São Paulo: Editora Iluminuras, 2007.

CARELLI, M. **Culturas cruzadas**. Intercâmbios culturais entre França e Brasil. Tradução Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Papirus Editora, 1993.

CARELLI, M.; LIMA, I. **Brasil-França, cinco séculos de sedução**. Tradução Cláudio Mesquita. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.

COSTA C. T. *Jornalismo como representação da representação...* v.12, n.23, p.29. São Paulo: Líbero, 2009.

COSTA, J. da. Entrevista realizada para o projeto, por Janaína Cardoso da Silva, em 2015.

DAYAN, D. **O terror espetáculo: terrorismo e televisão**. Quando mostrar é fazer. Coimbra: Edições 70. 2009.

DEBRET, J. B. **Viagem Pitoresca e histórica ao Brasil**. Tradução Sérgio Milliet, vol 2. São Paulo: Círculo do Livro S.A., 1985.

DU ROY, I. Entrevista realizada para o projeto, por Janaína Cardoso da Silva, em 2017.

ESTEVEES, J. **Os Media e a Questão da Identidade** – sobre as leituras pós-modernas do fim do sujeito. Lisboa, 1999. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/pissarra-media-identidade.html>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

FRANCO, A. **O índio brasileiro e a revolução francesa**. As origens brasileiras da teoria da bondade natural. In: Coleção de documentos brasileiros, vol. 7. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1976.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 5 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomás Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis Editora Vozes, 2000.

HUYSSSEN, A. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto Editora, Museu de Arte do Rio (MAR), 2014.

LERY, J. de. **Viagem à terra Brasil**. Tradução Sergio Milliet. São Paulo: Livraria Martins Editôra, 1960.

LÉVI-STRAUSS, C. **Tristes Trópicos**. Campinas: Edições 70, 1981.

LYRA, F. **Cinema de urgência e o festival brésil em mouvements**. Disponível em: <<https://urucum.milharal.org/2017/09/24/cinema-de-urgencia-e-o-festival-bresil-en-movement/>>. Acesso em: 10 fev. 2017.

LUSTOSA, I. **Há 180 anos, Pedro 1º abdicava para ir à farra (e a forra) na Europa**. 2011. Disponível em: <<http://jornalggn.com.br/blog/gilberto-cruvinel/ha-180-anos-pedro-1%C2%BA-abdicava-para-ir-a-farra-e-a-forra-na-europa>>. Acesso em: 30 jan. 2017.

LUSTOSA, I. **O séjour de D. Pedro I em Paris e a imprensa francesa**. Familiaridade e exotismo. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010190742012000200009>. Acesso em: 30 jan. 2017.

MARTEL, F. **Le Brésil, une passion française**. 2015. Disponível em: <<http://www.slate.fr/story/109237/bresil-passion-francaise>> Acesso em: 18 jul. 2017.

MOSCOVI, S. **Representações sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1979.

OLIVEIRA, Roberto Acioli. **Dziga Vertov: um Cineasta e sua revolução particular**. 2012. Disponível em: <<http://www.rua.ufscar.br/dzigavertov-um-cineasta-e-sua-revolução-particular>>. Acesso em: 10 jan. 2016.

PAIVA, T. **O Brasil pelos franceses**. Disponível em <<http://www.cartanaescola.com.br/single/show/528>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

PEREIRA, L. R. Les médias e les clichés sur Le Brésil: entre synthèse culturelle et sirene d'appel aux études universitaires em France. In: **Revista Pós Ciências Sociais**, v.7, n.14. São

Luís do Maranhão, 2010. Disponível em:

<http://www.ppgcsoc.ufma.br/index.php?option=com_content&view=article&id=465&Itemid=114>. Acesso em: 17 jul. 2017.

PERNISA JUNIOR, C. (Org.). **Vertov, o homem e sua câmera**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

PISSARA, J. E.. **Os Media e a Questão da Identidade** – sobre as leituras pós-modernas do fim do sujeito. Lisboa, 1999. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/pissarra-media-identidade.html>>. Acesso em: 19 jul. 2017.

ROMAN, A. de O. **Les femmes bresiliennes dans la presse féminine française durant l'Année du Brésil en France**: une representation stéréotypée et sexiste. Master 2. Paris: Université Paris VIII Vincennes Saint-Denis, 2007. Disponível em: <https://memsic.ccsd.cnrs.fr/mem_00000534/document>. Acesso em: 12 jul. 2017.

SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007.

SCHUDSON, M. A norma da objetividade no jornalismo americano. Tradução Simone do Vale. In: SACRAEMNTO, Igor, MATHEUS, Leticia Cantarella (Orgs.). **História da Comunicação**: experiências e perspectivas. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2014.

SCHWAAB, R. Jornalismo, interrupção: Sondar, narrar, reconhecer. In: PICCININ, Fabiana, SOSTER, Demétrio de Azevedo (Orgs.). **Narrativas comunicacionais complexificadas 2**: a forma. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014.

SCHWARCZ, L. **As barbas do Imperador**. D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SERELLE, M. **A narrativa em sedição**. GT Cultura das Mídias, XIX Encontro da Compós. Rio de Janeiro: 2010

SILVA, J. M. **Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Editora Meridional, 2003.

SILVA, J. M. **Diferença e Descobrimento**: o que é o imaginário (a hipótese do excedente de significação). Porto Alegre: Editora Meridional, 2017.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomás Tadeu da (Org). **Identidade e diferença**. Petrópolis Editora Vozes, 2000.

SMITH, J. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa**: uma tentativa de esclarecer a questão. Tradução Vera Maria Moreira Kude. Porto Alegre: Psico, 1994.

TAVARES, A. de L. **Brasil França ao longo de cinco séculos**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

VALMORIN, S. **2005 - L'anné Du Brésil en France**: Les enjeux d'une cooperation

culturelle internationale. Master 2. Paris: Université de Nanterre Paris X, 2006. Disponível em: <<http://www.institutfrancais.com/fr/saisons/bresil-en-france>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

VEADO, W. **Santos Dumont**: o menino de Cabangu em Paris. São Paulo: Editora do Brasil S/A, 1973.

VERON, E. **Os públicos entre produção e recepção**: problemas para uma teoria do reconhecimento. ECO-Pós, v.12, n.1, janeiro-junho 2009, p.11-26.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomás Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**. Petrópolis Editora Vozes, 2000.

ANEXOS

Anexo 1 – Artigos mais lidos do site

Afficher les visites pour les articles les plus populaires et pour les derniers articles publiés :	Afficher les visites pour les articles les plus visités depuis le début :
1. Quartiers en marge : Etre noir(e) au Brésil 2. Soirée-Débat : De la criminalisation des mouvements sociaux à l'assassinat de Marielle Franco 3. Le doigt de Lula 4. À Rio de Janeiro, un assassinat « pour l'exemple » 5. [VIDÉO] Paroles de Brésiliennes et de Brésiliens après l'assassinat de Marielle Franco 6. Brésil, assassinat d'un conseiller municipal, femme, noire, de gauche 7. Programmation Brésil en Mouvements 2017 8. Le Système Unique de Santé et l'inégalité au Brésil 9. Lula : une condamnation courue d'avance 10. Guilherme Boulos du MTST, le psychanalyste des masses 11. Dictature et image absente dans le cinéma de non-fiction dans les aires ibéro-américaines au XXIe siècle 12. Les vies des trans au Brésil. Prostitution, sexualité, identité de genre 13. « L'ONU place le Brésil dans le club des pays développés » : bonne ou mauvaise nouvelle ? 14. Reprimarisation sans industrialisation, une crise structurelle au Brésil 15. La mauvaise répartition de l'eau au Brésil 16. Pétition : Sauvons le cinéma La Clef 17. « Ce soir, tous les communistes s'appellent Oscar... » 18. Le goût amer de l'eau Nestlé Pure Life 19. Communiqué : L'assassinat de Marielle Franco est un meurtre de masse 20. Semaine décisive pour le Forum social mondial 21. Le Brésil, un pays sous-alimenté ? 22. Forum Social Mondial des Migrations 2016 23. Judith Butler au Brésil : manifestations conservatrices et le défi du journalisme pour contribuer au débat sur le genre. 24. L'association Autres Brésils 25. Le PAC de Lula 26. Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional (FASE) 27. La majorité des députés a reçu des donations de ceux qui se livrent à la déforestation. Comment cela se reflète-t-il dans leur activité parlementaire ? 28. A Brasília, Greenpeace manifeste contre des exportations de « bois teinté de sang » 29. Comment participer ? 30. 23ème édition de Chéries-Chéris, festival de cinéma LGBTQ++ [...] 104. Jésus t'aime. Le Brésil pris au piège des évangélistes 59. Jésus t'aime. La déferlante évangélique 56. Au Brésil : Marielle Franco, l'espoir interrompu 35. Le Forum social mondial et le Brésil bouleversés par l'assassinat d'une militante 55. Les (nouveaux) défis du Forum social mondial 119. Au Brésil, une femme est assassinée toutes les deux heures 2539. La Fête du Court-Métrage à l'Espace Jemmapes CRL10 61. Brésil : avec Temer, les militaires font leur grand retour dans la vie politique 184. Forum social mondial 2018 au Brésil : « Résister c'est créer. Résister, c'est transformer ! » 2706. Quatre ans après le Mondial, le stade de Brasília, « un éléphant coloré » à l'abandon	49. Au Brésil, un millier de lycées et d'universités occupés contre les politiques d'austérité 3202. Festival de la vidéo de recherche sur les traites, les esclavages et leurs héritages 1405. Modernités : photographie brésilienne (1940-1964) 1242. Comment le malaise s'exprimera-t-il après la Coupe du Monde ? Interview exclusive avec Rodrigo Nunes 480. « Il faut interférer dans les querelles entre mari et femme », affirme Dilma Rousseff 2073. Projection-débat : Grands barrages et climat, les peuples autochtones résistent 24. L'association Autres Brésils 1922. « Troupe d'élite » ou le chaos comme ordre 318. Exposition photo : « Arpoador » de Marcos Bonisson - MEP 1234. Les pays riches souhaitent la désintégration économique du Mercosul 1597. Black Blocks, le meurtre de Douglas et l'enfer annoncé 36. Le racisme au Brésil : jusqu'où ? 3034. « J'ai fui l'hôpital et voyagé 30 kilomètres pour avoir un accouchement normal » 17. « Ce soir, tous les communistes s'appellent Oscar... » 1994. « Si les femmes se conduisaient bien, il y aurait moins de viols » 263. Coupe du Monde : quelle place pour le droit au logement ? - Fondation C. Léopold Mayer 1538. La crise brésilienne : sortir de l'apathie (2) 372. A la suite de la loi Maria da Penha, les statistiques d'assassinats des femmes restent élevées 37. Conférence avec l'ancien président brésilien Luiz Inácio Lula da Silva 296. Nous contacter 2202. Jennifer Souza en concert ! 3207. « Après les faits, le gouvernement n'a pas d'interlocuteurs » 3086. Ce qui couve à Recife : Réflexions autour des Bruits de Recife 29. Comment participer ? 32. Au Brésil, le carnaval se révolte contre la classe politique 2507. Le journalisme à l'ère des « creative commons ». Interview exclusive avec Natalia Viana 2051. Qu'est-ce qui se passe au Brésil ? 3153. Entretien avec Paulo de Tarso Vannuchi sur la dictature : « Il fallait tourner la page » 168. Une occupation indigène dans l'Etat d'Espírito Santo met en échec la monoculture de cellulose 2449. Cycle « Les figures mythiques du soulèvement » - Montreuil
Comment lire ce tableau Le rang de l'article, dans le classement par popularité, est indiqué dans la marge ; la popularité de l'article (une estimation du nombre de visites quotidiennes qu'il recevra si le rythme actuel de consultation se maintient) et le nombre de visites reçues depuis le début sont affichés dans la bulle qui apparaît lorsque la souris survole le titre.	

Título do filme	Gênero	Temática	Diretores	Data	Duração
1 ano 1 dia	Doc	Movimentos sociais /Direito à moradia /Exclusão social	Cacau Amaral, Rafael da Costa, João Xavier	2004	15'
2700 km	Doc	Cidades /Migrantes	Carolina Dias, Mônica Araújo	2001	38'
A casa engraçada	Doc	Exclusão social /Arte	Pascale Hannyoyer	2007	56'

A cidade	Doc	Exclusão social	Liliana Sulzbach	2012	25'
A cidade do futuro	DOC	LGBT	Cláudio Marques	2016	75'
A cidade é uma só	Doc	Brasil Urbano / Contradições	Adirley Queirós	2012	80'
A deusa branca	Doc	Índios / Amazônia	Alfeu França	2013	30'
A galinha que burlou o sistema	Animação	Meio Ambiente / Comida	Quico Meirelles	2012	15'
A gente luta mas come fruta	Doc	Índios / Luta / preservação da Amazônia	Bebito Piãko, Isaac Piãko	2006	40'
A loucura entre nós	Doc	Loucura	Fernanda Fontes Vareille	2015	76'
A margem da imagem	Doc	Exclusão social/Moradores de rua	Evaldo Mocarzel	2003	72'
A Margem do Concreto	Doc	Exclusão Social /Movimentos sociais /Direito à moradia	Evaldo Mocarzel	2005	85'
À margem do lixo	Doc	Meio Ambiente /Exclusão social / Lixo	Evaldo Mocarzel	2008	83'
A negação do Brasil	Doc	Negros/Racismo	Joel Zito	2001	92'
A revolução do consumo	Doc	Produtos locais/Trabalho	Banco Palmas		8'
A verdade do gato	Doc	Agricultura /Trabalho /Exploração	Jeremy Hamers	2006	52'
Abigail	Doc	Afro-brasileiro /Índios /Sagrado	Isabel Peroni, Valentina Homem	2016	17'
Abuela Grillo	Animação	Meio Ambiente / Água	Denis Chapon	2009	12'
Ajuste	Doc	Exclusão social /Projetos	Daniel Veloso, Marcelo Berg, Robert Cabanes, Zé Cesar Magalhaes	2006	57'
Aldeia Do Saber	Doc	Índios / Rituais MEMÓRIA	Marcelo Alves, Vinicius Augusto Bozzo, Ângela Gurgel	2017	25'
Alma	Doc	Meio Ambiente / Consumo	Patrick Rouxel	2011	65'
Altas terras	Doc	Acesso à terra	Marie-Pierre Brétas	2013	90'
Amapá	Doc	Amazônia / Sustentabilidade	Pierre-Yves Dougnac	2005	50'
Après l'oeuf, la guerre	Doc	Cotidiano / Infância /Visões de mundo	Komoi Panara	2008	15'
Aprisionados por promessas	Doc	Trabalho escravo / Exclusão social	Xavier Plassat, Tamaryn Nelson, Beatriz Afonso	2006	17'
Aquela Travessia	DOC	Favelas /Cotidiano /Sonhos	Catharine Maria Pinto Pimentel	2016	33'
As Filhas da Chiquita	Doc	Homossexuais /Religião	Priscila Brasil	2002	51'
As hipermulheres	Doc	Índios / Rituais	Carlos Fausto, Leonardo Sette, Takumã Kuikuro	2011	80'
Até onde a vista alcança	Doc	Centros urbanos / Cultura	Felipe Peres Calheiros	2007	20'
Atos dos Homens	Doc	Periferias / Violência /Exclusão social	Kiko Goifman	2006	75'
Ava Yvy Vera	Doc	Índios /Luta /Cultura	Genito Gomes, Valmir Gonçalves Cabreira, Jhonn Nara Gomes, Jhonatan Gomes, Edina Ximenez, Dulcídio Gomes, Sarah Brites, Joilson Brite	2016	54'
Ave Maria ou a mãe dos sertanejos	Doc	Nordeste /Sertão	Camilo Cavalcante	2009	12'
Babás	Doc	Mulher /Trabalho	Consuelo Lins	2010	20'
Bagé: por uma verdadeira reforma agrária	Doc	Terra /Luta /MST	José Huerta	2005	19'
Banlieues: caméras croisées - Notre mot famille	Doc	Urbano / Periferias	Hors Cadre/Autres Brésils	2010	40'
Banlieues: caméras croisées - La	Doc	Urbano / Periferias	Carte Blanche au collectif		45'

no fim do mundo Queimado Bicho lamparão Um ano um dia			brésilien Mate Com Angu		
Boca do lixo	Doc	Trabalho/Insalubridade/Lixo	Eduardo Coutinho	1992	50'
Brasileiros como eu	Doc	Imigração	Susana Rossberg	2008	86'
Caixa d'Água: Qui-lombo é esse?	Doc	Negro / História	Everlane Moraes	2012	15'
Calango lengo	Animação	Mitos /Lendas Brasileiras	Fernando Miller	2008	9'
Carne e osso	Doc	Sociedade /Trabalho/Exploração	Caio Cavechini, Carlos Juliano Barros	2011	65'
Cartas para Angola	Doc	Imigrantes /Negro	Coraci Ruiz, Júlio Matos	2012	75'
Carte Blanche à Kinoforum – Armando o barraco	Doc	Periferias / Exclusão social / Olhar positivo	R. Valadares, D. Barreto, F. Oliveira, A. Freitas, G. Dantas, F. Dantas	2003	7'
Carte Blanche à Kinoforum – Gestando	Doc	Periferias / Exclusão social / Olhar positivo	F. Mendes, F. Felix, M. B. Dos Santos, E. Borges, E. Almeida, M. Silva	2003	6'
Carte Blanche à Kinoforum – O lado B da periferia	Doc	Periferias / Exclusão social / Olhar positivo	A. R. da Conceição, B. V. do Nascimento, F. Reite da Silva, J. Sousa Guedes, J. Saraiva	2005	5'
Carte Blanche à Kinoforum – Aqui fora	Doc	Periferias / Exclusão social / Olhar positivo	C. Nunes, J. C. Penha	2004	8'
Carte Blanche à Kinoforum – Filhos do trem	Doc	Periferias / Exclusão social / Olhar positivo	F. Benichio, M. Domingues, R. Silva, L. Rodrigues	2005	5'
Carte Blanche à Kinoforum – Tele visões	Doc	Periferias / Exclusão social / Olhar positivo	L. Oliveira, N. Gouvêa, T. de Brito	2003	14'
Casas marcadas	Doc	Brasil Urbano / Contradições	Adriana Barradas, Alessandra Schimite, Ana Clara Chequetti, Carlos R. S. Moreira, Éthel Oliveira, Juliette Yu-Ming Lizeray	2012	10'
Cidadão Boilsen	Doc	Ditadura	Chaim Litewski	2009	93'
Cinco vezes Chico - O velho chico e sua gente	Doc	Regionalismo / Tipicidade	Gustavo Spolidoro, Ana Rieper, Camilo Cavalcante, Eduardo Goldenstein, Eduardo Nunes	2015	90'
Cine Paissandu: histórias de uma geração	Doc	História do Brasil / Cultura	Christian Jafas	2015	15'
Clandestinas	Doc	Mulher	Fadhia Salomão	2014	24'
Correntes	Doc	Trabalho escravo	Caio Cavechini, Ivan Paganotti	2005	58'
Cruzando o deserto verde	Doc	Meio Ambiente/ Impacto da Celulose	Ricardo de Sá	2002	55'
Curta Saraus	Doc	Centros urbanos / Cultura	David Alves Da Silva	2010	15'
De gravata e unha vermelha	Doc	LGBT	Chnaiderman	2014	80'
Des terres pour les sans terres	Doc	Acesso à terra	Josef Stöckli	2006	37'
Desfocados	Doc	Direito à moradia /Exclusão social	David Gomes, Rodrigo Lobão	2007	12'
Desterro	Doc	História do Brasil	Marília Hughes e Cláudio Marques	2012	14'
Dia de festa	Doc	Exclusão social /Moradia /Movimento social	Toni Venturi, Pablo Georgieff	2005	77'
Dibuiar	DOC	Favelas /Cotidiano /Sonhos	Thor de Moraes Neukranz	2016	33'
Direitos esquecidos	Doc	Movimentos sociais /Direito à moradia /Exclusão social	Brigada de Guerrilha Cultural do MTST	2005	16'
Disque Quilombola	Doc	Negro /Cultura	David Reeks	2012	13'
Do Lado de Fora	Doc	Mulheres /Direitos / Presídios	Paula Zanettini, Monica	2005	55'

			Marques		
Do Mar Pra Cá	DOC	Favelas /Cotidiano /Sonhos	Carolina Oliveira de Souza Simplicio	2016	27'
Dom Helder Câmara, o Santo Rebelde	Doc	Ditadura/Religião/Resistência	Erika Bauer	2004	74'
Doméstica	Doc	Sociedade Contemporânea /Contradições	Gabriel Mascaro	2012	76'
Dominguinhos	Doc	Música brasileira	Joaquim Castro, Eduardo Nazarian, Mariana Ayda	2014	86'
Donas do samba	Doc	Música / Resistência	Susanna Lira	2013	75'
Du sucre et des fleurs dans no moteurs	Doc	Meio Ambiente / Bio combustível	Jean-Michel Rodrigo	2006	52'
E	Doc	Brasil Urbano / Contradições	Alexandre Wahrhaftig, Helena Ungaretti, Miguel Antunes Ramos	2014	17'
É tudo mentira	Doc	Desenvolvimento não sustentável / Capitalismo	Jaco Galdino, João Paulo Saraiva	2007	11'
Economia Solidária no FSM	Doc	Fórum Social Mundial / Movimento Social /Economia solidária	NTERLIG/Poa	2003	10'
Edifício Master	Doc	Exclusão Social \ Moradia /Cotidiano	Eduardo Coutinho	2002	110'
Em busca de um lugar comum	Doc	Brasil urbano / Favelas	Felippe Schultz Mussel	2012	80'
Em nome da Segurança Nacional	Doc	História / Ditadura	Renato Tapajós	1984	45'
Em três atos	Doc	Mulher	Lucia Murat	2015	85'
Enquanto trem não passa	Doc	Perda de direitos	Midia Ninja	2013	17'
Entra branco sai preto	Doc - fiction	Negros / Favelas	Adirley Queirós	2014	93'
Entre a luz e a sombra	Doc	Vida nas prisões / Música brasileiras	Luciana Burlamaqui	2008	150'
Entre Imagens - Intervalo	Doc	Ditadura	André Costa e Reinaldo Cardenuto	2015	22'
Entre muros e favelas	Doc	Violência /Exclusão Social /Favelas	Susanne Dzeik, Kirsten Wagenschein, Marcio Jerônimo	2005	62'
Essa gente vai longe	Doc	Meio Ambiente /Exclusão social / Lixo	Argemiro F. Almeida	2005	20'
Estado de Seca	Doc	Direito à moradia /Exclusão social	Adriana Cursino	2007	18'
Expedito	Doc	Amazônia /Exploração / Acesso à terra	Aida Marques, Beto Novaes	2006	75'
Família Braz – dois tempos	Doc	Pobreza\ Perspectivas	Arthur Fontes, Dorrit Harazim	2010	82'
Famillles dici et dáillers	Doc	Periferias /Família	Pierre Primetens, Catherine Boutaud	2012	52'
Favela gay	Doc	LGBT / Favelas	Rodrigo Felha	2014	71'
Fórum Social Mundial	Doc		Janaina Fischer		14'
Fractais Sertanejos	Doc	Centros urbanos / Cultura	Heraldo Cavalcanti	2009	19'
Fragments d'um quartier	Doc	Urbano /Decadência	Lucia Monteiro, Panagiota Anagnostou, Julien Duzer, Christophe Lecarpentier	2008	50'
Génération Favela Chic	Doc	Imigração	André Galego Boselli	2008	18'
Grin	Doc	Índios /Luta /Violência	Roney Freitas, Isael Maxakali	2016	41'
Há terra	Doc	Terra	Ana Vaz	2016	12'37"
Hip hop com dendê	Doc	Periferias / Exclusão Social /Música	Fabiola Aquino et Lilan Machado	2005	15'

Histórias que nosso cinema (não) contava	Doc		Fernanda Pessoa	2017	80'
Homem centenário	Doc	Centros urbanos / Cultura	Andrea Pasquini	2010	26'
Índigenas digitais	Doc	Índios / Tecnologia	Sebastian Gerlic	2010	26'
Índios No Poder	Doc	Índios /Política /Violência	Rodrigo Arajeju	2015	20'
Invenções democráticas no Quilombo	Doc	Iniciativas sociais /Negros /Cultura	David Calderoni, Laura Del Rey	2010	33'
Jaci - Sete pecados capitais de uma obra Amazônica	Doc	Amazônia	Caio Cavenchini, Juliano Barros	2014	102'
Jardim Ângela	Doc	Periferias / Exclusão social / Olhar positivo	Evaldo Mocarzel	2007	71'
Jogos de Poder	Doc	Futebol /Copa /Exclusão social	Susanna Lira	2013	25'
Juro que vi	Animação	Mitos /Lendas Brasileiras	Produção MultiRio	2003	60'
Kiarãsa yô sáty	Doc	Índios /Luta por direitos	Komoi e Paturi Panará	2005	51'
Konãgxeka: Dilúvio Maxakali	Animação	Índios / Rituais	Charles Bicalho, Isael Maxakali	2016	13'
L'oeil de guaraná	Doc	Amazônia / Índios /Sustentabilidade	José Huerta	2009	52'
L'or vert	Doc		Manfred van Eyk	2003	24'
La légende de la terre dorée	Doc	Trabalho escravo /Amazônia	Stéphane Brasey	2007	55'
La lutte n'est pas por tous	Doc	Mulher / Acesso à terra	Guillaume Kozakiewicz	2011	86'
La ruée sauvage	Doc	Amazônia/Devastação	Alexandre Valenti	2003	85'
La terre et la peine	Doc	Amazônia	Frédéric Létang	2004	90'
Le rêve de São Paulo	Doc	Migração NE-SP/Direito ao trabalho / Exclusão social	Jean Pierre Duret, Andréa Santana	2005	90'
Leite e ferro	Doc	Mulher / prisão	Cláudia Priscilla	2010	72'
Les ballons pirates de Rio	Doc	Direito proibido / Balões	Etienne Chambolle	2002	52'
Lula, la gestion de l'espoir	Doc	Lula /Esperança	Gonzalo Arijon	2005	61'
Lutar Sempre	Doc	Acesso à terra /MST	MST		30'
Lutzenberger – for ever Gaia	Animação	Meio Ambiente	Franck Coe, Otto Guerra	2007	52'
Marangmotxíngmo mirang	Doc	Índios /Cotidiano /Cultura	Kumaré Txicão, Karané Txicão, Natuyu Yuwipo Txicão	2002	35'
Marighella	Doc	História / Ditadura	Isa Grinspum Ferraz	2011	90'
Martírio	DOC	Índios /Lutas /Terras	Vincent Carelli, Tatiana Almeida, Ernesto de Carvalho	2016	160'
Melhor que um Poema	Doc	Exclusão Social /Música	Cacau Amaral	2006	15'
Memórias do Rio	Doc	Brasil Urbano / Contradições	Roney Freitas	2013	14'
Meninas do Rap	Doc	Música brasileira / Negros /Mulheres	Juliana Vicente	2015	14'
Mestre Leopoldina: a fina flor da malandragem	Doc	Cultura /Capoeira	Rose La Creta	2006	60'
Migrantes	Doc	Condições de trabalho / Bio combustível	Beto Novaes	2007	50'
Milton Santos ou o Mundo Global Visto do lado de cá	Doc	Globalização	Silvio Tendler	2004	89'
Mini Cine Tupy	Doc	Cidades /Cultura	Sérgio Bloch	2002	10'
Miracle au sertão	Doc	Agricultura /Trabalho /Exploração	Jacques Hubschman, Claire Sarazin	2008	França 52'

Morro da Conceição	Doc	Memórias / Favelas /História	Cristiana Grumbach	2007	86'
Movimento, l'engagement de l'église brésilienne	Doc	Movimentos sociais / Luta	Marcello Lunière	2008	53'
Muito além do peso	Doc	Sociedade /Hábitos	Estela Renner	2012	84'
Multiplicadores	Doc	Exclusão social /Arte	Renato Martins, Lula Carvalho	2006	15'
Na estrada com Sócrates	Doc	Movimentos Sociais	Niko Apel, Ludi Boeken	2014	86'
Na missão, com Kadu	Doc	Cidades /Luta/ Moradia	Ajano Bemfica, Kadu Freitas, Pedro Maia de Brito	2016	28'
Nada a ver	Doc	Vida nas prisões	Florence Bresson, Lili Goncalvez	2009	50'
Não saia hoje	Doc	Mulher	Susanna Lira	2016	53'
Nas Terras do Bem-Virá	Doc	Amazônia /Trabalho escravo / Sonhos	Alexandre Rampazzo, Tatiana Polastri	2007	110'
Noitada de samba, foco de resistência	Doc	Música / Samba / Ditadura	Cely Leal	2010	75'
Nós em rede	Doc	Movimento Social/Favelas	Fernando Salis, Felipe Ribeiro	2004	70'
O caminho dos direitos humanos	Doc	Favelas /Exclusão social /Arte	Françoise Schein	2003	19'
O cárcere e a rua	Doc	Mulheres /Presas /Exclusão social	Liliana Sulzbach	2004	81'
O chaveiro da Tijuca	Doc	História do Brasil /Cultura	Martin Brozers	2015	8'
O cordel dos atingidos	Doc	Meio Ambiente/Barragens	Ricardo de Sá	2003	22'
O Dia em que a Lua Menstruou	Doc	Índios / Rituais	Takumã e Maricá Kuikuro	2004	28'
O fim do esquecimento	Doc	História / Ditadura	Renato Tapajós	2012	52'
O Homem da Árvore	Doc	Exclusão social /Sem moradia	Paula Mercedes	2007	19'
O menino e o mundo	Animação	Sociedade Contemporânea	Alê Abreu	2013	79'
O mestre e o divino	Doc	Índios /Cultura	Tiago Campos	2013	85'
O pai do gol	Doc	Futebol /Cultura	Luiz Ferraz	2013	17'
O senhor do engenho	Doc	Terra/ Nordeste /Superação	Bertrand Lira	2004	17'
O sonho de Rose, 10 anos depois,	Doc	Acesso à terra /Movimento Social /MST	Tetê Moraes	2000	90'
O veneno está na mesa	Doc	Meio Ambiente /Agrotóxicos	Sílvio Tendler	2011	50'
O veneno está na mesa II	Doc	Perda de direitos	Sílvio Tendler	2014	70'
Occupying Brazil	Doc	Brasil urbano /Contradições	Daniel A. Rubio	2014	24'
Oficina Perdiz	Doc	Exclusão social	Marcelo Díaz	2006	20'
Os carvoeiros	Doc	Trabalho escravo	Nigel Noble	1999	67'
Os dias com ele	Doc	História do Brasil / Ditadura	Maria Clara Escobar	2013	107'
Os melhores anos de nossas vidas	Doc	Exclusão social	Andrea Pasquini	2003	65'
Os promesseiros	Doc	Amazônia/Religiosidade/ Ribeirinhos	Chico Carneiro	2005	51'
Où est le soleil?	Doc	Imigrantes	Claire-Sophie Dagnan	2011	52'
Oyapock	Doc	Amazônia /Fronteiras	Maël Cabaret	2011	52'
Palhaço em campanha	Doc	Exclusão social /Favelas /Ações positivas	Guilherme Fernandez	2004	17'
Pandemonium	Doc	Meio Ambiente	Jorge Bodansky	2010	50'
Pão e casa	Doc	Economia solidária	CEDAC (Centro de Ação Comunitária)	2005	30'
Paroles d'un autre Brésil	Doc	Movimentos Sociais	Claudia Neubern	2006	96'
Pelores	Doc	Exclusão social /Nordeste / Cidades	Marília Hughes, Aline Frey	2004	30'

Pi'õnhitsi: Mulheres Xavante sem Nome	Doc	Índios / Tecnologia /Rituais	Vídeo nas aldeias	2009	56'
Pirinop – Meu primeiro contato	Doc	Índios /Memória /Amazônia	Mari Corrêa, Karané Ikpeng	2007	83'
Polícia mineira	Doc	Violência /subúrbio /Cidades /Ação Positiva	Estevão Ciavatta	2005	52'
Porto da pequena África	Doc	Negros	Claudia Mattos	2014	77'
Positivas	Doc	Saúde / Mulher /HIV	Susanna Lira	2009	78'
Precisamos Falar do Assédio	DOC	Mulher brasileira /Violência	Paula Sacchetta	2016	80'
Preto contra Branco	Doc	Negros /Racismo	Wagner Morales	2004	78'
Preto contra branco	Doc	Cultura /Futebol /Negros /Racismo	Wagner Morales	2004	78'
Preto e branco	Doc	Negros/Racismo	Carlos Nader	2004	73'
Privatizações: distopia do capital	Doc	História do Brasil /Perda de direitos	Silvio Tandler	2014	57'
Puisque nous sommes nés	Doc	Nordeste /Exclusão social	Jean-Pierre Dure, Andréa Santana	2008	90'
Quatro Varas: la force d'une favela	Doc	Exclusão Social /Movimentos sociais	Benoit Théau	2002	26'
Quebradeiras	Doc	Floresta Amazônica / Sustentabilidade /População local	Evaldo Mocarzel	2010	71'
Quem matou Eloá	Doc	Mulher	Livia Prez	2015	25'
Quilombo da Família Silva	Doc	Negros	Sergio Valentim	2012	15'
Raiz Forte	Doc	Amazônia / Acesso à terra	Aline Sasahara, Maria Luisa Mendonça	2000	40'
Raiz forte,	Doc	Acesso à terra/ Movimento Social /MST	Aline Sasahara, Maria Luisa Mendonça	2000	42'
Rap, o Canto da Ceilândia	Doc	Exclusão Social /Música	Adirley Queirós	2005	15'
Recife frio	Doc	Nordeste	Kleber Mendonça Filho	2009	25'
Resistência	Doc	Política brasileiras /Resistência	Eliza Capai	2017	55'
Retratos de Identificação	Doc	Ditadura	Anita Leandro	2014	71'
Roça crua	Doc	Direito à terra /Meio Ambiente	May Waddington	2004	30'
Salve! Santo Antônio	Doc	Trabalho perigoso	Aline Sasahara	2004	50'
Se todos fossem iguais	Doc	Cotidiano / Infância /Visões de mundo	Joyce Santos	2008	18'
Sem pena	Doc	Sistema prisional	Eugenio Puppo	2014	87'
Sementes	Doc	Alternativas	Marcelo Engster	2015	12'
Ser da Terra	Doc	Iniciativas sociais / Meio Ambiente	Rede Ecológica	2010	27'
Setenta	Doc	História do Brasil / Ditadura	Emília Silveira	2013	96'
Sexo, política, pregações	Doc	Sexo /Violência /Religião	Aude Chevalier-Beaumel, Michael Gimenez	2016	72'
Shomõtsi	Doc	Índios /Cotidiano	Valdete Pinhanta Ashaninka	2001	42'
Silêncio das inocentes	Doc	Mulher /Violência	Ique Gazzola, Naura Schneider	2010	52'
Soldados da borracha	Doc	Floresta Amazônica / Extração borracha	Cesar Garcia Lima	2010	26'
Sou feia mas tô na moda	Doc	Favelas /Exclusão Social /Música	Denise Garcia	2005	61'
Strade D'Acqua	Doc	Amazônia / Sociedade	Augusto Contento	2009	França 120'
Taego Awa	Doc	Índios / Amazônia	Henrique Borela, Marcela Borela	2016	75'
Tarabatará	Doc	Centros urbanos / Cultura	Júlia Zakia	2007	23'
Tava, a casa de pedra	DOC	Índios /Lutas /Memória	Ariel Ortega, Patrícia Ferreira, Vincent Carelli, Ernesto de Carvalho	2012	78'

Tempo de resistência	Doc	Ditadura/Repressão	André Ristum	2004	115'
Terno, bola, vassoura e viola	Doc	Exclusão social /Superação	Vinicius Souza	2011	8'
Tobias 700	Doc	Direito à moradia	Daniel Rubio	2004	60'
Trópico da saudade: Claude Lévi-Strauss na Amazônia	Doc	Floresta Amazônica	Marcelo Fortaleza	2009	71'
Tudo sobre rodas	Doc	Cidades /Trabalho	Sérgio Bloch	2005	50'
Últimas conversas	Doc	Juventude brasileira	Eduardo Coutinho	2015	85'
Uma História Severina	Doc	Mulheres /Direitos /Aborto	Debora Diniz, Eliane Brum	2005	25'
Uma terra para viver	Doc	Meio Ambiente /Barragens/Agronegócio	Jean e Catherine Cleroux	2005	50'
Uma visita para Elizabeth Teixeira	Doc	Nordeste / Luta /Camponeses	Susanna Lira	2011	13'
Une aventure nommée Brésil	Doc	Iniciativas sociais	Kakie Roubaud	2010	52'
Verdade marcada pra viver	Doc	Exclusão Social /Homenagem /Eduardo Coutinho	João Novaes	2004	29'
Vida nova na favela	Doc	Exclusão Social /Favelas /Estereótipos	Luis Carlos Nascimento	2005	15'
Vila das Torres	Doc	Futebol /Copa /Favela	William Duarte, Marta Pego, Lúcia Pego, Bruno Mancuso	2010	15'
Virou o jogo	Doc	Mulher /Violência	de Marcelo Villanova Lopes Lapa	2012	26'
Vocação do poder	Doc	Política brasileira	Eduardo Escorel, José Joffily	2005	110'
Vozes do clima	Doc	Meio Ambiente / Amazônia / Pantanal / Mata Atlântica / Cerrado	Maureen Santos, Marcelo Calazans, Ricardo Sá	2009	17'
We dont like samba	Doc	Brasil urbano /Manifestações	cis-Berlin	2014	41'
Xingu: porque não queremos Belo Monte	Doc	Meio Ambiente / Índios /Amazônia	Julianna Malerba, Agustin Kammerath	2009	30'
Zê Pureza	Doc	Acesso à terra / MST	Marcelo Hernandez	2006	97'

Anexo 3

TEMA GERAL	SUBTEMA	FILME	DIRETOR	RESUMO
Amazônia	Devastação	La ruée sauvage	Alexandre Valenti	Pulmão da terra, Eldorado mítico e objeto de desejos, a Amazônia sofre hoje em dia com a megalomania dos homens. Voltando um século no passado, graças a arquivos inéditos, o filme apresenta testemunhos antigos e análises atuais que demonstram resultados de uma exploração selvagem e excessiva conduzida em detrimento do homem.
	Exploração da borracha	Soldados da borracha	Cesar Garcia Lima	Filmado nas cidades de Rio Branco, Plácido Castro e Xapuri no estado do Acre, o filme mostra a trajetória de ex seringueiros (extratores de borracha) hoje aposentados.
	Fronteiras	Oyapock	Maël Cabaret	No coração da Amazônia existem duas cidades separadas por um rio: Oyapoque. De um lado o Brasil, do outro, a Guyana. Em breve uma ponte vai ligar os dois países. Somente os habitantes continuam céticos quanto às profundas mudanças.
	Luta pelo território	La terre et la peine	Frédéric Létang	A Amazônia brasileira é o palco de uma violenta competição pela conquista de novos territórios. Este filme testemunha as condições de instalação, no coração da floresta virgem, de um grupo de colonos pobres.
		Expedito	Aida Marques et Beto Novaes	Um quadro da colonização da Amazônia nos anos 70, época em que o governo brasileiro incentivou o avanço de largas frentes de exploração na região. Expedito Ribeiro de Souza, camponês e poeta parte então com sua família para a floresta afim de procurar um pedaço de terra para cultivar. Seu engajamento político e sindical lhe atiza o ódio dos grandes proprietários de terra que colocam sua cabeça à prêmio. Participação do cantor e compositor Chico Buarque na narração dos poemas do líder rural.
		Raiz Forte	Aline Sasahara e Maria Luisa Mendonça	A Amazônia brasileira é palco de uma violenta competição para a conquista de novos territórios. Este filme testemunha as condições de instalação no coração da floresta virgem por um grupo de colonos pobres já que as regiões vizinhas foram capturadas e colonizadas pelos grandes proprietários que monopolizam o essencial da terra por uma violenta competição de conquista.

	Religiosidade (Círio de Nazaré)	Os promesseiros	Chico Carneiro	A cada ano, no segundo domingo de outubro, Belém é sede de uma das mais importantes manifestações religiosas do mundo: o Círio de Nazaré. Este documentário acompanha a viagem de barco de três peregrinos sobre as águas do Amazonas e, na mesma ocasião, nos leva a descobrir as paisagens exuberantes da região e as condições socioeconômica dos ribeirinhos.
	Sustentabilidade	Amapá	Pierre-Yves Dougnac	O estado do Amapá iniciou em 1994 e 2002 uma experiência única de desenvolvimento sustentável. Implementado pelo governador Capiberibe, ela objetivou conciliar o homem e a natureza a fim de preservar a floresta amazônica.
		A gente luta, mas come fruta	Bebito Piãko e Isaac Piãko	A vila de Apiwtxa, perto do rio Amônia, no Estado do Acre. A gestão agroflorestal realizada pelos Lashaninka implica num trabalho de preservação e recuperação de fontes naturais da reserva, uma luta assídua contra as empresas de madeira que invadem seus territórios na fronteira com o Peru.
		L'oeil du guaraná	José Huerta	Depois de séculos, no coração da Amazônia, os índios Satéré-Mawé cultivam o guaraná, uma planta que eles consideram sagrada. Guardiões de um banco genético original do guaraná, eles atualmente são resistentes, apoiados pelas estruturas do comércio sustentável, mas cercados por diversas multinacionais.
		Quebradeiras	Evaldo Mocarzel	Uma homenagem às quebradeiras, mulheres que colhem e quebram as nozes de coco babaçu no Brasil. De maneira particularmente original, o diretor apresenta um documentário poético nos aproximando destas mulheres no seu trabalho e gestos cotidianos.
	Ribeirinhos	Strade D'Acqua	Augusto Contento	Rodado durante as viagens sobre o rio Amazonas entre Manaus e Belém, este filme mostra a vida das populações locais, suas dificuldades como o acesso à água potável e suas relações com o rio.
Memória / História	Ditadura / Resistência	Tempo de resistência	André Ristum	Uma avaliação do que foi a resistência armada no Brasil durante os "anos de chumbo" da Ditadura Militar por aqueles que sofreram a repressão. Com inúmeras imagens de arquivo e cerca de 30 entrevistas de pessoas diretamente envolvidas na luta contra a ditadura.

		Dom Helder Câmara, o Santo Rebelde	Erika Bauer	Ele lutou contra a ditadura por uma Igreja "mais próxima do povo, em favor dos excluídos" e se tornou um dos líderes político-religiosos mais importantes e polêmicos da História recente do Brasil. Retrato de Dom Helder Câmara (1009-1999), bispo católico perseguido durante a ditadura militar e pioneiro da Teologia da Libertação.
		Cidadão Boilsen	Chaim Litewski	Henning Albert Boilesen, empreendedor naturalizado brasileiro, financiou o principal organismo de repressão durante a ditadura militar brasileira, o DOPS. Através da vida deste homem, assinado pela guerrilha em 1971, o filme aborda a colaboração entre os meios político-militares e econômicos durante a ditadura.
		Marighella	Isa Grinspum Ferraz	Baiano, autor, preto, erudito da bíblia e do grego, apreciador do samba, da praia e do futebol, feminista de vanguarda, sedutor, carismático, interlocutor de Kubitschek e de Che Guevara. Quem era este homem cujo nome foi proibido de se pronunciar por décadas no Brasil?
		Em nome da Segurança Nacional	Renato Tapajós	Este documentário mostra o tribunal de Tiradentes, organizado pela Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo em 1983. Ele alterna cenas da corte de justiça e fontes documentais pra discutir a doutrina da segurança nacional, a ideologia maior da ditadura iniciada no Brasil com o golpe de estado de 1964.
		O fim do esquecimento	Renato Tapajós	O filme dá voz aos protagonistas do Tribunal de Tiradentes e seus atos engajados na luta pelos direitos humanos, 30 anos depois. Aborda também os impactos da doutrina da Segurança Nacional na sociedade brasileira.
		Noitada de samba, foco de resistência	Cely Leal	1971: o Brasil em plena ditadura militar. No Rio de Janeiro, compositores e músicos da periferia cantam pela primeira vez na zona sul da cidade, todas as segundas-feiras no 143 da rua Siqueira Campos em Copacabana que se tornou por isso, um foco de resistência da música popular brasileira.
		Os dias com ele	Maria Clara Escobar	Uma jovem cineasta se imerge no passado quase desconhecido de seu pai, intelectual brasileiro que foi preso e torturado durante a ditadura civil-militar. O filme nos conduz através das descobertas e frustrações que ela viveu ao longo dessa busca pela memória de um homem e de uma parte da história que são raramente expostas dessa forma.

		Entre Imagens - Intervalo	André Costa e Reinaldo Cardenuto	Este filme ensaio relata a vida e obra do artista ítalo-brasileira Antonio Benetazzo, morto durante a ditadura no Brasil. Imagens de fragmentos de suas memória e do país se mesclam para deixar uma herança da história do Brasil.
		Retratos de Identificação	Anita Leandro	É o primeiro filme brasileiro construído a partir de arquivos fotográficos produzidos pelas agências de repressão da ditadura militar. As imagens de arquivo foram animadas por antigos resistentes.
		Setenta	Emília Silveira	Quarenta anos após sua libertação, o filme dá voz a 18 dos 70 presos políticos detidos depois do sequestro do embaixador suíço no Brasil em 1970. Quem são eles? O que eles se tornaram depois de terem sido presos, torturados e exilados?
	Memórias	Desterro	Marília Hughes e Cláudio Marques	As memórias e o encontro de Dona Pequenita e Tereza Froes Batalha acerca de uma das intervenções mais marcantes do estado brasileiro.
		Cine Paissandu: histórias de uma geração	Christian Jafas	Documentário sobre o cinema que formou a Geração Paissandu, nos anos 60, e o impacto cultural e social desse período para a história do país.
		O chaveiro da Tijuca	Martin Brozers	“Não imite nada, nem ninguém. Um leão que imita um leão torna-se um macaco” – Victor Hugo
		Histórias que nosso cinema (não) contava	Fernanda Pessoa	Em plena ditadura miliar, um gênero cinematográfico popular toma um rumo inesperado: a pornochanchada se torna um canal crítico da sociedade do terror. Através das comédias eróticas que escapam à censura, as relações implacáveis do poder, a misoginia forçada, o racismo, a violência política são passados pelo filtro do humor atrevido. Esta montagem retrospectiva, energética e forte dá destaque a produções totalmente esquecidas que se pensava mais irreverentes que subversivas.
	Negros	Racismo	Preto e branco	Retrato das relações raciais entre os habitantes de São Paulo. Devido a uma parte dos brasileiros possuírem ancestrais africanos, este filme questiona as noções que sustentam a crença na democracia racial brasileira.
			A negação do Brasil	Polêmico, este documentário trata do lugar dos negros nas novelas brasileiras, estes folhetins populares que passam em horário nobre nos grandes canais de televisão do país. Entrevistas e cenas dos folhetins, a discriminação racial no Brasil apresentada em detalhes.

		Preto contra Branco	Wagner Morales	Há 30 anos na véspera do Natal, em Higienópolis, a maior favela de São Paulo, os habitantes dos bairros vizinhos se enfrentam em um torneio de futebol onde os negros jogam contra os brancos. A preparação do jogo avança e a tensão aumenta enquanto o muito da democracia racial no Brasil vai de mal a pior.
	Capoeira	Mestre Leopoldina, a fina flor da malandragem	Rose La Creta	Mestre Leopoldina nos conta sua vida e, na mesma ocasião, nos descreve o universo e evolução da capoeira e sua filosofia própria que é ainda desconhecida na França apesar do desenvolvimento da prática no país.
	Quilombola	Até onde a vista alcança	Felipe Peres Calheiros	Em 2005, durante uma reunião da associação Quilombola do Sambaquim e Riachão do Sambaquim, surge a ideia de unir forças para a realização de um sonho coletivo: ver o mar.
		Invenções democráticas no Quilombo	David Calderoni e Laura Del Rey	No Quilombo da Fazenda, os habitantes praticam hoje a auto-gestão através da vida associativa, da criação de uma cooperativa e da valorização de sua cultura.
		Caixa D'Água: quilombo é esse?	Everlane Moraes	Bairro Getúlio Vargas, Aracaju, Sergipe, um dos mais importantes quilombos atuais. Por meio do testemunho de seus habitantes e de imagens de arquivo, esse curta-metragem mostra a importância da cultura negra transmitida pelos escravos e seus descendentes.
		Disque Quilombola	David Reeks	Crianças do Estado do Espírito Santo conversam sobre a vida em uma comunidade quilombola em barracos na cidade de Vitória. Através de um simples jogo, dois grupos de crianças se exprimem sobre suas raças e compreendem que há mais semelhanças do que diferenças entre eles.
		Quilombo da Família Silva	Sergio Valentim	Este documentário conta a história do primeiro quilombo urbano reconhecido e titulado do Brasil, localizado em uma área nobre, próximo ao centro de Porto Alegre. A resistência desse povo evoca os antepassados que lutaram pela liberdade e que hoje lutam pelos seus direitos e pelas terras que habitam há quase cem anos.
	África-Brasil	Cartas para Angola	Coraci Ruiz e Júlio Matos	Apesar de estarem em margens opostas no oceano Atlântico, Brasil e Angola possuem a mesma língua e um passado colonial comum. Este filme conta as correspondências entre os habitantes do Brasil, de Angola e de Portugal através de vídeos epistolares: suas histórias de entrecruzam e retratam uma Angola desconhecida, longe de guerras coloniais e civis quase extintas.

		Porto da Pequena África	Claudia Mattos	As origens da Zona Portuária de Rio de Janeiro, apelida Pequena África. Um lugar de forte herança cultural africana onde nasceram as principais marcas da carioquice: berço do samba, do futebol, de importantes revoltas sociais e trabalhistas, da malandragem e da primeira favela. Foi com a Pequena África que o Rio aprendeu a ser Carioca.
		Abigail	Isabel Peroni, Valentina Homem	Abgail junta as peles de um mapa humano que liga culturas dos Ameríndios e as religiões Afro-Brasileiras. O avesso do acesso, uma casa aberta a memórias quase esquecidas.
Trabalho	Escravo	Os carvoeiros	Nigel Noble	O processo de produção de carvão vegetal atravessa o cotidiano de algumas famílias do interior do Brasil. Uma panorâmica da vida dos carvoeiros, verdadeiros trabalhadores semi-escravos do século XX.
		Correntes	Caio Cavechini e Ivan Paganotti	Hoje, os ferros nos braços e tornozelos dos trabalhadores escravos foram substituídos pelo jugo simbólico da dívida e da violência, fruto da dominação pela miséria, pelo trabalho. O filme testemunha estas transformações através da experiência de luta cotidiana dos abolicionistas modernos - inspetores do trabalho e outros militantes dos direitos humanos.
		La legende de la terre dorée	Stéphane Brasey	Estado do Pará, sul da Amazônia brasileira: terra de luz e violência. Seduzidos por falsas promessas, centenas de trabalhadores se envolvem dia após dia, em imensos esquemas de exploração do trabalho, onde são reduzidos a escravos: detidos, mal alimentados, mal alojados, endividados artificialmente, privados de salários.
		A verdade do gato	Jeremy Hamers	A empresa de fabricação de álcool Carmo do Rio Verde vive da plantação da cana de açúcar. Ela acolhe 1200 trabalhadores sazonais recrutados pelo "Gato" que promete salários confortáveis e alojamentos decentes. Falsas promessas que são o início de uma verdadeira exploração.
	Insalubridade			Para 90 mil habitantes de Santo Antônio de Jesus (a 180 km de Salvador, Bahia) a fabricação clandestina de fogos de artifício é a única fonte de renda. Em 11 de dezembro de 1998, uma destas usinas clandestina explodiu: 64 mortos, em sua maioria mulheres e crianças. Seis anos depois, as feridas físicas e morais ainda não foram cicatrizadas.
		Salve! Santo Antônio	Aline Sasahara	

		Boca do lixo	Eduardo Coutinho	Eduardo Coutinho, um dos maiores documentaristas brasileiros, desenha aqui, um retrato de homens e mulheres que sobrevivem graças ao lixo acumulado em um depósito público situado a uns 40 km do Rio de Janeiro. Com um estilo que fez escola, o diretor se aproxima e paralisa os entrevistados e recolhe histórias de vida e visões de mundo.
		Migrantes	Beto Novaes	As condições de trabalho e de vida dos trabalhadores do nordeste brasileiro nas plantações de cana de açúcar modernas no estado de São Paulo: verdadeiro desafio da sociedade brasileira.
		Aprisionados por promessas	Xavier Plassat, Tarmayn Nelson e Beatriz Afonso	Exploração agrícola, minas: trabalho escravo no Brasil é vivo. Cada ano, a lei do fuzil mantém mais de 25 mil trabalhadores sob o jugo de grandes exploradores. Em condições desagradáveis, eles trabalham afim de comprar sua liberdade.
		Essa gente vai longe	Argemiro F. Almeida	Os catadores amassam os dejetos e fuçam latas de lixos afim de encontrar materiais reciclados. Este documentário realizado pelo Movimento Nacional dos Catadores de Material Reciclado conta este cotidiano.
		À margem do lixo	Evaldo Mocarzel	Mesmo que cinema brasileiro já tenha tratado da temática da vida dos catadores de lixo várias vezes, este filme apresenta um novo aspecto em suas condições de vida: a impossibilidade destes trabalhadores de conseguirem um outro emprego.
		Carne e osso	Caio Cavechini e Carlos Juliano Barros	Produzido para o Repórter Brasil, ONG especializada em direitos dos trabalhadores, este documentário dá voz aos empregados dos matadouros brasileiros. Ele descreve os riscos e os impactos de suas condições de trabalho em seus cotidianos
		Dibuiar / Quand on trie	Thor de Moraes Neukranz	Dona Lindalva, Ana Paula e Negra coletavam lixo. Hoje elas trabalham em uma cooperativa, mas não é tão fácil trabalhar juntas.
	Migrações	Le rêve de São Paulo	Jean Pierre Duret e Andréa Santana	Depois de uma dezena de anos, movidos por um violento desejo de viver, os camponeses do Nordeste do Brasil imigraram para São Paulo, vila dos sonhos essencial para cada pobre da terra: comer, sustentar sua família, ser reconhecido como alguém. Foi um destes, José, que os diretores, acompanhou pelos longos 3 mil quilômetros que separam o Nordeste de São Paulo. Seu sonho e os sonhos de todas as pessoas que cruzam esta estrada constituem a matéria do filme.

		2700 Km	Carolina Dias et Mônica Araújo	Dez porteiros no mesmo edifício de um bairro de classe alta do Rio de Janeiro. Dez homens vindo da mesma cidade do Nordeste. Conversa com estes migrantes que nos contam seus cotidianos, seus sonhos e suas emoções.
		Nas Terras do Bem-Virá	Alexandre Rampazzo e Tatiana Polastri	À procura da terra prometida, milhares de severinos abandonam suas casas e se dirigem a estrada para a Amazônia. A sua única bagagem: esperança sobre relação a um modelo de colonização da Amazônia que o trabalho escravo prende o passo.
	Doméstico	Doméstica	Gabriel Mascaro	Sete adolescentes aceitam filmar durante uma semana os seus trabalhos de casa. Entre uma intimidade desconcertante, relatos de autoridade e tarefas cotidianas, o filme propõe um olhar contemporâneo sobre o trabalho doméstico e se transforma em verdadeiro ensaio com relatos que mesclam trabalho e afeto.
Meio Ambiente	Barragens	Uma terra para viver	Jean e Catherine Cle-roux	No Estado do Mato Grosso, os índios xavantes, os pequenos agricultores, os Quilombolas (descendentes de escravos negros) e os pequenos proprietários rurais vítimas da construção da Barragem Mason têm ao menos uma coisa em comum: eles foram submetidos por violências sociais, culturais, morais e físicas podendo chegar à morte. Por quê? Para liberar área para o agronegócio.
		Xingu: porque não queremos Belo Monte	Julianna Malerba e Agustin Kammerath	Ao longo de 2000 quilômetros, o rio Xingu atravessa os estados do Mato Grosso e do Pará. Mais da metade deste território é onde vivem 14 mil indígenas e é considerado uma zona protegida. É neste lugar que o governo brasileiro decidiu construir a barragem de Belo Monte. O filme retrata a mobilização das populações locais contra o projeto.
		Jaci - Sete pecados capitais de uma obra Amazônica	Caio Cavenchini e Juliano Barros	Baseado em testemunhos recolhidos durante os 4 anos da construção da hidroe-létrica de Jirau. Aborda as controvérsias socio- ambientais (inundação histórica do Rio Madeira) e as condições deploráveis de trabalho, ligadas ao projeto. Na cidade de Jaci, onde a demanda de trabalhadores é grande, uma revolta eclode em 2011 com greve bloqueio do canteiro de obras e provando prisões, alguns sendo acusados de terroristas e sabotadores. (recebeu o prêmio García Marquez de Jornalismo)
	Recuperação de solo	Roça crua	May Waddington	O movimento dos coletores das nozes do coco no Estado do Maranhão conseguiu reverter os problemas causados pela terra na agroindústria. Desde lá, a conquista do direito à terra e à exploração do coco de babaçu, as mulheres conseguiram salvar o solo graças a implantação de uma agricultura orgânica.

	Desenvolvimento não responsável	L'Or vert	Manfred van Eyk	Produzir cada vez mais soja para suprir o crescente consumo de carne. Um filme que permite compreender as novas expressões da depredação humana.
		É tudo mentira	Jaco Galdino e João Paulo Saraiva	É tudo mentira é fruto de uma vasta campanha local contra o desenvolvimento não responsável, impulsionado pela cobiça.
		Vozes do clima	Maureen Santos, Marcelo Calazans e Ricardo Sá	Este documentário mostra o impacto das ações das grandes empresas do mercado de carbono na vida das populações tradicionais do cerrado, do Pantanal, da Amazônia, Mata Atlântica e destaca a importância de suas biodiversidades.
		Abuela Grillo	Denis Chapon	Este curta metragem de animação é da adaptação de um mito ayoreo povo ameríndio nômade. A versão animada desta história se torna uma fábula que aborda a questão crucial para o mundo contemporâneo: a luta dos povos contra a mercantilização da água.
		Alma	Patrick Rouxel	Alma revela que está por trás do couro, da carne, dos produtos lácteos e de madeira exótica. Este filme nos convida a nos questionar nossos hábitos de consumo e nosso modelo de sociedade.
		A galinha que burlou o sistema	Quico Meirelles	Este filme de animação conta a história de uma galinha presa numa gaiola, criada em cativeiro: em uma espécie de epifania, ela compreende qual será o seu destino e ela tenta mudar isso.
	Desenvolvimento sustentável	Lutzenberg – for ever Gaia	Franck Coe e Otto Guerra	Um rico defensor da vida e do desenvolvimento responsável apresenta as realizações do ecologista José Lutzenberger. Documentário animado que revela o universo lúdico o qual cresceu Lutz em sua infância.
	Bio Combustível	Du sucre et des fleurs dans nos moteurs	Jean-Michel Rodrigo	Acordo de Kyoto, exaustão das reservas, altas nos preços do petróleo...A adesão aos biocombustíveis parece inevitável. Os investimentos no setor são massivos. Preocupada com sua independência energética, a Europa entra na corrida
	Aquecimento Global	Pandemonium	Jorge Bodansky	A partir de entrevistas realizadas com cientistas brasileiros como Rogério Cerqueira Leite (Unicamp) e Carlos Nobre (Centro de Previsão do Tempo e estudos Climáticos), este documentário aborda a complexa questão do aquecimento do planeta.
	Mudanças climáticas	Recife frio	Kleber Mendonça Filho	A cidade brasileira de Recife que era tropical está agora fria, chuvosa e triste, após ter sofrido mudanças climáticas estranhas.

	Lendas	Juro que vi	Produção MultiRio	O Saci, Iara e o Curupira são personagens do folclore brasileiro e personagens principais deste filme de animação realizado com a participação de alunos das escolas públicas do Rio de Janeiro, que conta as lendas brasileiras abordando temas como a proteção do meio ambiente, o preconceito e os direitos dos animais.
Acesso à terra	MST	Raiz forte	Aline Sasahara e Maria Luisa Mendonça	Eles procurem um pedaço de terra, uma vida mais digna, um caminho para a construção de uma sociedade mais justa. Desde a decisão de lutar pela terra contra a agroindústria, passando pela ocupação de terras improdutivas, este documentário-mosaico apresenta a experiências dos camponeses do Movimento dos Sem Terra (MST) em 10 diferentes estados brasileiros.
		O sonho de Rose, 10 anos depois,	Tetê Moraes	Em 1987, no estado do Rio Grande do Sul, no sul do Brasil, Tetê Moraes filmou a ocupação de terras improdutivas por 1.500 famílias de camponeses sem terra. O Movimento dos Sem Terra via seus dias nascerem. Dez anos mais tarde, o cineasta volta ao lugar para realizar um relatório dos 10 anos dessa luta coletiva pela terra.
		Zé Pureza	Marcelo Hernandez	O filme acompanha o percurso de um grupo de famílias do Movimento dos Sem Terra (MST) instalados ao norte do Estado do Rio de Janeiro. A equipe de filmagem seguiu durante quatro anos, as mobilizações, as ocupações, as evacuações, as manifestações públicas e os dramas sociais vividos por estas famílias em seus diversos endereços onde eles instalaram seus acampamentos.
		Des terres pour les sans terres	Josef Stöckli	O Movimento dos Sem Terra (MST) conquistou uma parte de terra inativa na fazenda Mário Lago. Este filme mostra os diversos aspectos da ocupação de terras, dos preparativos até a obtenção de um ato de propriedade.
		Lutar Sempre	MST	O maior congresso de camponeses da história da América Latina reuniu cerca de 17.500 trabalhadores sem terra provenientes do Brasil e de países convidados. Um filme pedagógico que interroga a situação atual das lutas sociais e a construção de um projeto popular.
		Altas terras	Marie-Pierre Brêtas	No Nordeste do Brasil, Vanilda e seu marido Antônio assim como mais de 20 famílias de camponeses conseguem uma propriedade depois de lutar por quatro anos em um acampamento com ajuda do movimento dos sem terra. Mas a gestão coletiva da terra se revela uma outra aventura, mais exigente e ainda a ser conquistada.

	Luta pela terra	Bagé: pour une véritable réforme agraire	José Huerta	Bagé, no Rio Grande do Sul: a aquisição de uma parcela de terra é o início de um processo de reintegração de camponeses sem terra.
		Há terra	Ana Vaz	Um encontro, uma caça, um conto diacrônico do olhar e do destino. Como em um jogo, uma corrida, o filme oscila entre personagens e terra, terra e personagens, predador e presa.
		La lute n'est pas pour tous	Guillaume Kozakiewicz	Naiara, uma adolescente de 16 anos, contempla um campo em ruínas que havia sido um acampamento cheio de esperança e que foi destruído pelo governo. Este lugar representava o símbolo da luta pela emancipação dos camponeses sem terra no Brasil. Ele foi também a escola onde Naiara pode compreender que um outro caminho é possível, aquele da luta e da causa revolucionária.
Direito Cidadão	Perda de direitos	Les ballons pirates de Rio	Etienne Chambolle	No Rio de Janeiro, milhares de pessoas fabricam secretamente, no fundo de suas garagens, balões gigantes de papel, alquimia mágica do papel, de ar e fogo, estes "balões piratas" ganham os céus com seus desenhos impressionantes. Mas recentemente esta atividade é passível de prisão.
		Enquanto o trem não passa	Mídia Ninja	O filme mostra um pouco da realidade de comunidades que têm seus direitos usurpados por grandes mineradoras e governo. Municípios cortados pela Ferrovia Carajás, Minerodutos, populações afetadas – não apenas pela tormenta de explosões constantes na extração do minério, mas também por toda a logística que muda o modo de viver e conviver nos territórios.
Direito à moradia	Sem teto	Tobias 700	Daniel Rubio	Quem são estes brasileiros sem moradia? De onde vem? O que reivindicam? Como ganham a atenção das autoridades? Relatando a história de famílias que ocuparam um prédio abandonado no centro de São Paulo, este filme coloca em questão o direito de moradia na maior cidade da América Latina.
		Desfocados	David Gomes e Rodrigo Lobão	Os sem teto de Juiz de Fora, Minas Gerais contam suas histórias, seus percursos, perspectivas e sonhos
		A margem da imagem	Evaldo Mocarzel	O filme revela o cotidiano dos cada vez mais numerosos moradores de rua de São Paulo. Entrevistas, palavras, táticas de sobrevivência, a rotina do cotidiano, a difícil marginalidade, a loucura de alguns, Uma questão em destaque: Qual a ética dos processos de estetização da miséria?

	Resistência	Na missão, com Kadu	Ajano Bemfica, Kadu Freitas, Pedro Maia de Brito	Na luta por moradia em Belo Horizonte, um militante, Kadu, com sua câmera e seus amigos, afronta o poder, seus cassetes e bombas de gás lacrimogêneo.
		Occupying Brazil	Daniel A. Rubio	Retrato de Isabella e seus filhos, que ocupam ao lado de outras famílias um imóvel vazio do centro de São Paulo. Para inúmeros brasileiros, a ocupação de prédios abandonados é ainda a única alternativa à vida nas ruas.
	MSTS	Dia de festa	Toni Venturi e Pablo Georgieff	Ivaneti, 30 anos, Silmara, 34 anos, Janaina, 18 anos e Ednalva, 33 anos: quatro mulheres com destinos similares. O sonho de uma vida melhor lhes guiou a São Paulo, onde acabaram vivendo nas ruas. Elas então conheceram o Movimento dos Sem Teto e começaram a lutar coletivamente para conquista de moradia. Hoje, elas são líderes deste movimento.
		A Margem do Concreto	Evaldo Mocarzel	Operações de denúncias e ocupações de imóveis vazios na cidade de São Paulo: cidadãos lutando juntos por justiça e integração social, pela reconquista de seu direito fundamental de acesso à cidade. Testemunho de uma situação quase insuportável para uma população pobre, o filme segue o Movimento dos Sem Teto e desenha o retrato de algumas de suas figuras mais marcantes.
		Direitos esquecidos	Brigada de Guerrilha Cultural do MTST	Ocupação, organização e vida cotidiana no acampamento Chico Mendes em São Paulo
		1 ano 1 dia	Cacau Amaral, Rafael da Costa e João Xavier	Após 366 dias, os ocupantes do acampamento 17 de maio (Rio) se tornaram legalmente os proprietários do lugar. Em torno dos preparativos de uma festa, eles relembram a data da conquista com emoção. São brasileiros que trabalham, votam, amam, sonha. Brasileiros em luta.
Exclusão social	Resistência	Estado de Seca	Adriana Cursino	João se instala com sua família em uma escola abandonada no Vale da Seca. Ele resistiu ao rico fazendeiro que queria os expulsar e se proclamou síndico. O filme revela uma visão de mundo muito particular, uma filosofia intuitiva da vida.
				Mário, evangélico, ex detento, vive a vida no alto de uma árvore em frente ao Palácio do Planalto em Brasília. Para ganhar sua vida, ele faz triagem de dejetos das embaixadas. Para reconquista sua honra, ele deseja provar sua inocência.
		O Homem da Árvore	Paula Mercedes	

	Projetos sociais	Multiplicadores	Renato Martins e Lula Carvalho	Encontro com a cultura do grafite, instrumento de integração social. Os muros invisíveis da exclusão urbana caem graças ao jogo colorido das pinturas realizadas por jovens como um verdadeiro sinal de ...
		A casa engraçada	Pascale Hannoyer	A associação carioca "Se essa rua fosse minha" acolhe crianças de rua e jovens de favelas em torno de atividades de circo. Testemunhos de esperança suscitado por este projeto social.
	Realocação	Pelores	Marília Hughes e Aline Frey	Em companhia dos moradores pobres do Centro Histórico de Salvador da Bahia, o Pelourinho, as diretoras acompanharam durante dois anos o processo de expulsão e restauração deste bairro. Histórias de territórios, moradia, política pública, cultura e dignidade.
		Casas marcadas	Adriana Barradas, Alessandra Schimite, Ana Clara Chequetti, Carlos R. S. Moreira, Éthel Oliveira e Juliette Yu-Ming Lizeray	Expulsões dos moradores do Morro da Providência, favela carioca mais antiga do Brasil. A história se repete: « para que me serve esse progresso se eu devo deixar meu bairro justo quando ele melhora? »
	Perspectivas	Família Braz – Dois tempos	Arthur Fontes e Dorrit Harazim	As estatísticas provam a inacreditável ascensão da classe média brasileira. Neste filme, os dois diretores retornam para filmar uma família da periferia leste da cidade de São Paulo, os Braz, para comparar com o documentário que eles já haviam realizado com eles no ano 2000: após 10 anos, eles conseguem traçar um retrato da mudança da situação econômica da família assim como das perspectivas e sonhos de seus integrantes.
		Terno, bola, vassoura e viola	Vinícius Souza	O que motiva os seres humanos a acreditarem que seus sonhos são possíveis? Marcelo, através da simplicidade e da luta, nos mostra que é possível ser ator principal de nossa existência e de modificar o mundo que nos rodeia.
	Violência	A cidade	Liliana Sulzbach	Itapúa -uma comunidade de pessoas com hábitos singulares. Este lugar já contou com 1454 habitantes. Hoje vivem lá apenas 25 pessoas. Ninguém gosta de lembrar o que Itapúa foi no passado mesmo se alguns tenham guardados marcados. Percorrendo o lugar, o filme revela a existência de um mundo organizado a partir de um ato de extrema brutalidade.

	Cinema verdade	Verdade marcada pra viver	João Novaes	Um documentário metalinguístico que celebra 40 anos do clássico "Cabra marcado para morrer", obra maior de Eduardo Coutinho. O filme trata das diferenças entre o cinema direto e cinema verdade.
Favelas	Movimento sociais	Nós em rede	Fernando Salis et Felipe Ribeiro	"Solidariedade em rede" conta a troca entre o CONGESCO, movimento de líderes das favelas do Rio e o CVH, uma organização de membros de comunidades pobres de Nova Iorque. A partir de seu encontro no Fórum Social Mundial de Porto Alegre em 2003, o filme os acompanha entre o Brasil e os EUA, seguindo suas lutas comuns por valores democráticos e pela construção de uma cidadania ativa.
		Em busca de um lugar comum	Felippe Schultz Mussel	As favelas do Rio de Janeiro povoam o imaginário coletivo como uma paisagem da miséria social brasileira. No entanto, surpreendentemente, elas são também consideradas como os lugares mais atrativos da cidade. Inserindo-se em passeios organizados pela favela da Rocinha, esse documentário estuda os desejos e as imagens que a tornaram um destino turístico tão popular.
	Cidadania	O caminho dos direitos humanos	Françoise Schein	Françoise Schein, artista plástica, desenvolve um trabalho artístico em torno dos Direitos dos Homens no Rio de Janeiro. É esta experiência conduzida no e com os habitantes de uma favela que conta este filme.
		Favela gay	Rodrigo Felha	O filme mostra como é a vida da comunidade LGBT nas favelas do Rio de Janeiro. Gays existem em todo lugar, seja no morro ou no asfalto, mas aqui o assunto é tratado com a participação de outros signos – o tráfico, as igrejas evangélicas e a vizinhança. O filme também aborda as questões comuns dos homossexuais e transexuais: homofobia, preconceito, aceitação da família, trabalho e o dia a dia com a sociedade. Apesar das diversidades, cada personagem, inserido no cotidiano de sua comunidade, conta como reinventou sua história através da música, da dança, da política e do estudo.
		Quatro Varas: la force d'une favela	Benoit Théau	Fortaleza, nordeste do Brasil. A cidade possui a maior favela do Brasil. Alguns habitantes desta favela são organizados em associações afim de melhorar suas condições de vida. Quatro Varas, uma das associações trabalham sobretudo a melhorar a imagem deles mesmo e a tecer ligações sociais.
	Cotidiano	Palhaço em campanha	Guilherme Fernandez	Vigário Geral, Acari, Cidade de Deus: três favelas da cidade do Rio de Janeiro. Em suas ruas, um palhaço vai ao encontro dos habitantes e os questiona sobre seus trabalhos, sobre arte e sobre a vida. Uma maneira de levar um pouco de alegria e esperança a uma população largada ao azar.

		Aquela Travessia	Catharine Maria Pinto Pimentel	Apesar de uma vida difícil e um passado violento, Raquel continua a buscar o amor obstinadamente.
		Do Mar Pra Cá	Carolina Oliveira de Souza Simplício	Entre a praia de Boa Viagem onde ela trabalha e a favela de Entra Apulso onde ela vive, a pedinte Maroca encontra sua arte de viver.
	Violência	Entre muros e favelas	Susanne Dzeik, Kirsten Wagenschein e Marcio Jerônimo	O filme percorre três favelas do Rio e dá a palavra a famílias de vítimas: histórias de vida, falta de perspectivas, marginalização, tráfico de drogas e sobretudo, violência policial
		Branco sai, preto fica	Adirley Queirós	Tiros em um baile black na periferia de Brasília ferem dois homens. Um terceiro vem do futuro para investigar o acontecido e provar que a culpa é da sociedade repressiva.
	Funk	Sou feia, mas tô na moda	Denise Garcia	Mais que um gênero musical, o funk carioca é uma verdadeira indústria baseada quase que exclusivamente no talento e no desejo da população das favelas e das periferias do Rio de Janeiro. Um documentário pioneiro sobre o universo dos bailes funks que nos leva a descobrir mulheres que encontram pela sua emancipação pelo viés de dessa cultura de rua desacreditada.
	Estereótipos	Vida nova na favela	Luis Carlos Nascimento	O filme estabelece um paralelo entre as diferentes visões e personalidades das favelas. Traça um breve histórico do papel dos Negros na formação destas comunidades e em seu funcionamento cotidiano, desde a abolição da escravidão até os dias atuais, o filme interroga a visão estereotipada daqueles que vivem fora das favelas.
	Memória	Morro da Conceição	Cristiana Grumbach	Após 4000 entrevistas e 5 anos de visitas ao morro do Conceição, a equipe do filme apresenta algumas conversas registradas por pessoas mais velhas da comunidade. Eles contam suas vidas em depoimentos que atravessam a história do Rio de Janeiro e do país inteiro. Um retorno ao passado para preservar a memória e combater o esquecimento.
Economia solidária	Habitação e alimento	Pão e casa	CEDAC (Centro de Ação Comunitária)	"Pão e teto" apresenta as iniciativas de economia solidária através da Cooperativa de Habitação Constrói Fácil (Rio) e o grupo Oficina do Pão (Duque de Caxias). Dois exemplos de organização popular a serviço da construção de uma cidadania ativa.
	Produtos locais	A revolução do consumo	Banco Palmas	Um filme que mostra a importância dos produtos locais e a possibilidade de criar riquezas a partir de pequenas economias dos habitantes.

		Sementes	Marcelo Engster	No interior do Brasil, um grupo de pequenos agricultores se reúne. Em um dia de mutirão, trabalham na propriedade onde produzem coletivamente, trocam sementes e preparam um almoço com o que eles mesmos plantaram. São guardiões de sementes crioulas, agricultores familiares que produzem e preservam os grãos naturais e tradicionais.
	Iniciativas sociais solidárias	Economia Solidária no FSM	NTERLIG/Poa	Uma descrição das atividades ligadas à economia solidária no Fórum Social Mundial.
		Une aventure nommée Brésil	Kakie Roubaud	Como um « road-movie » à procura de um Brasil solidário e durável, este documentário foca nas micro-experiências em matéria de educação, acesso à água e luta contra o desmatamento. Um panorama de inovação deste país laboratório.
		Ser da Terra	Rede Ecológica	A Rede Ecológica existe à Rio desde 2001 e desenvolve um novo modo de consumo baseado em critérios éticos, solidários e ecológicos.
Movimentos sociais	FSM	Fórum Social Mundial	Janaina Fischer	O que significa Fórum Social Mundial? Quais são seus princípios e ideias? Qual futuro para este grande encontro por um outro mundo possível e necessário?
	Afro-Reggae	Polícia mineira	Estevão Ciavatta	Em 2004, duas unidades da Polícia Militar de Belo Horizonte se lançam em um projeto de percussão e arte de rua com jovens vindos das favelas. Uma ação inovadora do grupo AfroReggae, na tentativa de mudar as relações entre a população e uma polícia contaminada por atos de corrupção e mortes repetidas.
	Igreja	Movimento, l'engagement de l'église brésilienne	Marcello Lunière	Frei Beto participou da criação de grandes movimentos sociais brasileiros, incentivando os mais desunidos e se reunir afim de lutar por mais justiça social. Uma consciência política amplamente difundida que tende a ecoar por toda América Latina.
	Sertão	Miracle au sertão	Jacques Hubschman e Claire Sarazin	L'APAEB, associação dos camponeses de Valente, no estado da Bahia, conseguiu em menos de 25 anos desenvolver o sertão, região semi-árida marcada pela miséria camponesa e pelo feudalismo agrário ainda potente. Um verdadeiro milagre.
Política	Lula	Lula, la gestion de l'espoir	Gonzalo Arijon	Quais as esperanças suscitadas pela eleição de Lulas após dois anos de governo? Entre a vontade de agir e o poder de agir, a margem de manobra é estreita. Este filme refaz o caminho que o homem Lula percorreu com a proposta de avaliar de forma sensível.

		Paroles d'un autre Brésil	Claudia Neubern	Seguindo o traçado de um rio imaginário, o filme percorre o Brasil do sul ao norte ao encontro daqueles que pensam e constroem de maneira concreta e criativa um futuro mais justo para o país. Esta viagem acontece em meio à euforia da eleição de Lula em 2003 para terminar 3 anos mais tarde durante a próxima campanha presidencial. Para uma tomada de consciência do tempo necessário para mudanças.
	Políticos	Vocação do poder	Eduardo Escorel e José Joffily	Um documentário a quatro mãos sobre as vocações políticas. Duas equipes acompanham seis candidatos que se candidataram pela primeira vez às eleições municipais do Rio de Janeiro em 2004. Das convenções dos partidos ao resultado final, um close inédito nas campanhas eleitorais brasileiras.
	Globalização	Milton Santos ou o Mundo Global Visto do lado de cá	Silvio Tendler	Geógrafo e intelectual brasileiro, Milton Santos deixa suas reflexões sobre a globalização, os relatórios Norte-Sul e as questões políticas e econômicas atuais.
		Privatizações: a distopia do capital	Silvio Tendler	O novo filme de Silvio Tendler ilumina e esclarece a lógica da política em tempos marcados pelo crescente desmonte do Estado brasileiro. A visão do Estado mínimo; a venda de ativos públicos ao setor privado; o ônus decorrente das políticas de desestatização traduzidos em fatos e imagens que emocionam e se constituem em uma verdadeira aula sobre a história recente do Brasil.
	Manifestações	We dont like samba	cis-Berlin	Cenas das mobilizações sociais que agitaram o Brasil desde as manifestações de junho de 2013.
		Resistência	Eliza Capai	Documentário que acompanha as ocupações de escolas e das ruas durante a votação do impeachment da presidente Dilma Rousseff, reflete os temas maiores do movimento: educação, cultura, feminismo e mídias.
Índios	Cotidiano / Rituais	Marangmotxíngmo mĩrang	de Kumaré Txicão, Karané Txicão e Natu-yu Yuwipo Txicão	Em resposta à uma vídeo-carta de crianças cubanas, quatro crianças Ikpeng apresentam suas vilas. Com espontaneidade e frescor, eles nos mostram os jogos, as festas, seus familiares e seus modos de vida.
		Kiarãã yõ sãty	Komoi et Paturi Panará	A vila Paraná durante a colheita de cacau nos é apresentada por um jovem professor, uma mulher xamã e o chefe da vila.
		Shomõtsi	Valdete Pinhanta Ashaninka	Crônica do cotidiano de Shomõtsi, um índio Ashaninka vivendo na fronteira entre o Peru e o Brasil. O diretor, ele mesmo, índio, desenha um retrato de seu tio cortante e engraçado.

		O Dia em que a Lua Menstruou	Takumã e Maricá Kuikuro	Um eclipse aconteceu na Vila Kuikoro (Alto Xingu). E então tudo é abalado: os animais se transformam, chovem gotas de sangue, o canto das flautas sagradas ecoam na escuridão. Não há tempo a perder. É preciso dançar, cantar e acordar o mundo. Os diretores do filme nos contam o que aconteceu este dia, o dia em que a lua menstruou.
		Après l'ouef, la guerre	Komoi Panara	Crianças Panara nos mostram seu universo brincando na cidade em sua vila. A guerra acabou mas ainda está presente em seus imaginários.
		Trópico da saudade: Claude Lévi-Strauss na Amazônia	Marcelo Fortaleza	Este documentário mergulha o espectador no coração da Amazônia e refaz o percurso do etnólogo no meio dos índios Nambikwara
		Indígenas digitais	Sebastian Gerlic	Os índios brasileiros: Tupinambá, Pataxó Hahahãe, Kariri-Xocó, Pankararu, Potiguara, Makuxi et Bakairi contam como os telefones celulares, câmeras de fotografia, computadores e principalmente a internet se tornaram ferramentas importantes na busca e na luta por sua dignidade.
		As hipermulheres	Carlos Fausto, Leonardo Sette e Takumã Kuikuro	Na aldeia Kuikuro d'Ipatse, no Alto Xingu, uma senhora pressente a própria morte. Ela deseja cantar e dançar uma última vez no Jamurikumalu, um ritual que reúne todas as mulheres da aldeia e das comunidades vizinhas. Os ensaios começam; as mais jovens aprendem com as mais velhas os cantos tradicionais, e as mais velhas rememoram, cada uma no seu lugar. Os homens, por sua vez, assumem um papel surpreendente.
		O mestre e o divino	Tiago Campos	Dois cineastas exploram a vida na aldeia de Sangradouro, no oeste brasileiro: Adalbert Heide, um missionário alemão que depois de seu primeiro contato com os índios em 1957 começa a filmar com sua câmera Super-8, e Divino Tserewahu, jovem cineasta xavante, que produz filmes para a televisão e festivais de cinema desde os anos 1990. Entre cumplicidade, competição, ironia e emoção, eles dão vida a seus registros históricos, revelando um outro aspecto da cristianização indígena no Brasil.

		Pi'õnhitsi: Mulheres Xavante sem Nome	Vídeo nas aldeias	Desde 1995, a cerimônia de iniciação das mulheres Xavantes foi até a tribo para falar sobre o assunto e exibir as imagens filmadas durante os rituais de iniciação realizados em 1967 e em 1995 na tentativa de motivar o retorno desta tradição.
		Konãgxeka: Dilúvio Maxakali	Charles Bicalho e Isael Maxakali	Trata-se da versão Maxakali da história do Déluge. Para punir o egoísmo e a atividade dos homens, os espíritos Yãmîy invocam a Konãgxeka, que significa "grande água" na língua Maxakali.
		Aldeia do Saber	Marcelo Alves, Vinícius Augusto Bozzo, Ângela Gurgel	Nos anos 1990, a tribo Tapeba criou uma escola sob um cajueiro. A escola cresceu. Hoje, ele tem o objetivo de preservar os costumes indígenas, o contato com a natureza, a cultura e rituais ligados às atividades da tribo.
		A deusa branca	Alfeu França	Em 1958 o artista e arquiteto polêmico Flávio de Carvalho se lança em uma expedição na Amazônia com objetivo de realizar um filme que mesclava pesquisa etnográfica e ficção surrealista contando o drama de uma mulher branca que se faz refém de povos autóctones.
	Violência	Taego Awa	Henrique Borela e Marcela Borela	Tutawa conta o massacre pelos brancos de vários Índios Awa na floresta Amazônica oriental em 1973, mesclando imagens com a vida cotidiana dos Awa, desde a confecção de pinturas corporais ritualísticas à cozinha de os jogos das crianças.
		Martírio	Vincent Carelli, Tatiana Almeida e Ernesto de Carvalho	Quando em 1988, Vincent Carelli filmava a luta dos Guaranis-Kaiowa pela restituição de suas terras, ele nem podia imaginar que, 20 anos depois, a violência seria agravada e os direitos adquiridos estariam gravemente ameaçados sob a pressão dos lobbys do agrobusiness. De volta agora com seus colaboradores, Ernesto e Tita, ele investiga a história colonial. Ele segue os debates judiciais e políticos dos quais a Funai, órgão governamental criado para implementar políticas relativas aos índios. Motiva sobretudo uma fidelidade a estas comunidades cada vez menores, a seus rituais, seus modos de vida. A perseverança dos diretores é uma ode a esta resistência permanente e não violenta.

		Grin	Roney Freitas, Isael Maxakali	Um cineasta Maxakali se recorda e encontra objetos da formação da Guarda Ritual indígena durante a ditadura militar e as histórias de violência as quais foram submetidos sua família.
	Política	Índios no Poder	Rodrigo Arajeju	Mário Juruna, único índio parlamentar da história do Brasil não foi reeleito à Assembleia. Sem representação no Congresso Nacional depois da redemocratização, as nações indígenas sofrem ataques contra seus direitos constitucionais pela bancada ruralista. O cacique Ládio Veron, filho de um líder Guarani Kaiowa assassinado na luta pela terra, se candidatou ao posto de deputado federal para as eleições de 2014.
	Memória	A gente luta, mas come fruta	Bebito Piãko e Isaac Piãko	A vila de Apiwtxa, perto do rio Amônia, no Estado do Acre. A gestão agroflorestral realizada pelos Lashaninka implica num trabalho de preservação e recuperação de fonte naturais da reserva, uma luta assídua contra as empresas de madeira que invadem seus territórios na fronteira com o Peru.
		Ava Yvy Vera	Genito Gomes, Valmir Gonçalves Cabreira, Jhonn Nara Gomes, Jhonatan Gomes, Edina Ximenez, Dulcídio Gomes, Sarah Brites, Joilson Brite	"Aqui se encontra o coração da terra. Nós lutamos pelo coração da terra, este território. Nós lutamos não apenas por este pedado de terra, mas por todos os territórios do coração da terra. Essa é nossa casa. Nós, os Ava, somos descendentes do coração da terra
		Tava, a casa de pedra	Ariel Ortega, Patrícia Ferreira, Vincent Carrelli e Ernesto de Carvalho	Memória e interpretação mística, pelos Guarani-Mbya, da Guerra Guarani e das missões Jesuítas do século XVII no Brasil, Paraguai e Argentina.
	Nordeste	O senhor do engenho	Bertrand Lira	Seu Aloizio, pequeno agricultor do Nordeste que realizou seu sonho: construir seu próprio engenho de açúcar e assim sustenta sua família.
		Uma visita para Elizabeth Teixeira	Susanna Lira	Quase 30 anos após a realização do documentário Cabra Marcado Para Morrer de Eduardo Coutinho, a diretora Susanna Lira visita Elizabeth Teixeira, personagem principal do filme e percorre suas memórias de luta pelos direitos dos camponeses

	Ribeirinhos	Cinco vezes Chico - O velho chico e sua gente	Gustavo Spolidoro, Ana Rieper, Camilo Cavalcante, Eduardo Goldenstein, Eduardo Nunes	O Chico ou São Francisco, como o Rio Doce é uma serpente que vai do centro do Brasil ao oceano Atlântico. 5 histórias, 5 olhares sobre as relações do rio e seus ribeirinhos, calmo ou em fúria, o rio é uma fonte de vida e de morte. O homem crê que é dono do seu destino, mas ele não controla as ordens do rio. Com uma fotografia excepcional, os habitantes revelam suas versões poéticas ou prosaicas de suas culturas, seus cotidianos e suas lutas e as relações com o rio que é o centro de suas vidas.
	Sonhos	Puisque nous sommes nés	Jean-Pierre Duret e Andréa Santana	Nordeste, estado de Pernambuco. Um posto de gasolina no meio do sertão, atravessado por uma estrada sem fim. Cocada e Negro tem 14 e 13 anos. Cocada tem um sonho, se tornar caminhoneiro. Negro vive em uma favela, rodeado por uma numerosa fraternidade. Com uma maturidade singular eles enfrentam as adversidades e se interrogam sobre suas identidades e seu futuro.
	Ciganos	Tarabatara	Júlia Zakia	Através da vida cotidiana de uma família de Ciganos do nordeste do Brasil no estado de Alagoas, o filme desenha um retrato de sua língua, gestos e olhares.
	Seca	Calango Lengo	Fernando Miller	Calango Lengo, do nordeste do Brasil, deve aceitar seu destino sem nada para comer. Na seca ele não tem outra saída que a de viver fugindo da morte como o rato foge do gato.
	Sertão	Ave Maria ou a mãe dos sertanejos	Camilo Cavalcante	Um retrato poético do imaginário popular do sertão, às 18h, quando a rádio transmite a canção Ave Maria Sertaneja, interpretada pelo músico brasileiro Luiz Gonzaga, « rei do baião ».
Cidades	Cultura	Mini Ciné Tupy	Sérgio Bloch	Durante a semana, José Zagati coleta papelão para reciclar. No domingo ele projeta velhos filmes em sua garagem para as crianças do bairro. Uma sala de cinema montada toda em peças de material recuperado.
		Curta Saraus	David Alves da Silva	Um panorama dos Saraus, encontros populares de poesia e música organizado nos bares dos bairros de São Paulo.
		Fractais Sertanejos	Heraldo Cavalcanti	A história de João Batista dos Santos, ou Janjão, um pedreiro do interior do Brasil que se tornou um artista depois de um coma.
	Infância / Juventude	Se todos fossem iguais	Joyce Santos	Diferentes temas do cotidiano são abordados por crianças de 7 a 12 anos. Eles compartilham suas visões de mundo, suas esperanças e imaginações.

		O menino e o mundo	Alê Abreu	Em busca de seu pai, um menino deixa sua aldeia e descobre um mundo fantástico dominado por animais-máquinas e seres estranhos. Uma viagem lírica e onírica que ilustra com brio os problemas do mundo moderno por meio do olhar de uma criança.
		Últimas conversas	Eduardo Coutinho	Realizado a partir das entrevistas que o diretor fez com alunos do ensino médio, pouco antes de sua morte em fevereiro de 2014, este filme tenta descrever as maneiras de pensar, de sonhar e de viver dos adolescentes de hoje em dia (aborda opiniões sobre família, religião, identidade, bullying, discriminação).
	Envelhecimento populacional	Homem centenário	Andrea Pasquini	Uma reflexão sensível e leve sobre o envelhecimento da população.
	Criatividade / trabalho	Oficina perdiz	Marcelo Díaz	Periz e sua garagem, entre peças descartadas e peças de teatro.
		Tudo sobre rodas	Sérgio Bloch	Na partida: a roda, uma invenção de sete mil anos que originou uma revolução. Na chegada: o retrato cotidiano de uma parcela de habitantes do Rio de Janeiro que, com ajuda de veículos não motorizados, ganham suas vidas nas ruas da megalópole.
	Periferias	Hip hop com dendê	Fabiola Aquino e Lilan Machado	Mistura de grafite, break, rapa e de expressões artísticas locais, o movimento hip hop desembarcou na Bahia e conquistou uma grande parte da juventude das periferias das grandes cidades.
		Melhor que um Poema	Cacau Amaral	Retrato dos jovens dos bairros das periferias da cidade do Rio de Janeiro. Privados de espaços de expressão, eles investem no hip-hop, se próprio e única oportunidade de ter acesso à cultura e aos lugares.
		Rap, o Canto da Ceilândia	Adirley Queiroz	Diálogo com quatro consagrados artistas do Rap brasileiro (X, Jamaika, Marquim e Japão) todos originários de Ceilândia, periferia de Brasília, capital do país. O filme apresenta a trajetória destes personagens no universo da música e traça um paralelo com a construção da cidade onde habitam., Estes artistas vêm no Rap o único meio de revelar seus sentimentos e se reafirmar como moradores da periferia.

		Atos dos Homens	Kiko Goifman	A baixada fluminense (Estado do Rio) no raio x. O cotidiano dos habitantes dessa região de grandes desigualdades sociais. A banalização da morte vista como solução corriqueira de conflitos.
		Ajuste	Daniel Veloso, Marcelo Berg, Robert Cabanes, Zé Cesar Magalhaes	A partir de testemunhos de lideranças sociais da periferia de São Paulo, este documentário confronta diferentes percursos e trabalho de intervenção social.
		A cidade é uma só	Adirley Queirós	Uma reflexão sobre o processo permanente de exclusão territorial e social que atinge grande parte da população de Brasília e de seus arredores. Tendo como referências históricas a campanha de erradicação das invasões de 1971 e a Ceilândia, os personagens do filme, reais e fictícios, vivem e testemunham as mudanças da cidade.
	Cotidiano / Solidão	Edifício Master	Eduardo Coutinho	Este filme segue o cotidiano dos habitantes de um prédio "Edifício Master" em Copacabana, Rio de Janeiro. 12 andares, 23 apartamentos cada um. No total, 276 moradias onde vivem quase 500 pessoas em decadência, sem esperança e na solidão.
	Contrastes e Contradições	Fragments d'un quartier	Lucia Monteiro, Panagiota Anagnostou, Julien Duzer, Christophe Lecarpentier	Inspirado na Avenida de Champs-Élysées, o primeiro bairro de São Paulo era reduto da aristocracia brasileira no século XIX. Hoje, seus palácios permanecem mas são habitados por uma população vinda de fora. Nestes casarões, grandes espaços e precariedade se mesclam.
		Memórias do Rio	Roney Freitas	Percurso do longo rio Tietê que encontra São Paulo. Do curso d'água à cidade, a travessia de uma sociedade urbanizada cheia de contradições.
		E	Alexandre Wahrhaftig, Helena Ungaretti e Miguel Antunes Ramos	Estacionamento. Es-ta-cio-na-men-to. Do latim, statio. Ficar de pé, ficar parado.
	Imigrantes	Génération Favela Chic	André Galego Boselli	A história de quatro estudantes que vivem em Paris originários da elite brasileira. Eles falam sobre sentimento de culpa por ter deixado seu país de origem.

		Brasileiros como eu	Susana Rossberg	Encontro com a comunidade brasileira na Bélgica. Em pleno crescimento e, em grande parte, ilegais no país, ela se manifesta por sua energia, vivacidade e diversidade. Um filme que defende um melhor acolhimento e aceitação dos estrangeiros.
		Où est le soleil?	Claire-Sophie Dagnan	O filme conta as histórias dos descendentes de imigrantes japoneses no Brasil através do olhar de nove artistas nikkeijin: seus retratos questionam as diferenças culturais, as maneiras de se enxergar e ser visto e reconhecido como plural, como o outro. É a história da busca por um lugar na sociedade, um lugar ao sol o que compreende também de acontecimentos tristes.
Mulher brasileira	Direitos / aborto	Uma História Severina	Debora Diniz e Eliane Brum	Os testemunhos das dolorosas peregrinações de Severina, agricultora do interior de Pernambuco, grávida de um feto sem cérebro. Severina se dirige a um hospital para interromper sua gravidez de quatro meses, mas o Supremo Tribunal Federal se recusa a autorizar o procedimento. Um calvário começa então para ela e seu marido em busca daquilo que abrandará o sofrimento.
		Sexo, política, pregações	Aude Chevalier-Beaumel, Michael Gimenez	O Brasil vende uma imagem de sexualidade liberada, mas as mulheres morrem devido a lei de interdição ao aborto e é onde a homofobia é a mais mortal do mundo. Este paradoxo revela o crescimento do ultraconservadorismo e da religião na política.
	Violência	Do Lado de Fora	Paula Zanettini e Monica Marques	Impenetráveis muros lhes separam de seus maridos, amigos, filhos, irmãos. Por outro lado, descreve os obstáculos que 50 mil mulheres precisam enfrentar para visitar seus próximos prisionais do Estado do Rio de Janeiro. Horas de espera, revista, humilhações para apenas algumas horas com os entes queridos.
		Silêncio das inocentes	Ique Gazzola e Naura Schneider	A lei nº11.340/2006 ou Lei Maria da Penha é considerada como uma das três leis mais completas no mundo sobre a violência doméstica. Através de vários testemunhos de vítimas e especialistas, o filme nos esclarece suas especificidades e sua aplicação no Brasil
		Virou o jogo	Marcelo Villanova Lopes Lapa	A história de mulheres que conseguiram superar questões de machismo graças à ONG Pintadas situada na região da Bahia. O trabalho da associação propõe um novo olhar sobre as relações homens/mulheres através do futebol

		Quem matou Eloá	Lívia Prez	Em 2009 Lindenberg Alves invadiu armado o apartamento de sua namorada, Eloá Pimental e a manteve sequestrada durante de 5 dias. Este crime, foi na época, amplamente divulgado pelos canais de televisão brasileira. O filme propõe uma análise crítica desta superexposição midiática da violência, enfatizando a maneira como a mídia escolhe abordar os casos de violência contra a mulher.
		Precisamos falar do assédio	Paula Sacchetta	Uma caravana estacionada em diferentes lugares de São Paulo e Rio de Janeiro coleta depoimentos de mulheres vítimas de agressões pra lhe dar a palavra e um espaço de poder. Sozinhas com a câmera, sem jornalistas para lhes dirigir ou para fazer perguntas, elas se exprimem como desejam, com rostos cobertos ou mascaradas e ganham um espaço de poder através da palavra. Este projeto filmes 140 mulheres de 15 a 84 anos que guardaram silêncio. É uma porta aberta a outros projetos deste tipo no mundo inteiro.
		Não saia hoje	Susanna Lira	"Não saia hoje" é um conselho que muitas mães deram a seus filhos menores em maio de 2006. Infelizmente, a maioria deles saíram sem que se pudessem proteger dos crimes de maio, quando cerca de 600 jovens foram assassinados em São Paulo
	Vida na prisão	O cárcere e a rua	Liliana Sulzbach	Penitenciária Madre Pelletier: destinos cruzados. Cláudia, detenta mais velha e mais respeitada, livre, protege a frágil Daniela. Betânia tenta quebrar as regras do regime condicional para viver livre com seu novo amor.
		Leite e ferro	Cláudia Priscilla	A maternidade na prisão e o Centro de Atendimento Hospitalar à Mulher Presa (CAHMP) de São Paulo são o centro deste documentário: atrás das grades, as mães amamentam e cuidam de seus filhos. Após quatro meses, a criança é adotada por outra família ou por uma instituição. Com delicadeza, este documentário revela esta experiência da maternidade na prisão.
	Saúde	Positivas	Susanna Lira	Este filme retrata a vida de várias mulheres portadoras do vírus da Aids, contaminadas por seus maridos. O filme que mostra que o anúncio brutal da infecção da Aids não é sinônimo do fim: ele pode sim representar o início de uma nova vida. Através destas histórias são demonstradas as diferentes causas do aumento do número de contaminação entre as mulheres.

	Envelhecimento	Em três atos	Lucia Murat	Através da memória desta mulher, os movimentos de seu corpo tomam vida. Em três atos aborda o tema do envelhecimento do corpo e o confronto com a dor e o medo da morte. É um filme sobre o ciclo da vida, sobre o trabalho do corpo, tratado através da dança contemporânea e pela palavra que revisita textos de Simone de Beauvoir.
	Trabalho	Babás	Consuelo Lins	A partir de uma pesquisa iconográfica, o filme mescla elementos de autobiografia e uma reflexão sobre o papel e a presença das babás no cotidiano das famílias de posses brasileiras através do tempo.
	Música	Meninas do rap	Juliana Vicente	O documentário entrevista mulheres ligadas ao hip hop, abordando o histórico feminino dentro do movimento e dando voz a artistas como Negra Li e Karol Conka.
LGBT	Sagrado e Profano	As Filhas da Chiquita	Priscila Brasil	A maior festa católica do Brasil e uma das mais importantes do mundo - a procissão do Círio de Nazaré - acontece ao mesmo tempo que o tradicional encontro homossexual do Estado do Amazonas (a festa de Chiquita). Dois milhões de fervorosos católicos de um lado e dezenas de milhares de homossexuais do outro. O filme revela a relação simbólica entre o sagrado e o profano.
	Corpo	De gravata e unha vermelha	Chnaiderman	Com depoimentos de grandes nomes de um mundo transgressor, onde a sexualidade é reinventada, o documentário cria uma vertigem a partir do jeito que cada um encontra de se respeitar na construção do próprio corpo. No uso das roupas e na criação de contornos, vão surgindo formas disruptoras de vida. O estilista Dudu Bertholini entrevista e revela as experiências peculiares de Laerte, Rogéria, Ney Mato Grosso, Johnny Luxo, Candy Mel e outras personalidades
	Família	A cidade do futuro	Cláudio Marques	Milla, Gilmar e Igor formaram uma família fora do padrão em Serra Ramalho no sertão da Bahia.
Prisões brasileiras	Cotidiano	Nada a ver	Florence Bresson et Lili Goncalvez	No coração do universo carcerário, guardas e prisioneiros contam suas intimidades. Através de suas palavras, gestos e atitudes, afloram a violência de sua realidade social. Mas lá onde tudo parece rígido, duro, surgem durante os depoimentos, fantasmas e ficções.

	Arte	Entre a luz e a sombra	Luciana Burlamaqui	Sophia Bisilliat abandonou sua carreira de atriz para dar curso de teatro na prisão Carandiru em São Paulo. Seus esforços permitem descobrir e ajudar dois detentos, Dexter e Afro-X, que criaram um grupo de RAP com o nome de sua cela: 509-E.
Saúde pública	Peso	Muito além do peso	Estela Renner	Do Brasil ao Kuait, as taxas de obesidade infantil são elevadas. Porque as crianças estão com super peso hoje e dia? A indústria, a publicidade, os órgãos públicos: quem é responsável por esta questão de saúde pública? O filme tenta responder estas questões.
	Hospital Psiquiátrico	A loucura entre nós	Fernanda Fontes Varille	Através dos corredores e celas de um hospital psiquiátrico, o filme nos aprofunda nas buscas de personagens e de suas histórias que revelam fronteiras da loucura. As contradições da razão são abordadas sobretudo por protagonistas femininas, nos leva a refletir a nossos próprios conflitos, desejos e erros.
	Leprosário	Os melhores anos de nossas vidas	Andrea Pasquini	Através de depoimentos de vários doentes que passaram anos em um leprosário, a diretora mostra com poesia e sensibilidade as condições as quais os personagens foram submetidos, assim como os momentos de suas vidas partidas e as diferentes dimensões de seus cotidianos durante os anos no hospital.
	Agrotóxicos	O veneno está na mesa	Sílvio Tendler	O Brasil é o país que utiliza de maneira mais intensiva agrotóxicos nos alimentos: um brasileiro consome em média 5.2 litros de agrotóxicos por ano. Estes produtos químicos provocam graves problemas de saúde. Apesar da interdição governamental relativa à sua utilização, o sistema judiciário age em favor das grandes indústrias químicas. Este documentário analisa os problemas de saúde e no meio ambiente causados pelo uso dos agrotóxicos para explorar as razões políticas deste modelo agrícola que atinge hoje, níveis inegáveis.
		O veneno está na mesa II	Sílvio Tendler	O filme atualiza e avança na abordagem das terríveis consequências para a saúde pública causadas pelo uso dos agrotóxicos dentro do modelo agrícola nacional atual. O filme enfoca a existência de alternativas viáveis de produção de alimentos saudáveis que respeitam a natureza, os trabalhadores rurais e os consumidores. Com este documentário, vem a certeza de que o país precisa tomar um posicionamento diante do dilema que se apresenta: em qual mundo queremos viver? O mundo envenenado do agronegócio ou o da liberdade e diversidade agroecológica?

Futebol	Cultura nacional	O pai do gol	Luiz Ferraz	O diretor acompanha José Silvério, locutor de rádio, o "pai do gol", em sua cabine de transmissão, mostrando através deste retrato a sua relação singular da sociedade brasileira com o futebol.
	Futebol e política	Na estrada com Sócrates	Niko Apel et Ludi Boeken	Em 1984, Daniel Cohn-Bendit (ex-deputado europeu).foi ao Brasil para encontrar a equipe de futebol do Corinthians, liderada por Sócrates. Os jogadores desta equipe sonhavam de uma sociedade igualitária, além dos estádios. Road-movie de Daniel Cohn-Bendit em busca do que resta desse ideal democrático em 2014.
	Copa do Mundo de 2014	Vila das Torres	William Duarte, Marta Pego, Lúcia Pego et Bruno Mancuso	O ponto de vista de alguns habitantes de Vila das Torres, favela do centro de Curitiba face ao megaevento da Copa do Mundo previsto para 2014. Qual será o benefício da Copa para a comunidade? Como a favela será percebida pelos turistas? Como os habitantes da favela podem se organizar para fazer parte do jogo
		Jogos do poder	Susanna Lira	Como a cidade do Rio de Janeiro se prepara para a Copa do Mundo e para os Jogos Olímpicos? Os investimentos são enormes, mas raramente negociados com os responsáveis sociais atingidos na reestruturação da cidade. O filme aborda a questão do direito à cidade e a luta entre governos e residentes
Música brasileira	Samba	Donas do samba	Susanna Lira	Um olhar singular sobre o papel das mulheres no samba. Damas do Samba revela a que ponto a participação feminina é fundamental para a construção desse ritmo brasileiro indispensável, verdadeiro instrumento de resistência sociocultural.
	Nordestina	Dominguinhos	Joaquim Castro, Eduardo Nazarian e Mariana Ayda	Através de raras e preciosas imagens de arquivo e de encontros musicais marcantes com importantes artistas como Gilberto Gil, Gal Costa, Hermeto Pascoal, Djavan, Nara Leão, Luiz Gonzaga, entre muitos outros, “Dominguinhos” revela esse gênio da música brasileira, criador de uma obra profundamente autêntica, universal e contemporânea. O filme valoriza a experiência sensorial e cinematográfica, numa viagem conduzida pelo próprio Dominguinhos.
Oficinas	Imagens Clandestinas	Famillles d'ici et d'ailleurs	Pierre Primetens et Catherine Boutaud,	O filme é resultado de três oficinas realizadas com jovens da França, Portugal e Brasil com apoio da Região Île de France que integrou o quadro do projeto Imagens clandestinas em Île de France. As oficinas foram conduzidas pelos diretores Pierre Primetens e Catherine Boutaud.

	Mate com Angu	Banlieues : caméras croisées - La no fim do mundo Queimado Bicho lamparão Um ano um dia	Carte Blanche au collectif brésilien Mate Com Angu	
	Autres Brésils	Banlieues : caméras croisées - Notre mot famille	França - Hors Cadre/Autres Brésils	
	Kinoforum	Carte blanche à Kinofo- rum - televisão	L. Oliveira, N. Gouvêa, T. de Brito	
		Carte blanche à Kinofo- rum – Armando o bar- raco	R. Valadares, D. Barre- to, F. Oliveira, A. Frei- tas, G. Dantas, F. Dan- tas	
		Carte blanche à Kinofo- rum - Gestando	F. Mendes, F. Felix, M. B. Dos Santos, E. Bor- ges, E. Almeida, M. Silva	
		Carte blanche à Kinofo- rum – Aqui fora	C. Nunes, J. C. Penha	
		Carte blanche à Kinofo- rum – Filhos do trem	de F. Benichio, M. Domingues, R. Silva, L. Rodrigues	
		Carte blanche à Kinofo- rum -O lado B da peri- feria	A. R. da Conceição, B. V. do Nascimento, F. Reite da Silva, J. Sousa Guedes, J. Saraiva	
		Jardim Ângela	Evaldo Mocarzel	